



HISTÓRIA

HISTÓRIA GERAL

PSS 1



HISTÓRIA GERAL

História pré-literária e Civilizações Antigas

História pré-literária: do nomadismo ao sedentarismo

A Pré-História corresponde ao período que compreende o surgimento dos primeiros hominídeos, sua evolução, até o surgimento da escrita e do Estado, por volta de 3.500 a.C. Os seus períodos são:

- ▶ **Paleolítico:** tecnologia mais precária; predominância da economia caçadora e coletora e nomadismo; pintura rupestre e matriarcado social.
- ▶ **Neolítico:** tecnologia mais aperfeiçoada; ocorrência da Revolução Neolítica (Revolução Agropastoril), ou seja, agricultura e domesticação de animais com seus desdobramentos, como a gradativa sedentarização dos grupos humanos, uma divisão social do trabalho e o aparecimento de um rudimentar comércio.
- ▶ **Idade dos Metais:** estágio mais avançado, com a utilização da metalurgia, surgimento de aglomerados urbanos (Revolução Urbana); diferenciação social e aparecimento do Estado, da escrita e de um comércio desenvolvido. É a fase de transição para o Mundo Antigo, com os primeiros Estados: Egito e Mesopotâmia.

Idade Antiga Oriental: as primeiras civilizações

Mesopotâmia

A Mesopotâmia, terra entre os rios Tigre e Eufrates, corresponde hoje, principalmente, ao Iraque. A região é historicamente palco de conflitos: na antiguidade, pelas suas terras férteis em meio aos desertos e, atualmente, por uma combinação de motivos, como o petróleo, a água e até a religião. Entre os povos que dominaram a região, na antiguidade, destacam-se:

- ▶ **Sumérios:** organizados em cidades-Estado, inventaram a escrita cuneiforme.
- ▶ **Acádios:** unificaram a Mesopotâmia com o rei Sargão I.
- ▶ **Amoritas:** com Hamurábi criou-se o primeiro código de leis escritas, baseado na Lei de Talião – “Olho por olho, dente por dente”.

▶ **Assírios:** os maiores guerreiros com um exército permanente e cruel.

▶ **Caldeus:** Nabucodonosor; construção dos Jardins Suspensos da Babilônia, da torre de Babel e escravização dos hebreus – “cativeiro na Babilônia”.

Egito

Caracterizado por Heródoto como “uma dádiva do Nilo”, o Egito teve uma fase de fragmentação política, o **período Pré-dinástico**, com várias aldeias (nomos) margeando o rio Nilo. Estas se uniram e formaram os reinos do Alto e do Baixo Egito, unificados por Menés, primeiro faraó, por volta de 3.200 a.C. Assim se iniciou a fase de centralismo político, o **período Dinástico**, que se subdividiu em Antigo (construção das pirâmides), Médio (invasão dos Hicsos e chegada dos Hebreus) e Novo Império (expansionismo e reforma monoteísta de Amenófis IV).

Destaca-se a intensa religiosidade, com o politeísmo antropozoomórfico. A religião influenciava em todas as demais áreas, como a medicina com a técnica da mumificação dos corpos. Acreditava-se na imortalidade da alma.

Importante

Mesopotâmia e Egito constituem as civilizações do Crescente Fértil, impérios teocráticos de regadio ou Estados hidráulicos, dada dependência em relação às águas dos rios e a necessidade de controlá-las para a agricultura, principal atividade econômica.

Vigorava para os dois povos o modo de produção asiático. O Estado, com um soberano teocrático, era proprietário das terras e orientava a construção de obras públicas. A população empobrecida trabalhava compulsoriamente – era a chamada servidão coletiva – além de pagar tributos ao estado despótico.



Fenícios

Os fenícios, no atual Líbano, foram os maiores **navegadores e comerciantes** da antiguidade. Organizavam-se em cidades-estado governadas pelos sufetas. Foram os criadores do alfabeto fonético e de uma religião politeísta e violenta.

Persas

Os persas ocuparam, em especial, o que corresponde hoje ao Irã. Destacam-se Ciro, O Grande; Cambises e Dario I, criador das **satrapias** e da **moeda chamada dáríco**. Sua religião era dualista, criada por Zoroastro.

Hebreus

A História hebraica divide-se em:

▶ **Patriarcado:** destaca-se Abraão, que iniciou o monoteísmo e levou os hebreus da Mesopotâmia até a Palestina, a Terra Prometida, onde iniciaram os conflitos com cananeus, filisteus, entre outros.

No Egito, foram escravizados, e a fuga foi conduzida por Moisés. Esta fuga é denominada ÊXODO. Moisés também recebeu o decálogo.

▶ **Juizado:** salienta-se Sansão, com várias vitórias mas sem a conquista de toda a região.

▶ **Monarquia:** Saul foi o primeiro rei; Davi derrotou Golias, consolidando o reino e Salomão, com a cobrança de tributos, construiu o Templo de Jerusalém. Houve a divisão do reino em Israel e Judá, fato conhecido por Cisma. Com a invasão romana ocorreu a dispersão dos hebreus pelo mundo – DIÁSPORA.

▶ No século XX os hebreus, denominados a partir de então judeus, foram alvo das perseguições de Hitler, que promoveu o Holocausto judaico – mais de 6 milhões de judeus mortos. Após a II Guerra Mundial, a ONU criou o Estado de Israel na Palestina, em 1948, com a volta de milhares de judeus. Era o chamado SIONISMO. Recomeçam os conflitos dos judeus apoiados pelos EUA, agora contra os palestinos e parte da comunidade árabe.

Idade Antiga Ocidental: sociedades escravistas

Grécia

Períodos:

▶ **Pré-Homérico:** aconteceu o **povoamento** com povos indo-europeus e civilização cretense. Com a invasão dos Dórios ocorreu uma fase de retrocesso cultural e a I Diáspora grega.

▶ **Homérico:** predominou o ruralismo com as aldeias chamadas de **genos**. Com o aumento populacional, o **genos** entrou em decadência, em um processo que vai culminar na **pólis**: cidade-Estado. Ocorreu, ainda, uma colonização grega no sul da Itália (Magna Grécia), a chamada II Diáspora grega.

▶ **Arcaico:** caracteriza-se pelas cidades-Estado, das quais salientam-se **Atenas e Esparta**. Atenas notabilizou-se pelo intenso desenvolvimento cidadão e cultural. Fundada pelos jônios na região da Ática, dedicou-se ao comércio marítimo. Quanto à sua **organização política**, evoluiu até a democracia, na qual participavam apenas os cidadãos, ou seja, homens filhos de pai e mãe ateniense, excluindo da vida política estrangeiros, mulheres e escravos. Esparta, por sua vez, priorizou a sua qualidade guerreira. Localizada no Peloponeso, desenvolveu uma economia voltada

para a agricultura. Politicamente, estruturou-se com a diarquia, a gerúsia, a ápela e o conselho de éforos. Lembremos que, economicamente, na Grécia vigorava o escravismo.

▶ **Clássico:** é a fase das guerras no mundo grego. **Guerras Médicas** foram guerras travadas entre gregos e persas, o maior império do período. Os persas, com Dario I e depois Xerxes, tentaram, sem sucesso, subjugar as cidades-Estado gregas. Após várias batalhas, como Maratona, Plateia, Salamina e Termópilas, os persas reconheceram a liberdade dos gregos. A segunda guerra do período foi a **Guerra do Peloponeso**, causada pelo imperialismo ateniense. Atenas contou com o auxílio da Liga de Delos, por ela chefiada, e Esparta com a Liga do Peloponeso. Ao final de longos e desgastantes conflitos, as cidades-Estado da Grécia ficaram debilitadas e foram dominadas pelos macedônios.

▶ **Helenístico:** fase em que Alexandre, O Grande, conquista a Grécia e o Oriente, provocando a fusão da cultura grega com a oriental, a denominada cultura helenística. Após a morte de Alexandre o império macedônico foi dividido entre seus generais e entrou em declínio.

Cultura grega

Os gregos desenvolveram uma rica cultura, de valor universal através dos tempos. Merecem destaque:

- ▶ Religião: politeísta, antropomórfica. Os deuses habitavam o Olimpo e possuíam características próximas dos humanos, como ódio e paixão, mas diferenciavam-se pela imortalidade.
- ▶ Arquitetura, com os estilos jônico, dórico e coríntio.
- ▶ Escultura, com Míron (*Discóbolo*) e Fídias (Partenon).
- ▶ Literatura, com Homero, autor de *Ilíada* e *Odisseia*.
- ▶ Teatro, com a tragédia e a comédia.
- ▶ Jogos olímpicos, realizados em Olímpia para homenagear os deuses.
- ▶ Filosofia, com Platão, Aristóteles e Sócrates.
- ▶ História, com Heródoto.

Roma

Períodos:

- ▶ **Monarquia:** fase de povoamento da península itálica por povos de origem indo-europeia. Formaram-se as **classes sociais:** patrícios (grandes proprietários), plebeus (camponeses empobrecidos) e escravos.
- ▶ **República:** período de hegemonia política e econômica dos patrícios por meio das instituições políticas da república, como o **senado**. A participação política, no início, era exclusividade da camada patrícia, fato que gerou revoltas da plebe. Entre as **conquistas plebeias** vale lembrarmos: tribuno da plebe; Lei das XII tábuas; Lei Canuleia e Leis Licínias.

Nessa fase, destaca-se, também, a formação do poderoso exército romano, responsável pelo expansionismo territorial, sobretudo com as **guerras púnicas** contra Cartago, conflitos que geravam escravos para a economia romana. Ocorreram, ainda, diversas manifestações populares, como a proposta de Reforma agrária dos Graco e a revolta dos escravos liderados por Espártaco.

A partir da crise social instalada recorreu-se às ditaduras de Mário e Sila. Na transição para o Império temos os triunviratos, sendo que Otávio centralizou o poder e tornou-se o primeiro imperador.

- ▶ **Império:** no **Alto Império** temos o apogeu de Roma com o governo de Otávio Augusto. Este implementou o expansionismo, a *pax romana* e a política do pão e circo. No **Baixo Império** ocorreu a crise do século III, sobretudo pelo fim do expansionismo e a conseqüente carência de escravos; o cristianismo e a crise administrativa e militar. Alguns imperadores, como Diocleciano, Constantino e Teodósio tentaram superar a crise, sem sucesso. Esta crise, somada às invasões bárbaras, acarretaria o fim do Império Romano em 476.



Cultura romana

- ▶ Direito romano;
- ▶ latim;
- ▶ arquitetura: Coliseu, aquedutos, termas;
- ▶ espetáculos violentos.

Democracia no mundo antigo



Afrodite de Cápua, Museu do Louvre. A escultura foi uma das artes mais desenvolvidas na Grécia Antiga, expressando perfeição formal, equilíbrio e serenidade.

Na **Grécia**, notadamente em **Atenas**, surgiu a democracia, fruto de agitações sociais de segmentos desprovidos de direitos de participação política e da ação dos legisladores. Porém, a democracia antiga ("**democracia direta**", diferente da atual "democracia representativa") apresentava limites estratégicos, que permitiam o predomínio das elites agrárias, como os eupátridas atenienses. **A participação cidadã excluía estrangeiros, escravos e mulheres**, considerados seres inferiores na ordem social grega. Apesar disso, se comparada ao despotismo oriental, a democracia grega, mesmo limitada, elitista e escravista, significou um avanço considerável em termos de cidadania.

Em Roma, a democracia não se desenvolveu, mas tivemos a configuração de instituições de participação política bem mais ampliadas que no Crescente Fértil. A República romana, por exemplo, tinha como órgão de decisão máximo o Senado, evidentemente controlado pelos patrícios, a elite agrária. Entretanto, havia outros espaços de participação, como as **assembleias**, nas quais membros da plebe poderiam expressar suas reivindicações. O **monopólio do Senado pelos patrícios** gerou sérias agitações sociais por parte da plebe, exigindo direitos políticos maiores, em verdadeiras ações cidadãs. Por sinal, as reivindicações da plebe não se restringiram à política, mas também à posse da terra, quando os **irmãos Graco** propuseram a reforma agrária em Roma. A plebe romana agia de forma cidadã, exigindo seus direitos. A fase imperial, do ponto de vista da ampliação da participação política, representou um retrocesso, pois a figura do imperador sobrepunha-se às instituições políticas e

Mundo medieval Oriental e Ocidental: organização produtiva, imaginário e cultura

Idade Média Oriental

Imperio Bizantino

Teve como capital **Constantinopla**, antiga colônia grega de Bizâncio. Na política predominou o cesaropapismo, com destaque para **Justiniano** (525-565). Este promoveu a reconquista de terras aos bárbaros, a formação do **Corpus Júrís Civiles**, a construção da catedral de Santa Sofia e enfrentou a Revolta de Nika. No plano religioso, no oriente desenvolveram-se as heresias, como a iconoclastia, que gerou o **Cisma do oriente em 1054**. O Império Bizantino teria seu fim em 1453, com a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, marco inicial da Idade Moderna.

Império Islâmico

A princípio, predominava na **península arábica** o politeísmo e a fragmentação política em várias tribos nômades e sedentárias. O principal centro era a cidade de Meca.

Com **Maomé** teve início a pregação mono-teísta e a unificação política dos árabes. Em 622 d. C., Maomé fugiu de Meca para Yatreb, sendo esse episódio conhecido como Hégira, o início do calendário muçulmano. Em decorrência da "**Guerra Santa**" ocorreu a **expansão árabe** pelo norte da África e pela península ibérica, nos séculos VII e VIII.

Religiosamente, destaca-se a cisão no Islã após a morte de Maomé. Surgem os **Xiitas** e os **Sunitas**. O Alcorão é o livro sagrado dos muçulmanos, contendo indicações de conduta religiosa, política, econômica e social.

Idade Média Ocidental

Feudalismo

Com a queda de Roma diante da crise do século III e das invasões bárbaras, gradativamente foi tomando forma uma nova sociedade, marcada pela exploração dos servos pela camada detentora da terra, os senhores feudais; **economia rural e completo domínio político, econômico e cultural da Igreja Católica**, de longe a instituição mais poderosa do período. A base de todo esse sistema era o feudo, uma unidade de produção agrária que pertencia a uma camada de senhores feudais, nobres ou membros do alto clero. O modo de produção feudal tinha como características:



Organização produtiva do mundo feudal.

► **Política:** os reinos europeus não contavam com um governo centralizado. Embora houvesse reis, estes não tinham poder efetivo. O poder político dividia-se entre os donos dos feudos – os senhores feudais. O senhor feudal era autoridade absoluta no feudo, tendo poderes de administrador, juiz e chefe militar.

► **Economia:** predominou a produção para consumo próprio por meio da agricultura de subsistência (trigo, cevada, centeio, ervilha) e da pecuária. O comércio era quase inexistente. Além disso, procurava-se a autossuficiência. A mão de obra empregada nos feudos era principalmente a servidão. Destaca-se, ainda, a divisão das terras do feudo, chamadas de mansos: mansos senhoriais, servis e comunais. Havia também o sistema de rotação de culturas, que buscava não esgotar o solo. Apesar disso, os períodos de fome eram constantes, uma vez que as técnicas agrícolas eram precárias.

► **Sociedade:** baseava-se na oposição entre senhores feudais e servos, podendo ser caracterizada como estamental, já que não havia mobilidade social. Os servos deviam uma série de obrigações aos senhores, como: corveia, talha, capitação, banalidades, tostão de Pedro, mão-morta, *prima nocte*, etc.

Importante

Os servos eram duplamente explorados: pelos nobres e pela Igreja, embora esta também auxiliasse os servos em determinadas ocasiões. A Igreja detinha o monopólio da cultura, estabelecia o teocentrismo – que atrasava a ciência – controlava 1/3 das terras europeias e condenava atividades com vistas ao lucro, como a usura. Para manter seu poder recorria à Inquisição.

Baixa Idade Média (XI-XV)

A Baixa Idade Média corresponde ao gradativo declínio do sistema feudal. De fato, o aumento da produção agrícola e o crescimento demográfico criaram contradições no mundo feudal. Neste período, a partir do século XI, a Igreja organizou as **Cruzadas**, com o objetivo de libertar a Terra Santa dos turcos muçulmanos. Evidentemente, no decorrer do processo outras motivações também surgiram, como o interesse comercial das cidades italianas em reabrir o comércio no Mar Mediterrâneo.

O único objetivo alcançado plenamente foi a reabertura comercial, provocando o **renascimento comercial e urbano** na Europa. Estes fatos entravam em choque com a estrutura agrária e de subsistência do mundo feudal, contribuindo para o seu declínio.

Com a dinamização das rotas comerciais ganhou impulso a gradativa formação de núcleos urbanos, ao redor de feudos ou nas grandes feiras de comércio. Progressivamente, os mercadores, denominados de **burguesia** (já que viviam protegidos pelas muralhas chamadas de burgos), patrocinaram o **movimento comunal**, ou seja, a independência das comunas ou cidades em relação aos senhores feudais. Isto era obtido pela carta de franquia. Formaram-se guildas (associações de comerciantes) e corporações de ofício (associações de artesãos) que tinham, no entanto, sua atividade comercial freada pela Igreja, que condenava a busca pelo lucro, chamada usura.

Crise feudal dos séculos XIV e XV

Foram fatores desta crise, que representa a transição para a Idade Moderna: as **guerras**, como a dos Cem Anos; a **fome**; a **peste negra**; as revoltas populares. Diante deste caos, formam-se os Estados Nacionais, com a centralização política no rei. Vale lembrar que Portugal e Espanha formaram-se no contexto da Guerra de reconquista e a França com a Guerra dos Cem Anos, por meio do nacionalismo despertado por Joana D'Arc.

Cultura medieval

A cultura e o imaginário medieval foram intensamente marcados pelo teocentrismo, pela fé, pela explicação mística dos fenômenos naturais e sociais, como um reflexo do domínio da Igreja. Esta não aceitava discordância e executou milhares de pessoas sob a acusação de heresia, sobretudo pelo Tribunal da Inquisição. Além disso, salientamos:

- ▶ **Alta Idade Média (V-X):** Santo Agostinho e a primazia da fé sobre a razão; arquitetura com o estilo românico; canto gregoriano; monges copistas.
- ▶ **Baixa Idade Média (XI-XV):** Santo Tomás de Aquino com a escolástica; arquitetura gótica e primeiras universidades. Este novo panorama cultural está ligado ao incremento da economia, com o comércio e a burguesia.



Mundo Moderno I – Séculos XV e XVI: estruturação política, econômica e cultura

Os Estados Nacionais e o Absolutismo

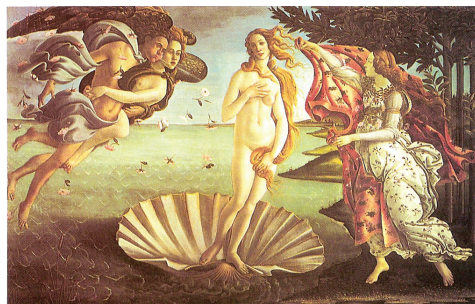
No alvorecer da Idade Moderna, os particularismos feudais e o universalismo da Igreja foram superados pela centralização monárquica – o **rei concentrava todos os poderes**. Este poder logo tornou-se inquestionável – era o chamado Absolutismo.

Para o fortalecimento do rei, foi imprescindível o **apoio financeiro da burguesia**. Barreiras alfandegárias, diversidade de moedas, tributos, pesos e medidas levaram a burguesia a sonhar com uma unificação nacional livre das imposições feudais que restringiam as leis do mercado. Assim, surgiu o interesse pela centralização do poder, única solução para a expansão do mercado.

A burguesia forneceu impostos, armas, munição e tropas, conseguindo, assim, a unificação dos mercados. Os reis centralizaram em suas mãos a justiça, as leis, as moedas e o exército. Nascia o Estado Nacional.

Para a sustentação do poder absoluto dos reis foram importantes os teóricos, como: **Maquiavel, Hobbes, Bossuet e Bodin**.

Renascimento cultural



O nascimento de Vênus, de Botticelli.

O Renascimento foi um **movimento cultural laico, racional e científico** que se estendeu do século XIV ao XVI. Inspirado na cultura greco-romana, rejeitava os valores feudais, considerados irracionais. Valorizava a ciência e o saber em todas as áreas, tendo como expoente Leonardo da Vinci, o “homem completo”: engenheiro, inventor, pintor, anatomista...

Este movimento encontrou força na nova realidade da Europa: poder do rei, reforma religiosa e, principalmente, ampliação do comércio e poder da burguesia. É por isso que **inicia na Itália**, onde o comércio era mais forte e a burguesia mais desenvolvida. Também colaborou para iniciar na Itália o fato de ela ser o berço da cultura romana, provocando a vinda de diversos artistas e sábios, sobretudo de Bizâncio. Na Itália também desen-

volveu-se logo o mecenato, ou seja, a prática de financiar a vida de um artista.

O **elemento central** do Renascimento foi o **humanismo**, a valorização do ser humano – criação privilegiada de Deus. Porém, outras características são importantes, como: **razão, antropocentrismo, classicismo, naturalismo e hedonismo**. Os principais nomes do Renascimento foram:

▶ **Itália:** Maquiavel (*O príncipe*); Leonardo da Vinci (*Mona Lisa, Última Ceia*, desenhos de anatomia, invenções); Michelangelo (*Pietà, Davi, Capela Sistina*); Rafael Sanzio (madonas); Donatello (esculturas); além de Ticiano, Botticelli, Petrarca, Boccaccio e Dante Alighieri, precursor do Renascimento.

▶ **Inglaterra:** T. Mórus (*A Utopia*); Shakespeare (*Hamlet, Rei Lear*).

▶ **França:** Rabelais (*Gargântua e Pantagruel*); Montaigne.

▶ **Espanha:** Miguel de Cervantes (*Dom Quixote*); El Greco (pintura).

▶ **Países Baixos:** Bruegel (pintura); irmãos Van Eyck (pintura).

▶ **Alemanha:** Albrecht Dürer (pintura).

Reformas religiosas

A partir do século XV e principalmente no século XVI, no alvorecer do século XV a Igreja passou a ter seu domínio questionado. Este questionamento partia da nova realidade europeia que chocava-se com o modo de agir da Igreja. Por exemplo, o fortalecimento dos Estados Absolutos que desejavam afastar a Igreja dos assuntos políticos; os nobres que cobiçavam os bens eclesiásticos; o Renascimento Cultural preconizava a razão e a burguesia desejava lucros, proibidos pela Igreja. Salienta-se, ainda, como fator motivador das reformas a corrupção de setores do clero, por meio da venda de indulgências, da simonia e do não cumprimento do celibato. Neste contexto, surgiram os movimentos reformistas.

▶ **Reforma Luterana (1517):** Alemanha; Martinho Lutero; Questão das Indulgências; Dieta de Worms; Dieta de Spira; Dieta de Augsburg; Paz de Augsburg; salvação pela fé.

▶ **Reforma Calvinista (1532):** Suíça; Jean Calvino; justifica a busca pelo lucro; salvação pela predestinação absoluta.

▶ **Reforma Anglicana (1534):** Inglaterra; Rei Henrique VIII; causa política; Ato de Supremacia 1534; rei chefe político e religioso; Elizabeth I consolida o anglicanismo com a Lei dos 39 Artigos.



HISTÓRIA DO BRASIL

Patrimônio cultural brasileiro, ocupação do continente americano e povos nativos da América

Representações culturais: diferenças e similaridades

As sociedades, nos seus mais variados sítios geográficos, elaboram sua cultura ao longo do processo histórico recebendo influências reciprocamente. A cultura, grosseiramente, pode ser definida como um estilo de vida próprio, intrínseco à uma dada sociedade. Os indivíduos que compartilham os mesmos traços culturais possuem o que denominamos de identidade cultural.

Na produção cultural devemos diferenciar a cultura material da imaterial. A cultura material refere-se a qualquer tipo de instrumento produzido em uma sociedade, como ferramentas, máquinas, hábitos alimentares, tipos de habitação, etc. Por sua vez, a cultura imaterial abrange os elementos éticos, morais e intelectuais de uma sociedade, como religiosidade, costumes, ideologia, artes, ciências, folclore, normas de conduta social, etc. A junção da cultura material e imaterial forma o arcabouço cultural de uma determinada sociedade.



Cristo Redentor (RJ), exemplo de cultura material.

Assim, as sociedades indígenas, embora possuam uma imensa variedade cultural entre si, de tribo para tribo, apresentam algumas características comuns que as diferenciam do "homem branco".

É bastante significativa a diferença das sociedades indígenas em relação ao europeu conquistador. Este, em um processo de conquista em que não hesitou em recorrer à força contra o nativo, impôs a cultura europeia, sob justificativa religiosa – a difusão da "verdadeira" fé, a cristã – e dizimou milhares de indígenas, configurando um verdadeiro genocídio. Apesar disso, as revoltas indígenas contra o conquistador sempre ocorreram, como exemplifica a Confederação dos Tamoios e a Guerra Guaranítica, por volta de 1750. A depreciação do elemento indígena pelo europeu alicerçou-se na ideia, errônea, de superioridade dos valores culturais europeus. A

verdade, diga-se, é que os europeus buscavam dividendos econômicos, notadamente metais preciosos e terras para exploração econômica.

Por fim, salientamos que a formação da identidade brasileira resultou da combinação de valores culturais de europeus, indígenas e negros, sendo que hoje, mais do que nunca, devemos buscar um convívio pacífico e solidário com estas etnias.

Origem da humanidade na América

A origem da humanidade na América ainda constitui assunto bastante controverso. Entretanto, as teses mais aceitas pela ciência são: **Teoria Australiana, Teoria Malaio-Polinésia e, principalmente, Teoria Asiática.** Segundo esta última, grupos humanos de caçadores e coletores teriam passado pelo Estreito de Bering na busca de melhores caças, em uma fase de glaciação. Isso teria ocorrido entre 40.000 e 10.000 a. C.

O desenvolvimento desses grupos humanos, após a chegada na América, foi bastante diverso na forma e no tempo. De acordo com as condições materiais onde os grupos se instalaram, resultaram diferentes formações sociais e culturais, desde as sofisticadas civilizações da América Central e Andina até as sociedades indígenas do Brasil.

No território brasileiro, temos vários sítios arqueológicos que demonstram aspectos do desenvolvimento dos nossos nativos, por exemplo: **Lagoa Santa (MG)**, onde foi encontrado o fóssil de **Luzia** (seu crânio, de 11.500 anos, é considerado, inclusive, o mais antigo fóssil humano encontrado nas Américas); **São Raimundo Nonato (PI)**, com resquícios de presença humana datados de mais de **30.000 anos de idade**; **Sambaquis (PR/PA)**, com vestígios de **populações ceramistas** datadas entre 4.000 e 7.000 anos. Neste contexto evolutivo é que chegamos às sociedades indígenas.





Sociedades indígenas

No momento da chegada dos portugueses havia, no Brasil, uma diversidade de povos, culturas e línguas. De maneira geral, três troncos linguísticos se destacam: o **tupi-guarani**, o **jê** e o **aruaque**. Sobre o tupi-guarani, vejamos as seguintes características:

- ▶ **Política:** inexistia na vida indígena a figura do rei e o conceito de Estado, como na Europa de então. A autoridade não se valia do autoritarismo, com a utilização de aparatos coercitivos, mas sim de qualidades. Por exemplo, havia a autoridade do ancião, morubixaba, baseada em sua experiência; a autoridade religiosa e espiritual, do pajé; e a autoridade guerreira, o taxauá.
- ▶ **Economia:** eram sociedades de caçadores e coletores. Em alguns casos, desenvolveram uma agricultura rudimentar, apenas para subsistência. Não produziam excedentes comercializáveis e inexistia a propriedade privada da terra. Predominava um comunismo primitivo.
- ▶ **Sociedade:** igualitária, com a divisão do trabalho baseada no sexo e na idade. Eram, ainda, sociedades politeístas, adoradoras das forças da natureza e, em alguns casos, praticavam rituais de antropofagia. Atualmente, as sociedades indígenas, após um verdadeiro genocídio praticado pelo "Homem branco", estão contempladas na Constituição de 1988 com leis protecionistas.

A luta por direitos



O processo de aculturação atinge diversos indígenas, sobretudo quando próximos às zonas urbanas, e a condição de miserabilidade também é uma tônica.

Os indígenas possuem direitos especificados em lei, a Constituição de 1988, a qual assegura que o indígena é o primeiro e natural senhor da terra brasileira. O texto jurídico afirma que as terras habitadas em estado permanente, utilizadas para atividades produtivas e imperiosas à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem-estar e à reprodução física e cultural de seus usos, costumes e tradições pertencem aos indígenas. Porém, as áreas são da União, a qual transfere aos indígenas o direito de usufruto, vedando-lhes, contudo, a exploração comercial.

Assim, **cabe a União delimitar e demarcar os limites das reservas indígenas**, protegendo-as contra a ação predatória de madeireiras, de mineradores e do agronegócio. Contudo, as áreas de conflito são numerosas, como o caso da Reserva Raposa Serra do Sol, demarcada em 1998 pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e ratificada em 2005 pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva. Foi definido que 1,7 milhão de hectares de terras contínuas seriam reserva indígena, no estado de Roraima. Entretanto, o governo estadual e os rizicultores entraram na justiça para impedir a homologação da reserva.

Nos casos de maior proximidade com centros urbanos, ou mesmo com agricultores, os indígenas vivem em condição de miséria, com altos índices de mortalidade infantil, desnutrição, alcoolismo e doenças sexualmente transmissíveis. As próprias reservas, embora ocupem cerca de 12% do território nacional, são consideradas, em grande parte delas, diminutas e insuficientes para a reprodução de um modo de vida extrativista e seminômade. Dessa maneira, milhares de índios migram para os centros urbanos ou empregam-se no agronegócio com remunerações irrisórias, recrudescendo a penúria.

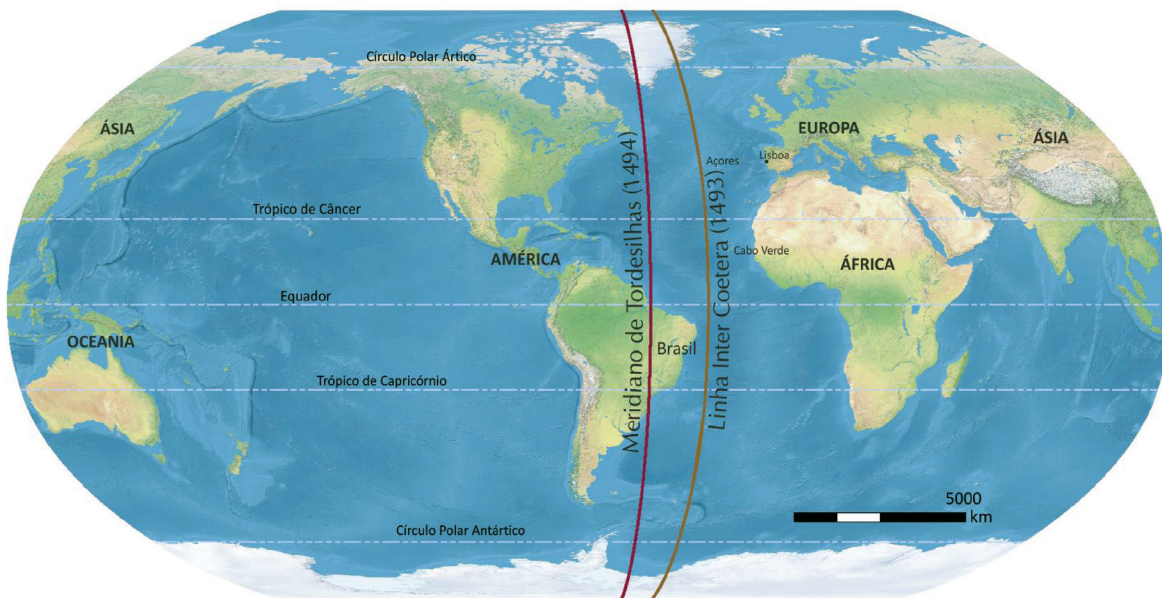
Ainda assim, com problemas e conflitos, a questão indígena avança. Entre os direitos dos índios definidos em lei, está o de escolher o próprio meio de desenvolvimento, incluindo o aprendizado de línguas nativas. Em todo o país, várias universidades já dispõem do sistema de cotas no acesso ao ensino superior e mais de duas mil escolas indígenas funcionam no território brasileiro.

Expansão marítima, colonização e administração europeia nos primeiros anos da conquista

Expansão marítima

O expansionismo marítimo decorreu, em especial, da necessidade de ampliação dos mercados por parte dos reis e da burguesia. **Quebrar o monopólio italiano no Mediterrâneo** encontrando uma rota alternativa para as Índias Orientais era fundamental. Assim, Portugal e em seguida a Espanha se aventuraram no “mar tenebroso”. Destacam-se nas navegações lusas a de Vasco da Gama, em 1498, que chega às Índias Orientais e a de Cabral, em 1500, no Brasil. Do lado espanhol, salienta-se a viagem de Colombo, que chega à América em 1492.

Com a descoberta da rota atlântica para as Índias, decaiu o comércio no Mediterrâneo e procede-se a conquista e a colonização da América. Portugal e Espanha dividem o Novo Mundo entre si através da **Bula Intercoetera**, de 1493, e do **Tratado de Tordesilhas**, de 1494.



Divisão das novas terras descobertas entre Portugal e Espanha segundo os limites imaginários traçados pela Bula Inter Coetera e pelo Tratado de Tordesilhas.

A exploração mercantilista

Prática política e econômica do Estado Absolutista, caracterizava-se **pelo intervencionismo estatal, metalismo, balança comercial favorável, protecionismo, colonialismo**, e, a partir da conquista das colônias com a expansão marítima, o pacto colonial, que regulava as relações de comércio entre metrópole e colônia, desfavorecendo esta última. O monopólio do comércio colonial era exercido rigidamente, não se permitindo nenhuma liberdade comercial à colônia. Em síntese, a colônia tinha a função de enriquecer a metrópole. Para isso, enviava matéria-prima e comprava manufaturados, o que acarretava uma balança comercial deficitária à economia colonial.

Destaca-se, ainda, que a acumulação de capital deveria se fazer na metrópole, economia central, ao passo que a colônia constituía uma economia complementar àquela.

A partir da chegada dos portugueses ficou claro seu interesse em encontrar ouro em terras brasileiras, como evidencia a carta de Caminha ao rei de Portugal, tudo de acordo com o ideário mercantilista. Não o encontrando e tendo altos lucros no comércio oriental, Portugal deixaria o Brasil em segundo plano de 1500 até 1530, o denominado período pré-colonial.

Período Pré-colonial (1500-1530)

Fase em que Portugal não efetiva a colonização. Apesar disso, são enviadas expedições que encontram o **pau-brasil**. Inicia-se, então, a exploração desta madeira com mão de obra índia, por meio do **escambo**. Lembremos que essa exploração era monopólio real, o denominado estanco.

A partir de 1530, com o **declínio do comércio com o Oriente** e as ameaças francesas no Brasil, Portugal decide pela colonização, sendo a primeira expedição colonizadora a de Martim Afonso de Souza, que fundou São Vicente.



América Pré-Colombiana e Colonização Espanhola e Inglesa

Ao chegarem à América os espanhóis encontraram civilizações desenvolvidas: **Incas (Andes)**, **Astecas (México)** e **Maias (Península do Yucatã)**. Estas civilizações caracterizaram-se por estruturar governos teocráticos e despóticos; uma economia centrada na agricultura em que trabalhavam os camponeses submetidos ao poder da camada dirigente.

Fernão Cortez conquistou os Astecas e Francisco Pizarro destruiu o Império Inca. Ao longo da colonização, com a mortandade de indígenas, ocorreu um verdadeiro genocídio.

▶ **América Espanhola:** os espanhóis criaram diversos órgãos para a colonização, como o Conselho das Índias (administração) e a Casa de Contratação (comércio). Na América criaram os **vice-reinos** e as **capitanias gerais**, além dos cabildos (câmaras municipais). Economicamente, explorou-se o **ouro e a prata** com mão de obra escrava do índio, por meio da **"mita"** e da **"encomienda"**. O comércio entre metrópole e colônia obedecia à rigidez do pacto colonial do norte, estabelecendo-se, inclusive, o "regime do porto único".

▶ **América Inglesa:** no início do século XVII foram fundadas as **13 colônias**, sendo as do norte de **povoamento** e as do sul de **exploração**. Ao norte migraram foragidos políticos e religiosos, em sua maioria oriundos da Inglaterra. Não sofrendo os rigores do pacto colonial, desenvolveram uma **economia diversificada, com mão de obra livre, manufaturas e comércio**. Já no sul, a exploração se deu pelas companhias de comércio, que implantaram o sistema do latifúndio monocultor e escravista.

Brasil colônia: estruturas econômicas, sociedade e invasões estrangeiras entre os séculos XVI e XVIII

Período colonial (1530-1822)

Administração colonial

1534: Capitanias Hereditárias

Caracterizou-se pela **descentralização política** e pela ausência de investimentos estatais, pois o Rei D. João III repassou o ônus da colonização a particulares. A oficialização de uma Capitania se dava pelo Foral (direitos e deveres) e pela Carta de Doação (posse). Havia ainda a possibilidade de doação de **sesmarias**, o que agravou a concentração de terras nas mãos de poucos proprietários. O **sistema de Capitanias fracassou**, com exceção de Pernambuco e de São Vicente.

1549: Governo Geral

Representou a centralização política. O primeiro governador geral foi Tomé de Souza, que fundou Salvador, o primeiro bispado e introduziu os primeiros **escravos africanos e jesuítas**, como Manuel da Nóbrega. O segundo foi Duarte da Costa, em uma fase em que os franceses invadiram o RJ e fundaram a França Antártica, em 1555. O terceiro, Mem de Sá, expulsou os franceses e pacificou os índios.

Completavam o sistema administrativo as **Câmaras Municipais**, das quais participavam apenas os latifundiários – “**homens bons**” – e a Igreja, com a Ordem dos Jesuítas, que se destacou no combate à escravidão indígena. Formaram-se missões e reduções jesuítas na Amazônia e no Sul, onde as comunidades nativas eram aculturadas.

Economia colonial: ciclo do açúcar (XVI-XVII)

A partir da constatação da viabilidade da produção açucareira em solo colonial, somado ao fato de Portugal já cultivar a cana-de-açúcar nas ilhas do Atlântico e o **alto valor** do produto na Europa, edificou-se uma **economia monocultora em grandes latifúndios**. O destino da produção era a Europa, um **comércio de exportação**. Todas essas características podem ser sintetizadas na expressão **plantation**. A unidade básica de produção era constituída pelo engenho. Este compreendia as instalações produtivas, como a casa de purgar e as caldeiras, mas também a casa-grande, a senzala, as plantações e a criação de gado, atividade secundária que contribuiu para interiorização do território ocupado.

Quanto à mão de obra, empregou-se o **escravismo, a princípio indígena, logo substituído pelo negro africano**, mais lucrativo à burguesia metropolitana lusa. Os escravizados negros eram transportados em **navios tumbeiros**, com péssimas condições, com grande mortandade na travessia do Atlântico. No Brasil açucareiro, os escravizados negros eram “as mãos e os pés do senhor de engenho”, realizando todos os trabalhos da produção. Eram tratados como mercadorias e submetidos a castigos físicos desumanos.

Apesar de toda violência, os **negros conseguiram preservar parte de sua cultura**, como as religiões afro e a capoeira. A resistência negra à escravidão era constante, por meio de fugas, revoltas, abortos, suicídios e formação de **quilombos, como o de Palmares**, em Alagoas. Quanto à alimentação dos escravizados, era fundamentado na **Brecha Camponesa**, um espaço cedido pelo latifundiário para que o negro produzisse seu próprio alimento.

Lembremos, também, que os **holandeses eram encarregados do transporte e refino do açúcar**, que ocorria em Amsterdã. Desta forma, os lucros do açúcar não revertiam somente para Portugal.

Socialmente, o nordeste açucareiro formou uma **sociedade polarizada** entre senhores de engenho e escravizados, em que a posse desses últimos representava poder e prestígio. Os homens livres constituíam um número bastante reduzido. A possibilidade de **mobilidade social era praticamente nula**, caracterizando uma sociedade estamental. Culturalmente, nessa fase, tivemos a formação do Barroco literário, com nomes como Gregório de Matos.



As lutas dos escravizados e suas conquistas atuais



Tela de Johann Moritz Rugendas (XIX). Observamos que os trabalhos manuais eram executados pelos negros escravizados, a exemplo do preparo da farinha de mandioca, demonstrado na tela.

Os quilombos foram a principal forma de luta dos escravizados, destacando-se o de Palmares, em Alagoas, no século XVII. Perdurou por 65 anos, até ser massacrado pela elite latifundiária de Pernambuco. **O dia da execução de Zumbi, líder negro, 20 de novembro de 1695, é considerado, hoje, o Dia da Consciência Negra.**

Apesar de toda a violência a que foram submetidos, os trabalhos desumanos e a expectativa de apenas sete anos de vida, os negros escravizados sempre lutaram contra o escravismo, seja com rebeldias como os quilombos, seja com desleixo e sabotagem no trabalho, e **conseguiram manter vivas suas tradições culturais**, muitas evidentes no Brasil contemporâneo. Basta que lembremos do **samba**, da **capoeira**, das **religiões afro**, do azeite de dendê, da pimenta malagueta, do angu, do acarajé, enfim, a contribuição cultural negra está viva e pujante.

Atualmente, a questão racial apresenta-se como necessária e urgente. O fim da escravidão, em 1888, desacompanhado de políticas de inclusão social reduziu a ampla maioria da população negra a uma condição de miséria, abandono e preconceito. Hoje, **os negros são a parcela menos favorecida da população**, a qual enfrenta as maiores privações socioeconômicas, possuem os maiores índices em miséria, homicídios, analfabetismo, enfermidades e problemas sociais de toda ordem. Apesar de serem a maioria da população, são a **minoridade no ensino superior** (48,3%, segundo dados de 2022 do IBGE) e recebem os mais baixos salários. Tudo isso, evidentemente, na comparação com os brancos.

Diante desse quadro, autoridades e intelectuais debatem sobre medidas capazes de amenizar o abismo social entre brancos e negros, produzindo as denominadas **ações afirmativas**. Essas são **políticas públicas** que procuram abrir oportunidades aos grupos que sofrem discriminação, como os negros – exemplo importante é a reserva de cotas no ensino superior. No entanto, se de um lado temos o avanço das discussões sobre a necessidade de ações afirmativas, de outro ainda há entraves por parte de parcelas da sociedade.



Invasões holandesas

As invasões estrangeiras no Brasil remontam ao período pré-colonial, com as investidas francesas. Os ingleses, por meio da pirataria, também atuavam no Brasil. Porém, as principais invasões foram as holandesas, em 1624 e 1630, na Bahia e em Pernambuco, respectivamente (na Bahia, fracasso; em Pernambuco, sucesso). Para explicar o que motivou as invasões holandesas precisamos entender a União Ibérica (1580-1640).

União Ibérica (1580-1640): significou o domínio espanhol sobre Portugal e suas colônias. No Brasil, o **Tratado de Tordesilhas foi suspenso, contribuindo para incursões portuguesas no interior do território**, constituindo uma verdadeira expansão territorial.

No que diz respeito aos holandeses, Filipe II, rei espanhol, proibiu a participação da Holanda no negócio açucareiro em terras brasileiras. A reação holandesa foi a criação da Cia. das Índias Ocidentais e a invasão do nordeste do Brasil. Com o triunfo da Cia. em Pernambuco (1630), formou-se a colônia holandesa de Nova Amsterdã ou Nova Holanda, administrada pelo conde **Maurício de Nassau (1637-1644)**. A administração de Nassau caracterizou-se por: tolerância religiosa; desenvolvimento urbano e cultural (Recife); vinda dos irmãos Post (incentivo à cultura) e incremento da produção açucareira, com empréstimos aos latifundiários da região.

Quando a Cia. das Índias Ocidentais mudou sua política financeira colonial, procurando reduzir os gastos e rever os empréstimos, explodiu a **Insurreição Pernambucana (1645-1654)**, que expulsou os holandeses do Brasil. A maior repercussão foi a concorrência do açúcar produzido pela Holanda nas Antilhas com o açúcar brasileiro, que entrou em decadência.

Invasão Francesa (1555)

Liderando grupos de perseguidos religiosos franceses, **Vileganon funda a França Antártica**, onde hoje é o **Rio de Janeiro**.

Com interesses mercantis do Pau-Brasil, os franceses aliam-se aos Tamoios e passam a fazer uma frente de oposição contra os portugueses.

Após Mem de Sá nomear seu sobrinho, Estácio de Sá, para combater os franceses, estes são derrotados e expulsos do Rio de Janeiro. Em **1612**, os franceses fundam a **França Equinocial**, no **Maranhão**, mas em seguida são expulsos novamente.

Expansão territorial e interiorização do Brasil

Formação territorial

Durante o período açucareiro, nos séculos XVI e XVII, e o período aurífero, nos séculos XVII e XVIII, tivemos várias atividades que contribuíram para o alargamento da ocupação lusa na colônia, saindo do litoral em direção ao continente. Entre as principais atividades, destacamos:

- ▶ A construção de fortes militares, que dariam origem a algumas cidades;
- ▶ a União Ibérica (1580-1640);
- ▶ a pecuária, no nordeste e no sul;
- ▶ as missões e reduções jesuítas;
- ▶ as Entradas e Bandeiras;
- ▶ a mineração;
- ▶ as drogas do sertão, na Amazônia;
- ▶ o algodão, no Maranhão.

Entradas e Bandeiras

Foram expedições que penetraram pelo interior em busca de metais preciosos, principalmente. As **Entradas eram oficiais** e não tiveram maiores resultados. Já as **Bandeiras, expedições particulares**, partiam da Capitania de São Vicente (atual São Paulo) e conseguiram descobrir ouro em MG. Além disso, caçaram milhares de indígenas, sobretudo nas Missões, e negros fugidos que foram vendidos como escravos. Com a descoberta do ouro, possivelmente por Arzão, em 1693, iniciava-se o ciclo minerador na colônia.

Tratados de limites

Quanto aos tratados de limites, salienta-se a questão da fronteira sul, com a **criação da Colônia do Sacramento em 1680** pelos portugueses, em território pertencente à Espanha, no atual Uruguai. Logo após, são criados os **7 Povos das Missões, com jesuítas espanhóis**. A partir de então ocorreram vários tratados para solucionar o problema fronteiriço, dos quais destacamos:

- ▶ **Tratado de Madrid, de 1750:** obedecia à tese do *uti possidetis*. Assim, Sacramento passava para Espanha e os 7 Povos para Portugal, requerendo a permuta dos habitantes. Como os índios missioneiros não aceitaram, estourou a Guerra Guaranítica. Como resultado do conflito, os territórios da Amazônia e do Centro-Oeste foram para Portugal.
- ▶ **Tratado de El Pardo, de 1761:** tentativa espanhola de anular o tratado anterior, sem efeitos contundentes.
- ▶ **Tratado de Santo Ildefonso, de 1777:** desvantajoso para Portugal, uma vez que cedia tanto Sacramento quanto 7 Povos para a Espanha.
- ▶ **Tratado de Badajoz, de 1801:** a fronteira sul voltou, praticamente, à linha estabelecida pelo Tratado de Madrid.





Ciclo do ouro (XVII-XVIII)

No final do século XVII (1693) foram descobertas as primeiras jazidas auríferas em solo brasileiro. A notícia espalhou-se rapidamente e ocasionou uma verdadeira “**corrida do ouro**”, fato que gerou inúmeros conflitos, como a Guerra dos Emboabas.

A administração das Minas era controlada por Portugal, a partir da **Intendência das Minas**, criada em 1702. Esta era responsável pela distribuição dos lotes (datas), fiscalização, justiça e cobrança dos tributos, dos quais destacava-se o “quinto”, ou seja, 20% do ouro extraído era revertido para a coroa lusa. Em seguida foram criadas as **casas de fundição**, onde o ouro seria transformado em barra e quintado, evitando o contrabando. Outros impostos foram as 100 arrobas por ano por região mineradora e a “**derrama**”. Quanto à mão de obra, também se empregava o negro escravizado, duramente explorado.

Destaca-se, ainda, que, junto do ouro, organizou-se a **exploração dos diamantes**, com uma estrutura bastante semelhante, sendo criada a Intendência dos Diamantes.

O Brasil mudou bastante com a economia do ouro, surgindo um **comércio interno** de abastecimento da região mineradora; uma **sociedade mais urbana, comercial e com mobilidade social**; um grupo de intelectuais ligados ao Arcadismo; o barroco nas artes plásticas, em que se destaca o mestre Aleijadinho, e a **troca da capital** para o Rio de Janeiro em 1763.

Por fim, lembremos do **Tratado de Methuen**, de 1703, também denominado de Tratado dos Panos e dos Vinhos. Ele acarretou um enorme *deficit* comercial para Portugal, que passou, definitivamente, a depender economicamente dos ingleses. O ouro extraído no Brasil, no final, desembarcava na Inglaterra.

A Era Pombalina

Em 1750 assume o trono português D. José I. Enfrentando inúmeras dificuldades econômicas, sofre abalos ainda maiores com um terremoto que ocorre em Lisboa, destruindo a cidade. Para tentar **modernizar o reino**, nomeou para primeiro ministro **Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal**. Entre suas realizações, inspiradas em algumas ideias iluministas, encontram-se:

- ▶ extinção das capitanias hereditárias - 1759;
- ▶ mudança da capital para o Rio de Janeiro - 1763;
- ▶ criação de companhias monopolistas comerciais como: Cia. Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1756) e Cia. Geral de Pernambuco e Paraíba (1759);
- ▶ expulsão dos jesuítas (1759).

Pode-se afirmar que a administração pombalina representou o **acirramento da exploração** colonial, fato que **geraria protestos** variados no Brasil.

Os viajantes estrangeiros

O francês **Saint-Hilaire** percorreu mais de dez mil quilômetros na colônia Brasil, passando por Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Coletava amostras de plantas e de minerais, além de realizar observação minuciosa de todos os pormenores da vida cotidiana. Sua obra sobre o Brasil abarcou nove volumes e constitui importante relato, na qualidade de documento histórico, sobre o Brasil colonial e os primeiros anos após a independência.



Obra de Debret, intitulada *O caçador de escravos*. O registro do cotidiano do Brasil constitui marca estilística dos viajantes do século XIX.

Jean-Baptiste Debret, também integrante da Missão Artística Francesa, tornou-se o mais destacado cronista visual do Brasil do século XIX, elaborando mais de duzentas gravuras e obras, as quais retratam, em parte, a história da vida privada nos trópicos. Debret percorreu as localidades do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e elaborou uma obra iconográfica que contribuiu decisivamente para o entendimento do Brasil à época. Ele registrou: os senhores, a escravaria, os costumes, a indumentária, os animais, as ruas, as praças, a arquitetura, os trabalhos e, de forma impressionante, os castigos infligidos aos negros. Sua obra, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, divide-se em três partes: primeiro volume, um retrato da vida indígena; segundo, dedicado aos escravizados; terceiro, pinceladas da vida urbana e da política.

O alemão **Johan Moritz Rugendas** esteve no Brasil na mesma época de Debret e, como este, legou extensa obra, sobremaneira visual, do cotidiano do século XIX. Rugendas deixou mais de cem trabalhos que elucidam de maneira detalhada a natureza, os habitantes, os costumes e as cidades brasileiras no alvorecer do século XIX.



HISTÓRIA GERAL

HABILIDADES À PROVA 1

» História Pré-Literária e civilizações antigas

○ 1. (ENEM-2021)

TEXTO I

“Portadoras de mensagem espiritual do passado, as obras monumentais de cada povo perduram no presente como o testemunho vivo de suas tradições seculares. A humanidade, cada vez mais consciente da unidade dos valores humanos, as considera um bem comum e, perante as gerações futuras, se reconhece solidariamente responsável por preservá-las, impondo a si mesma o dever de transmiti-las a plenitude de sua autenticidade.”

(Carta de Veneza, 31 de maio de 1964. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em: 7 out. 2019.)

TEXTO II

“Os sistemas tradicionais de proteção se mostram cada vez menos eficientes diante do processo acelerado de urbanização e transformação de nossa sociedade. A legislação de proteção peca por considerar o monumento, até certo ponto, desvinculado da realidade socioeconômica. O tombamento, ao decretar a imutabilidade do monumento, provoca a redução de seu valor venal e o abandono, o que é uma causa, ainda que lenta, de destruição inevitável.”

(TELLES, L. S. Manual do patrimônio histórico. Porto Alegre; Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Bréides, 1977 (adaptado).)

Escritos em temporalidade histórica aproximada, os textos se distanciam ao apresentarem pontos de vista diferentes sobre a(s):

- a) ampliação do comércio de imagens sacras.
- b) substituição de materiais de valor artístico.
- c) políticas de conservação de bens culturais.
- d) defesa da privatização de sítios arqueológicos.
- e) medidas de salvaguarda de peças museológicas.

○ 2. (ENEM) De modo geral, os logradouros de Fortaleza, até meados do século XIX, eram conhecidos por designações surgidas da tradição ou de funções e edificações que lhes caracterizavam. Assim, chamava-se Travessa da Municipalidade (atual Guilherme Rocha) por ladear o prédio da Intendência Municipal; S. Bernardo (hoje Pedro Pereira) por conta de igreja homônima; Rua do Cajueiro (atual Pedro Borges) por abrigar uma das mais antigas e populares árvores da capital. Já a Praça José de Alencar, na década de 1850, era popularmente designada por Praça do Patrocínio, pois, em seu lado norte se encontrava uma igreja homônima.

SILVA FILHO, A. L. M. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult-CE, 2001 (adaptado).

Os atos de nomeação dos logradouros, analisados de uma perspectiva histórica, constituem:

- a) formas de promover os nomes das autoridades imperiais.
- b) modos oficiais e populares de produção da memória nas cidades.
- c) recursos arquitetônicos funcionais à racionalização do espaço urbano.
- d) maneiras de hierarquizar estratos sociais e dividir as populações urbanas.
- e) mecanismos de imposição dos itinerários sociais e fluxos econômicos na cidade.

○ 3. (ENEM-2020) “A reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada, distinta, individual. Mas não se tratava mais de fazer, simplesmente, a história dos grandes nomes, em formato hagiográfico — quase uma vida de santo —, sem problemas, nem máculas. Mas de examinar os atores (ou o ator) célebres ou não, como testemunhas, como reflexos, como reveladores de uma época.”

(DEL PRIORE, M. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história*. Topoi, n. 19, jul.-dez. 2009.)

De acordo com o texto, novos estudos têm valorizado a história do indivíduo por se constituir como possibilidade de:

- a) adesão ao método positivista.
- b) expressão do papel das elites.
- c) resgate das narrativas heroicas.
- d) acesso ao cotidiano das comunidades.
- e) interpretação das manifestações do divino.



○ 4. (ENEM) A história não corresponde exatamente ao que foi realmente conservado na memória popular, mas àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo. Os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos nesse processo, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, a demolição e a reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública na qual o homem atua como ser político.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 (adaptado).

Uma vez que a neutralidade é inalcançável na atividade mencionada, é tarefa do profissional envolvido:

- a) criticar as ideias dominantes.
- b) respeitar os interesses sociais.
- c) defender os direitos das minorias.
- d) explicitar as escolhas realizadas.
- e) satisfazer os financiadores de pesquisas.

Anotações:



○ 5. (ENEM)





Quem construiu a Tebas de sete portas?
 Nos livros estão nomes de reis.
 Arrastaram eles os blocos de pedra?
 E a Babilônia várias vezes destruída. Quem a reconstruiu
 tantas vezes?
 Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?
 Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da
 China ficou pronta?
 A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
 Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os céсарes?

BRECHT, B. *Perguntas de um trabalhador que lê*. Disponível em: recantodasletras.uol.com.br. Acesso em: 28 abr. 2010.

Partindo das reflexões de um trabalhador que lê um livro de História, o autor censura a memória construída sobre determinados monumentos e acontecimentos históricos. A crítica refere-se ao fato de que:

- a) os agentes históricos de uma determinada sociedade deveriam ser aqueles que realizaram feitos heroicos ou grandiosos e, por isso, ficaram na memória.
- b) a História deveria se preocupar em memorizar os nomes de reis ou dos governantes das civilizações que se desenvolveram ao longo do tempo.
- c) grandes monumentos históricos foram construídos por trabalhadores, mas sua memória está vinculada aos governantes das sociedades que os construíram.
- d) os trabalhadores consideram que a História é uma ciência de difícil compreensão, pois trata de sociedades antigas e distantes no tempo.
- e) as civilizações citadas no texto, embora muito importantes, permanecem sem terem sido alvos de pesquisas históricas.

○ 6. (ENEM) Os quatro calendários apresentados abaixo mostram a variedade na contagem do tempo em diversas sociedades.

<p>1º DE JANEIRO DE 2000</p>  <p>OCIDENTAL (Gregoriano)</p> <p>■ Baseado no ciclo solar, tem como referência o nascimento de Cristo.</p>	<p>24 DE RAMADA DE 1378</p>  <p>ISLÂMICO</p> <p>■ A base é a Lua. Inicia-se com a fuga de Maomé de Meca, em 622 d.C.</p>
<p>23 DE TEVET DE 5760</p>  <p>JUDAICO</p> <p>■ Calendário Lunar, parte da criação do mundo conforme a Bíblia.</p>	<p>7º DIA DO 12º MÊS DO ANO DO COELHO</p>  <p>CHINÊS</p> <p>■ Referência Lunar. Iniciado em 2697 a.C., ano do patriarca chinês Huangti.</p>

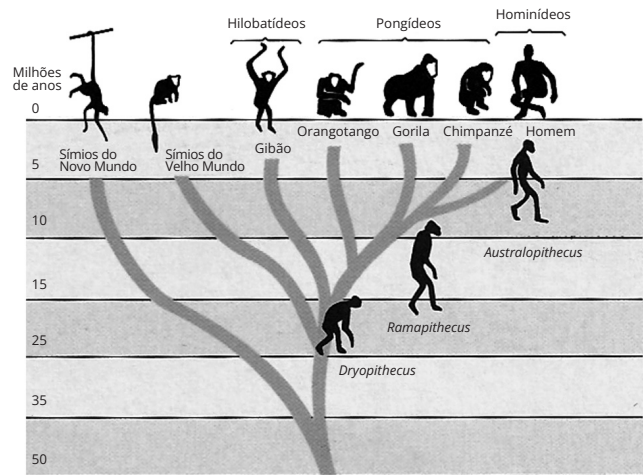
Adaptado de Época, nº 55, 7 de junho de 1999.

Com base nas informações apresentadas, pode-se afirmar que:

- a) o final do milênio, 1999/2000, é um fator comum às diferentes culturas e tradições.
- b) embora o calendário cristão seja hoje adotado em âmbito internacional, cada cultura registra seus eventos marcantes em calendário próprio.

- c) o calendário cristão foi adotado universalmente porque, sendo solar, é mais preciso que os demais.
- d) a religião não foi determinante na definição dos calendários.
- e) o calendário cristão tornou-se dominante por sua antiguidade.

○ 7. (ENEM) O assunto na aula de biologia era a evolução do Homem. Foi apresentada aos alunos uma árvore filogenética, igual à mostrada na ilustração, que relacionava primatas atuais e seus ancestrais.



Mamíferos insetívoros – árvore filogenética provável dos antropóides.

Após observar o material fornecido pelo professor, os alunos emitiram várias opiniões, a saber:

- I. os macacos antropóides (orangotango, gorila, chimpanzé e gibão) surgiram na Terra mais ou menos contemporaneamente ao Homem.
- II. alguns homens primitivos, hoje extintos, descendem dos macacos antropóides.
- III. na história evolutiva, os homens e os macacos antropóides tiveram um ancestral comum.
- IV. não existe relação de parentesco genético entre macacos antropóides e homens.

Analisando a árvore filogenética, você pode concluir que:

- a) todas as afirmativas estão corretas.
- b) apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- c) apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
- d) apenas a afirmativa II está correta.
- e) apenas a afirmativa IV está correta.

○ 8. (ENEM) Os nossos ancestrais dedicavam-se à caça, à pesca e à coleta de frutas e vegetais, garantindo sua subsistência, porque ainda não conheciam as práticas de agricultura e pecuária. Uma vez esgotados os alimentos, viam-se obrigados a transferir o acampamento para outro lugar.

HALL, P. P. *Gestão ambiental*. São Paulo: Pearson, 2011 (adaptado).

O texto refere-se ao movimento migratório denominado:

- a) sedentarismo.
- b) transumância.
- c) êxodo rural.
- d) nomadismo.
- e) pendularismo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.810, de 19 de fevereiro de 1998.



9. (ENEM)



Nova Escola, nº 226, out. 2009.

A tirinha mostra que o ser humano, na busca de atender suas necessidades e de se apropriar dos espaços:

- adotou a acomodação evolucionária como forma de sobrevivência ao se dar conta de suas deficiências impostas pelo meio ambiente.
- utilizou o conhecimento e a técnica para criar equipamentos que lhe permitiram compensar as suas limitações físicas.
- levou vantagens em relação aos seres de menor estatura, por possuir um físico bastante desenvolvido, que lhe permitia muita agilidade.
- dispensou o uso da tecnologia por ter um organismo adaptável aos diferentes tipos de meio ambiente.
- sofreu desvantagens em relação a outras espécies, por utilizar os recursos naturais como forma de se apropriar dos diferentes espaços.

10. (ENEM-2020) "A arte pré-histórica africana foi incontestavelmente um veículo de mensagens pedagógicas e sociais. Os San, que constituem hoje o povo mais próximo da realidade das representações rupestres, afirmam que seus antepassados lhes explicaram sua visão do mundo a partir desse gigantesco livro de imagens que são as galerias. A educação dos povos que desconhecem a escrita está baseada sobretudo na imagem e no som, no audiovisual."

(KI-ZERBO, J. A arte pré-histórica africana. In: KI-ZERBO, J. (Org.). História geral da África, I: metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010.)

De acordo com o texto, a arte mencionada é importante para os povos que a cultivam por colaborar para o(a):

- transmissão dos saberes acumulados.
- expansão da propriedade individual.
- ruptura da disciplina hierárquica.
- surgimento dos laços familiares.
- rejeição de práticas exógenas.



11. (ENEM-2021) "No seio de diversos povos africanos, nomeadamente no antigo Reino do Congo, existem testemunhos gráficos de que a escrita tomava várias formas. Exemplo disso são as tampas de panela esculpidas em baixo-relevo do povo Woyo (região de Cabinda), com cenas e provérbios do cotidiano, desenhos na terra ou areia, imagens gravadas ou inscritas nos bastões de chefe ou em pedras sagradas, mas, sobretudo, movimentos do corpo humano inscritos num gestual familiar. Entre Woyo existia o costume de os pais oferecerem aos filhos testos ou tampas de panelas entalhados, transmitindo uma espécie de recado, com signos codificados que traduziam orientações para conseguir uma boa relação conjugal, ter sensatez na escolha do cônjuge e estar alerta para as dificuldades do casamento."

(RODRIGUES, M. R. A. M.; TAVARES, A. C. P. Singularidades museológicas de uma tábua com esculturas em diálogo: do alambamento ao casamento em Cabinda (Angola). Anais do Museu Paulista, n.2, maio-ago. 2017 (adaptado).

Para o povo Woyo, os artefatos culturais mencionados no texto cumprem a função de uma:

- pedagogia dos costumes sociais.
- imposição das formas de comunicação.
- desvalorização dos comportamentos da juventude.
- destituição dos valores do matrimônio.
- etnografia das celebrações religiosas.

12. (ENEM) Se compararmos a idade do planeta Terra, avaliada em quatro e meio bilhões de anos ($4,5 \cdot 10^9$), com a de uma pessoa de 45 anos, então, quando começaram a florescer os primeiros vegetais, a Terra já teria 42 anos. Ela só conviveu com o homem moderno nas últimas quatro horas e, há cerca de uma hora, viu-o começar a plantar e a colher. Há menos de um minuto, percebeu o ruído de máquinas e de indústrias e, como denuncia uma ONG de defesa do meio ambiente, foi nesses últimos sessenta segundos que se produziu todo o lixo do planeta!

O texto acima, ao estabelecer um paralelo entre a idade da Terra e a de uma pessoa, pretende mostrar que:

- a agricultura surgiu logo em seguida aos vegetais, perturbando desde então seu desenvolvimento.
- o ser humano só se tornou moderno ao dominar a agricultura e a indústria, em suma, ao poluir.
- desde o surgimento da Terra, são devidas ao ser humano todas as transformações e perturbações.
- o surgimento do ser humano e da poluição é cerca de dez vezes mais recente que o do nosso planeta.
- a industrialização tem sido um processo vertiginoso, sem precedentes em termos de dano ambiental.

13. (UFSM) "A História não é um progresso linear e contínuo, uma sequência de causas e efeitos, mas um processo de transformações sociais determinadas pelas contradições entre os meios de produção (a forma da propriedade) e as forças produtivas (o trabalho, seus instrumentos, as técnicas). A luta de classes exprime tais contradições e é o motor da História."

CHAUÍ, M. Filosofia. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2003. p. 219.

Essas ideias de Karl Marx (1818-1883) influenciaram o desenvolvimento da ciência da História com a formação _____, corrente de produção do conhecimento que utiliza o conceito de _____ como um dos instrumentos teóricos fundamentais para a compreensão do processo histórico nas suas múltiplas e complexas dimensões - econômicas, sociais, políticas, ideológicas, culturais, etc. - e para o entendimento das transformações que afetam a vida concreta dos seres humanos.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

- do Positivismo Científico - fatos empíricos
- da Escola Metódica - objetividade histórica
- do Materialismo Histórico - modo de produção
- da História Nova - estruturas de longa duração
- da História Cultural - relativismo cultural



○ 14. (UFSM)

ASSERÇÃO

Na atualidade, a produção do conhecimento histórico caracteriza-se pela utilização de um conjunto de perspectivas teóricas que incluem, fundamentalmente, conceitos, como ciência social, processos, relações, tempo e espaço

PORQUE

RAZÃO

o objetivo central da História é a compreensão dos diferentes processos e sujeitos históricos e o entendimento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos nos diferentes espaços e tempos - sempre a partir de uma efetiva dimensão de contemporaneidade

Assinale a alternativa correta.

- a) Asserção verdadeira, razão verdadeira, mas a razão não justifica a asserção.
- b) Asserção verdadeira, razão verdadeira, e a razão justifica a asserção.
- c) Asserção verdadeira, razão falsa.
- d) Asserção falsa, razão verdadeira.
- e) Asserção e razão falsas.

○ 15. (UFSM) Leia o texto:

A destruição do passado - ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas - é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca (...)

HOBBSBAWN, E. A Era dos Extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 13.

Dez anos depois, essas palavras se renovam, o que permite afirmar que o conhecimento da História

- a) tem por finalidade criar mecanismos para desvincular os indivíduos do legado dos seus antecessores.
- b) possibilita aos jovens a certeza de que o passado tem pouca importância para o presente.
- c) contribui para o entendimento do modo como o presente foi moldado pelo conjunto das ações sociais humanas no passado.
- d) estimula as pessoas a manterem viva apenas a memória de alguns indivíduos que se tornaram os grandes heróis de épocas esquecidas.
- e) incentiva os jovens a viverem desvinculados do seu passado e de suas raízes sociais na busca de progresso individual.

○ 16. (UFSM) Do ponto de vista histórico, o tempo ou a contagem dele é uma invenção humana. Conforme suas necessidades, a maior parte das civilizações construiu um calendário a partir de um acontecimento tido como fundamental em suas culturas. Antes da invenção dos relógios mecânicos e digitais, dos celulares e computadores, nossos ancestrais usavam formas diversas para medir a passagem do tempo, com mais ou menos precisão. Considerando essas formas, coloque verdadeira (V) ou falsa (F) nas alternativas usadas por nossos ancestrais.

- () apitos dos trens, floração das árvores e mudanças na temperatura
- () relógios solares, erupções na pele dos animais e posição das estrelas
- () incidência de luz, queda das folhas das árvores e ciclos agrícolas

A sequência correta é

- a) V - V - V.
- b) V - F - F.
- c) F - F - V.
- d) V - F - V.
- e) F - V - F.

Anotações:



○ 17. (UFSM) O desenvolvimento da humanidade está associado ao desenvolvimento da tecnologia, pois a aplicação das descobertas humanas na vida das sociedades tornou o trabalho mais fácil e aumentou a produção de bens sociais materiais.

Utilizando a periodização tradicional da História, estabeleça a relação entre as características da tecnologia e da produção e o período histórico correspondente, numerando a segunda coluna de acordo com a primeira.

1. Pré-história
2. Idade Antiga
3. Idade Média
4. Idade Moderna
5. Idade Contemporânea

() expressivo desenvolvimento de tecnologias para o aumento da produção de alimentos e instrumentos, tais como: uso de ferradura para animais; rotação de culturas; aproveitamento da energia eólica e hidráulica; avanços na arquitetura e engenharia para a construção das igrejas românicas e góticas; fundação, desenvolvimento e expansão de universidades.

() desenvolvimento da produção industrial e agrícola, com a mecanização das fábricas; invenção de geradores e motores elétricos; utilização de combustíveis derivados do petróleo nas máquinas de combustão interna; transportes em trens, navios a vapor, automóveis e aviões; corrida armamentista e sofisticada tecnologia da morte.

() aperfeiçoamento da tecnologia náutica para os transportes marítimos de longa distância; origens da globalização pela integração de continentes, mercados e populações; invenção da impressão com tipos móveis; desenvolvimento da metalurgia do cobre e da prata para fins econômicos; evolução do conhecimento na direção da ciência experimental.

() utilização de ferramentas e do fogo para melhor sobrevivência e comunicação dos grupos humanos; diversificação da alimentação e maior mobilidade, segurança e coesão social; prática da agricultura e do pastoreio; sedentarização e aumento populacional; criação de núcleos urbanos e utilização de metais.

() obras públicas de engenharia para controle das águas e irrigação de terras destinadas ao aumento da produção de alimentos; urbanização e sociedade mais complexa geradoras de necessidades de construção de templos, grandes edifícios, oficinas artesanais, celeiros e muralhas.

A sequência correta é

- a) 3 - 5 - 4 - 1 - 2.
- b) 2 - 4 - 5 - 3 - 1.
- c) 1 - 3 - 2 - 4 - 5.
- d) 4 - 1 - 3 - 2 - 5.
- e) 5 - 2 - 1 - 4 - 3.

○ 18. (UFSM) "Esses nossos parentes antigos, durante boa parte do tempo, viveram da caça e da coleta, antes de começar a semear o chão e cultivar a terra. Nas caminhadas que fizeram atrás dos rebanhos, ao longo das estações do ano, cobriram planícies, cruzaram montanhas e rios. E, certamente, em momentos diferentes, levam inteiras avançaram territórios cada vez mais distantes, o que fez com que, ao longo do tempo, cobrissem enormes distâncias no espaço."

Revista Scientific American Brasil - ano 6, nº 75 - Agosto de 2008, p. 6.

Hoje sabemos que, _____, o mais antigo fóssil de ancestral humano até hoje encontrado (7 milhões de anos), ao _____ (cerca de 200.000 anos), o processo de hominização (o conjunto de transformações desde o mais antigo ancestral bípede até a conformação do ser humano moderno) ocorreu fundamentalmente no território da _____.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

- a) do Homem de Pequim - *Homo erectus* - Ásia
- b) de Lucy - *Homo habilis* - Austrália
- c) do Homem do Milênio - *Homo ergaster* - Europa
- d) de Toumai - *Homo sapiens* - África
- e) do Menino de Altamira - Homem de Neandertal - Eurásia

○ 19. (UFSM) No período Neolítico, os caçadores e coletores já haviam adquirido razoável experiência cultural a fim de identificar animais para a caça e plantas para usos diversos. Nesse tempo, por volta de 10.000 a. C., além de caçar e coletar frutos e sementes, nossos antepassados passaram a ter condição de interferir ainda mais na natureza, domesticando animais e cultivando plantas. Pelos registros existentes, isso teria acontecido primeiramente nas regiões atualmente chamadas de China, América Central, Peru e Oriente Próximo. Essa transformação nas formas de vida no planeta é chamada de revolução

- a) ecológica, por ser o primeiro momento de contato entre os seres humanos e a natureza.
- b) urbana, por haver permitido a fixação e a sedentarização dos humanos.
- c) suméria, por ter sido realizada pelos sumérios antes de qualquer outro povo.
- d) agrícola, por ter permitido maior domínio sobre a natureza e surgimento das aldeias.
- e) iluminista, por ter se difundido rapidamente em todo o mundo como uma luz.

Anotações:



○ **20. (ENEM-2020)** “Sexto rei sumério (governante entre os séculos XVIII e XVII a.C.) e nascido em Babel, “Khammu-rabi” (pronúncia em babilônio) foi fundador do I Império Babilônico (correspondente ao Iraque), unificando amplamente o mundo mesopotâmico, unindo os semitas e os sumérios e levando a Babilônia ao máximo esplendor. O nome de Hamurabi permanece indissociavelmente ligado ao código jurídico tido como o mais remoto já descoberto: o Código de Hamurabi. O legislador babilônico consolidou a tradição jurídica, harmonizou os costumes e estendeu o direito e a lei a todos os súditos.”

(Disponível em: www.direitoshumanos.usp.br. Acesso em: 12 fev. 2013. Adaptado.)

Nesse contexto de organização da vida social, as leis contidas no Código citado tinham sentido de:

- a) assegurar garantias individuais aos cidadãos livres.
- b) tipificar regras referentes aos atos dignos de punição.
- c) conceder benefícios de indulto aos prisioneiros de guerra.
- d) promover distribuição de terras aos desempregados urbanos.
- e) conferir prerrogativas políticas aos descendentes de estrangeiros.

○ **21. (ENEM)** Ao visitar o Egito do seu tempo, o historiador grego Heródoto (484-420/30 a.C.) interessou-se por fenômenos que lhe pareceram incomuns, como as cheias regulares do rio Nilo. A propósito do assunto, escreveu o seguinte:

“Eu queria saber por que o Nilo sobe no começo do verão e subindo continua durante cem dias; por que ele se retrai e a sua corrente baixa, assim que termina esse número de dias, sendo que permanece baixo o inverno inteiro, até um novo verão.

Alguns gregos apresentam explicações para os fenômenos do rio Nilo. Eles afirmam que os ventos do noroeste provocam a subida do rio, ao impedir que suas águas corram para o mar. Não obstante, com certa frequência, esses ventos deixam de soprar, sem que o rio pare de subir da forma habitual. Além disso, se os ventos do noroeste produzissem esse efeito, os outros rios que correm na direção contrária aos ventos deveriam apresentar os mesmos efeitos que o Nilo, mesmo porque eles todos são pequenos, de menor corrente.”

Heródoto. História (trad.). livro II, 19-23. Chicago: Encyclopaedia Britannica Inc. 2ª ed. 1990, p. 52-3 (com adaptações).

Nessa passagem, Heródoto critica a explicação de alguns gregos para os fenômenos do rio Nilo. De acordo com o texto, julgue as afirmativas abaixo.

- I. Para alguns gregos, as cheias do Nilo devem-se ao fato de que suas águas são impedidas de correr para o mar pela força dos ventos do noroeste.
- II. O argumento embasado na influência dos ventos do noroeste nas cheias do Nilo sustenta-se no fato de que, quando os ventos param, o rio Nilo não sobe.
- III. A explicação de alguns gregos para as cheias do Nilo baseava-se no fato de que fenômeno igual ocorria com rios de menor porte que seguiam na mesma direção dos ventos.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I.
- b) II.
- c) I e II.
- d) I e III.
- e) II e III.



○ **22. (ENEM-2020)** “Na Mesopotâmia, os frutos da civilização foram partilhados entre diversas cidades-estados e, no interior delas, entre vários grupos sociais, se bem que desigualmente. No Egito dos faraós, os frutos em questão concentraram-se quase somente na Corte real e, secundariamente, nos centros regionais de poder. Se na Mesopotâmia o comércio cedo começou a servir também à acumulação de riquezas privadas, no Egito as trocas importantes permaneceram por mais tempo sob controle do Estado.”

(CARDOSO, C. F. Sociedades do antigo Oriente Próximo. São Paulo: Ática, 1986 (adaptado).)

Um fator sociopolítico que caracterizava a organização estatal egípcia no contexto mencionado está indicado no(a):

- a) atrofiamento da casta militar.
- b) instituição de assembleias locais.
- c) eleição dos conselhos provinciais.
- d) fortalecimento do aparato burocrático.
- e) esgotamento do fundamento teocrático.

○ **23. (ENEM)** O Egito é visitado anualmente por milhões de turistas de todos os quadrantes do planeta, desejosos de ver com os próprios olhos a grandiosidade do poder esculpida em pedra há milênios: as pirâmides de Gizeh, as tumbas do Vale dos Reis e os numerosos templos construídos ao longo do Nilo.

O que hoje se transformou em atração turística era, no passado, interpretado de forma muito diferente, pois:

- a) significava, entre outros aspectos, o poder que os faraós tinham para escravizar grandes contingentes populacionais que trabalhavam nesses monumentos.
- b) representava para as populações do alto Egito a possibilidade de migrar para o sul e encontrar trabalho nos canteiros faraônicos.
- c) significava a solução para os problemas econômicos, uma vez que os faraós sacrificavam aos deuses suas riquezas, construindo templos.
- d) representava a possibilidade de o faraó ordenar a sociedade, obrigando os desocupados a trabalharem em obras públicas, que engrandeceram o próprio Egito.
- e) significava um peso para a população egípcia, que condenava o luxo faraônico e a religião baseada em crenças e superstições.

○ **24. (ENEM)** Os faraós das primeiras dinastias construíam grandes pirâmides para proteger as suas câmaras mortuárias. Conforme a crença egípcia antiga, a alma vagaria sem destino se o corpo, sua habitação, fosse destruído. No Egito contemporâneo, os muçulmanos são sepultados envoltos apenas em mortalhas, poucas horas após a morte, em túmulos simples e sem identificação individual.

A diferença entre as grandes pirâmides de outrora e os ritos e túmulos simples de hoje deve-se ao fato de a religião muçulmana:

- a) ser descrente quanto à existência de vida após a morte.
- b) ter surgido, precisamente, como reação contra a religião dos faraós.
- c) entender como errado construir pirâmides só para os ricos, e não, para todos.
- d) querer evitar os assaltos aos monumentos funerários, que eram comuns no Egito antigo.
- e) ignorar o corpo como morada da alma e considerar os homens como iguais diante da morte.



○ **25. (ENEM)** O sistema de irrigação egípcio era muito diferente do complexo sistema mesopotâmico, porque as condições naturais eram muito diversas nos dois casos. A cheia do Nilo também fertiliza as terras com aluviões, mas é muito mais regular e favorável em seu processo e em suas datas do que a do Tigre e Eufrates, além de ser menos destruidora.

CARDOSO, C. F. *Sociedades do antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1986.

A comparação entre as disposições do recurso natural em questão revela sua importância para a:

- a) desagregação das redes comerciais.
- b) supressão da mão de obra escrava.
- c) expansão da atividade agrícola.
- d) multiplicação de religiões monoteístas.
- e) fragmentação do poder político.

○ **26. (UFSM)** “Deixai-me também expor-te a situação do camponês, essa outra rude ocupação. A inundação [chega] e o molha (...) ele cuida de seu equipamento. De dia ele talha seus instrumentos agrícolas; de noite ele fabrica corda. Mesmo a sua hora da sesta ele gasta no trabalho agrícola. Ele se equipa para ir ao campo como se fosse um guerreiro.”

Trecho do papiro de Lansinf, correspondente à XXª Dinastia do Novo Império. In: ORDONEZ, M.; QUEVEDO, J. *História*. São Paulo: IBEP, s/ data. p. 12.

O camponês egípcio atuava num modo de produção que se organizava a partir de um(a)

- a) estrutura de poder que possibilitava os trabalhadores rurais participarem das decisões do Estado.
- b) sistema militar exclusivamente defensivo, baseado em milícias populares.
- c) sistema escravista africano, voltado exclusivamente à colheita do trigo.
- d) sistema hidráulico de diques, represas e barragens.
- e) conjunto de inovações tecnológicas que independiam da força e habilidade do trabalhador.

○ **27. (ENEM-2020)** “Na Grécia, o conceito de povo abrange tão somente aqueles indivíduos considerados cidadãos. Assim é possível perceber que o conceito de povo era muito restritivo. Mesmo tendo isso em conta, a forma democrática vivenciada e experimentada pelos gregos atenienses nos séculos IV e V a.C. pode ser caracterizada, fundamentalmente, como direta.”

(MANDUCO, A. *Ciência política*. São Paulo: Saraiva, 2011.)

Naquele contexto, a emergência do sistema de governo mencionado no excerto promoveu o(a):

- a) competição para a escolha de representantes.
- b) campanha pela revitalização das oligarquias.
- c) estabelecimento de mandatos temporários.
- d) declínio da sociedade civil organizada.
- e) participação no exercício do poder.



○ **28. (ENEM)** O que implica o sistema da *polis* é uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. A palavra constitui o debate contraditório, a discussão, a argumentação e a polêmica. Torna-se a regra do jogo intelectual, assim como do jogo político.

VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992 (adaptado).

Na configuração política da democracia grega, em especial a ateniense, a ágora tinha por função:

- a) agregar os cidadãos em torno de reis que governavam em prol da cidade.
- b) permitir aos homens livres o acesso às decisões do Estado expostas por seus magistrados.
- c) constituir o lugar onde o corpo de cidadãos se reunia para deliberar sobre as questões da comunidade.
- d) reunir os exércitos para decidir em assembleias fechadas os rumos a serem tomados em caso de guerra.
- e) congregar a comunidade para eleger representantes com direito a pronunciar-se em assembleias.

○ **29. (ENEM)** Quando se trata de competência nas construções e nas artes, os atenienses acreditam que poucos sejam capazes de dar conselhos. Quando, ao contrário, se trata de uma deliberação política, toleram que qualquer um fale, de outro modo não existiria a cidade.

BOBBIO, N. *Teoria geral da política*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000 (adaptado).

De acordo com o texto, a atuação política dos cidadãos atenienses na Antiguidade Clássica tinha como característica fundamental o(a):

- a) dedicação altruísta em ações coletivas.
- b) participação direta em fóruns decisórios.
- c) ativismo humanista em debates públicos.
- d) discurso formalista em espaços acadêmicos.
- e) representação igualitária em instâncias parlamentares.

○ **30. (ENEM)**

Texto I

Olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: UnB, 1987 (adaptado).

Texto II

Um cidadão integral pode ser definido nada menos que pelo direito de administrar justiça e exercer funções públicas; algumas destas, todavia, são limitadas quanto ao tempo de exercício, de tal modo que não podem de forma alguma ser exercidas duas vezes pela mesma pessoa, ou somente podem sê-lo depois de certos intervalos de tempo prefixados.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1985.

Comparando os textos I e II, tanto para Tucídides (no século V a.C.) quanto para Aristóteles (no século IV a.C.), a cidadania era definida pelo(a):

- a) prestígio social.
- b) acúmulo de riqueza.
- c) participação política.
- d) local de nascimento.
- e) grupo de parentesco.



○ **31. (ENEM)** Compreende-se assim o alcance de uma reivindicação que surge desde o nascimento da cidade na Grécia antiga: a redação das leis. Ao escrevê-las, não se faz mais que assegurar-lhes permanência e fixidez. As leis tornam-se bem comum, regra geral, suscetível de ser aplicada a todos da mesma maneira.

VERNANT, J.-P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992 (adaptado).

Para o autor, a reivindicação atendida na Grécia antiga, ainda vigente no mundo contemporâneo, buscava garantir o seguinte princípio:

- a) Isonomia – igualdade de tratamento aos cidadãos.
- b) Transparência – acesso às informações governamentais.
- c) Tripartição – separação entre os poderes políticos estatais.
- d) Equiparação – igualdade de gênero na participação política.
- e) Elegibilidade – permissão para candidatura aos cargos públicos.

○ **33. (ENEM)**

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos
Orgulho e raça de Atenas.

BUARQUE, C.; BOAL, A. *Mulheres de Atenas*. In: *Meus caros Amigos*, 1976. Disponível em: <http://letras.terra.com.br>. Acesso em: 4 dez. 2011 (fragmento).

Os versos da composição remetem à condição das mulheres na Grécia antiga, caracterizada, naquela época, em razão de:

- a) sua função pedagógica, exercida junto às crianças atenienses.
- b) sua importância na consolidação da democracia, pelo casamento.
- c) seu rebaixamento de status social frente aos homens.
- d) seu afastamento das funções domésticas em períodos de guerra.
- e) sua igualdade política em relação aos homens.

○ **34. (ENEM)** “A soberania dos cidadãos dotados de plenos direitos era imprescindível para a existência da cidade-estado. Segundo os regimes políticos, a proporção desses cidadãos em relação à população total dos homens livres podia variar muito, sendo bastante pequena nas aristocracias e nas oligarquias e maior nas democracias.”

(CARDOSO, C. F. *A cidade-estado clássica*. São Paulo: Ática, 1985.)

Nas cidades-estado da Antiguidade Clássica, a proporção de cidadãos descrita no texto é explicada pela adoção do seguinte critério para a participação política:

- a) Controle da terra.
- b) Liberdade de culto.
- c) Igualdade de gênero.
- d) Exclusão dos militares.
- e) Exigência da alfabetização.

Anotações:

○ **35. (ENEM)** O aparecimento da pólis, situado entre os séculos VIII e VII a.C., constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade foi plenamente sentida pelos gregos, manifestando-se no surgimento da filosofia.

VERNANT, J.-P. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2004 (adaptado).

Segundo Vernant, a filosofia na antiga Grécia foi resultado do(a):

- a) constituição do regime democrático.
- b) contato dos gregos com outros povos.
- c) desenvolvimento no campo das navegações.
- d) aparecimento de novas instituições religiosas.
- e) surgimento da cidade como organização social.

○ **36. (ENEM)** Na antiga Grécia, o teatro tratou de questões como destino, castigo e justiça. Muitos gregos sabiam de cor inúmeros versos das peças dos seus grandes autores. Na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, Shakespeare produziu peças nas quais temas como o amor, o poder, o bem e o mal foram tratados. Nessas peças, os grandes personagens falavam em verso e os demais em prosa. No Brasil colonial, os índios aprenderam com os jesuítas a representar peças de caráter religioso.

Esses fatos são exemplos de que, em diferentes tempos e situações, o teatro é uma forma:

- a) de manipulação do povo pelo poder, que controla o teatro.
- b) de diversão e de expressão dos valores e dos problemas da sociedade.
- c) de entretenimento popular, que se esgota na sua função de distrair.
- d) de manipulação do povo pelos intelectuais que compõem as peças.
- e) de entretenimento, que foi superada e hoje é substituída pela televisão.

○ **37. (ENEM)** Alexandria começou a ser construída em 332 a.C., por Alexandre, o Grande, e, em poucos anos, tornou-se um polo de estudos sobre matemática, filosofia e ciência gregas. Meio século mais tarde, Ptolomeu II ergueu uma enorme biblioteca e um museu – que funcionou como centro de pesquisa. A biblioteca reuniu entre 200 mil e 500 mil papiros e, com o museu, transformou a cidade no maior núcleo intelectual da época, especialmente entre os anos 290 e 88 a.C. A partir de então, sofreu sucessivos ataques de romanos, cristãos e árabes, o que resultou na destruição ou na perda de quase todo o seu acervo.

RIBEIRO, F. “Filósofa e mártir”. *Aventuras na história*. São Paulo: Abril. ed. 81, abr. 2010 (adaptado).

A biblioteca de Alexandria exerceu durante certo tempo um papel fundamental para a produção do conhecimento e da memória das civilizações antigas, porque:

- a) eternizou o nome de Alexandre, o Grande, e zelou pelas narrativas dos seus grandes feitos.
- b) funcionou como um centro de pesquisa acadêmica e deu origem às universidades modernas.
- c) preservou o legado da cultura grega em diferentes áreas do conhecimento e permitiu sua transmissão a outros povos.
- d) transformou a cidade de Alexandria no centro urbano mais importante da Antiguidade.
- e) reuniu os principais registros arqueológicos até então existentes e fez avançar a museologia antiga.



○ **38. (ENEM)** Em seu discurso em honra dos primeiros mortos na Guerra do Peloponeso (séc. V a.C.), o ateniense Péricles fez um longo elogio fúnebre, exposto na obra do historiador Tucídides. Ao enfatizar o respeito dos atenienses à lei e seu amor ao belo, o estadista ateniense tinha em mente um outro tipo de organização de Estado e sociedade, contra o qual os gregos se haviam batido 50 anos antes e que se caracterizava por uma administração eficiente que concedia autonomia aos diferentes povos e era marcada pela construção de grandes obras e conquistas.

PRADO, A. L. A., *Tucídides, História da Guerra do Peloponeso*, Livro I, São Paulo, Martins Fontes (com adaptações).

O “outro tipo de organização de Estado e sociedade” ao qual Péricles se refere era:

- a) o mundo dos impérios orientais, que rivalizava comercialmente com a Atenas de Péricles.
- b) o Império Persa, que, apesar de possuir um vasto território, tentou, em vão, conquistar a Grécia.
- c) o universo dos demais gregos, que não viviam sob uma democracia, já que esta era exclusividade de Atenas.
- d) o Alto Império Romano, que se destacava pela supremacia militar e pelo intenso desenvolvimento econômico.
- e) o mundo dos espartanos, que, desconhecendo a escrita e a lei, eram guiados pelo autoritarismo teocrático de seus líderes.

○ **39. (ENEM)** A mitologia comparada surge no século XVIII. Essa tendência influenciou o escritor cearense José de Alencar, que, inspirado pelo estilo da epopeia homérica na *Ilíada*, propõe em *Iracema* uma espécie de mito fundador do povo brasileiro. Assim como a *Ilíada* vincula a constituição do povo helênico à Guerra de Troia, deflagrada pelo romance proibido de Helena e Páris, *Iracema* vincula a formação do povo brasileiro aos conflitos entre índios e colonizadores, atravessados pelo amor proibido entre uma índia – Iracema – e o colonizador português Martim Soares Moreno.

DETIENNE, M. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998 (adaptado).

A comparação estabelecida entre a *Ilíada* e *Iracema* demonstra que essas obras:

- a) combinam folclore e cultura erudita em seus estilos estéticos.
- b) articulam resistência e opressão em seus gêneros literários.
- c) associam história e mito em suas construções identitárias.
- d) refletem pacifismo e belicismo em suas escolhas ideológicas.
- e) traduzem revolta e conformismo em seus padrões alegóricos.

○ **40. (ENEM)** No período 750-338 a.C., a Grécia antiga era composta por cidades-Estado, como Atenas, Esparta, Tebas, que eram independentes umas das outras, mas partilhavam algumas características culturais, como a língua grega. No centro da Grécia, Delfos era um lugar de culto religioso frequentado por habitantes de todas as cidades-Estado.

No período 1200-1600 d.C., na parte da Amazônia brasileira onde hoje está o Parque Nacional do Xingu, há vestígios de quinze cidades que eram cercadas por muros de madeira e que tinham até dois mil e quinhentos habitantes cada uma. Essas cidades eram ligadas por estradas a centros cerimoniais com grandes praças. Em torno delas havia roças, pomares e tanques para a criação de tartarugas. Aparentemente, epidemias dizimaram grande parte da população que lá vivia.

Folha de S. Paulo, ago. 2008 (adaptado).

Apesar das diferenças históricas e geográficas existentes entre as duas civilizações, elas são semelhantes, pois:

- a) as ruínas das cidades mencionadas atestam que grandes epidemias dizimaram suas populações.
- b) as cidades do Xingu desenvolveram a democracia, tal como foi concebida em Tebas.
- c) as duas civilizações tinham cidades autônomas e independentes entre si.
- d) os povos do Xingu falavam uma mesma língua, tal como nas cidades-Estado da Grécia.
- e) as cidades do Xingu dedicavam-se à arte e à filosofia tal como na Grécia.

○ **41. (ENEM-2020)** “Com efeito, até a destruição de Cartago, o povo e o Senado romano governaram a República em harmonia e sem paixão, e não havia entre os cidadãos luta por glória ou dominação; o medo do inimigo mantinha a cidade no cumprimento do dever. Mas, assim que o medo desapareceu dos espíritos, introduziram-se os males pelos quais a prosperidade tem predileção, isto é, a libertinagem e o orgulho.”

(SALÚSTIO. *A conjuração de Catilina/A Guerra de Jugurta*. Petrópolis: Vozes, 1990 (adaptado).)

O acontecimento histórico mencionado no texto de Salústio, datado de I a.C., manteve correspondência com o processo de:

- a) demarcação de terras públicas.
- b) imposição da escravidão por dívidas.
- c) restrição da cidadania por parentesco.
- d) restauração de instituições ancestrais.
- e) expansão das fronteiras extrapeninsulares.



Anotações:



○ 42. (ENEM)

Texto I

Sólon é o primeiro nome grego que nos vem à mente quando terra e dívida são mencionadas juntas. Logo depois de 600 a.C., ele foi designado "legislador" em Atenas, com poderes sem precedentes, porque a exigência de redistribuição de terras e o cancelamento das dívidas não podiam continuar bloqueados pela oligarquia dos proprietários de terra por meio da força ou de pequenas concessões.

FINLEY, M. *Economia e sociedade na Grécia antiga*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013 (adaptado).

Texto II

A "Lei das Doze Tábuas" se tornou um dos textos fundamentais do direito romano, uma das principais heranças romanas que chegaram até nós. A publicação dessas leis, por volta de 450 a.C., foi importante, pois o conhecimento das "regras do jogo" da vida em sociedade é um instrumento favorável ao homem comum e potencialmente limitador da hegemonia e do arbítrio dos poderosos.

FUNARI, P. P. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2011 (adaptado).

O ponto de convergência entre as realidades sociopolíticas indicadas nos textos consiste na ideia de que a:

- a) discussão de preceitos formais estabeleceu a democracia.
- b) invenção de códigos jurídicos desarticulou as aristocracias.
- c) formulação de regulamentos oficiais instituiu as sociedades.
- d) definição de princípios morais encerrou os conflitos de interesses.
- e) criação de normas coletivas diminuiu as desigualdades de tratamento.

○ 43. (ENEM) A Lei das Doze Tábuas, de meados do século V a.C., fixou por escrito um velho direito costumeiro. No relativo às dívidas não pagas, o código permitia, em última análise, matar o devedor; ou vendê-lo como escravo "do outro lado do Tibre" – isto é, fora do território de Roma.

CARDOSO, C. F. S. *O trabalho compulsório na Antiguidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

A referida lei foi um marco na luta por direitos na Roma Antiga, pois possibilitou que os plebeus:

- a) modificassem a estrutura agrária assentada no latifúndio.
- b) exercessem a prática da escravidão sobre seus devedores.
- c) conquistassem a possibilidade de casamento com os patrícios.
- d) ampliassem a participação política nos cargos políticos públicos.
- e) reivindicassem as mudanças sociais com base no conhecimento das leis.

○ 44. (ENEM) Durante a realza e nos primeiros anos republicanos, as leis eram transmitidas oralmente de uma geração para outra. A ausência de uma legislação escrita permitia aos patrícios manipular a justiça conforme seus interesses. Em 451 a.C., porém, os plebeus conseguiram eleger uma comissão de dez pessoas – os *decênviros* – para escrever as leis. Dois deles viajaram a Atenas, na Grécia, para estudar a legislação de Sólon.

COULANGES, F. *A cidade antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

A superação da tradição jurídica oral no mundo antigo, descrita no texto, esteve relacionada à:

- a) adoção do sufrágio universal masculino.
- b) extensão da cidadania aos homens livres.
- c) afirmação de instituições democráticas.
- d) implantação de direitos sociais.
- e) tripartição dos poderes políticos.

○ 45. (ENEM) Pois quem seria tão inútil ou indolente a ponto de não desejar saber como e sob que espécie de constituição os romanos conseguiram em menos de cinquenta e três anos submeter quase todo o mundo habitado ao seu governo exclusivo – fato nunca antes ocorrido? Ou, em outras palavras, quem seria tão apaixonadamente devotado a outros espetáculos ou estudos a ponto de considerar qualquer outro objetivo mais importante que a aquisição desse conhecimento?

POLÍBIO. *História*. Brasília: Editora UnB, 1985.

A experiência a que se refere o historiador Políbio, nesse texto escrito no século II a.C., é a:

- a) ampliação do contingente de camponeses livres.
- b) consolidação do poder das falanges hoplitas.
- c) concretização do desígnio imperialista.
- d) adoção do monoteísmo cristão.
- e) libertação do domínio etrusco.

○ 46. (ENEM)

"Somos servos da lei para podermos ser livres."

Cícero.

"O que apraz ao príncipe tem força de lei."

Ulpiano.

As frases acima são de dois cidadãos da Roma Clássica que viveram praticamente no mesmo século, quando ocorreu a transição da República (Cícero) para o Império (Ulpiano).

Tendo como base as sentenças acima, considere as afirmações.

- I. A diferença nos significados da lei é apenas aparente, uma vez que os romanos não levavam em consideração as normas jurídicas.
- II. Tanto na República como no Império, a lei era o resultado de discussões entre os representantes escolhidos pelo povo romano.
- III. A lei republicana definia que os direitos de um cidadão acabavam quando começavam os direitos de outro cidadão.
- IV. Existia, na época imperial, um poder acima da legislação romana.

Estão corretas, apenas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

○ 47. (ENEM)



Disponível em: www.metmuseum.org. Acesso em: 14 set. 2011.



A figura apresentada é de um mosaico, produzido por volta do ano 300 d.C., encontrado na cidade de Lod, atual Estado de Israel. Nela, encontram-se elementos que representam uma característica política dos romanos no período, indicada em:

- a) Cruzadismo - conquista da terra santa
- b) Patriotismo - exaltação da cultura local
- c) Helenismo - apropriação da estética grega
- d) Imperialismo - selvageria dos povos dominados
- e) Expansionismo - diversidade dos territórios conquistados

○ 48. (ENEM) Os escravos tornam-se propriedade nossa seja em virtude da lei civil, seja da lei comum dos povos; em virtude da lei civil, se qualquer pessoa de mais de vinte anos permitir a venda de si própria com a finalidade de lucrar conservando uma parte do preço da compra; e em virtude da lei comum dos povos, são nossos escravos aqueles que foram capturados na guerra e aqueles que são filhos de nossas escravas.

CARDOSO, C. F. *Trabalho compulsório na Antiguidade*. São Paulo: Graal, 2003.

A obra *Institutas*, do jurista Aelius Marcianus (século III d.C.), instrui sobre a escravidão na Roma antiga. No direito e na sociedade romana desse período, os escravos compunham uma:

- a) mão de obra especializada protegida pela lei.
- b) força de trabalho sem a presença de ex-cidadãos.
- c) categoria de trabalhadores oriundos dos mesmos povos.
- d) condição legal independente da origem étnica do indivíduo.
- e) comunidade criada a partir do estabelecimento das leis escritas.

○ 49. (ENEM-2020) "Ao abrigo do teto, sua jornada de fé começava na sala de jantar. Na pequena célula cristã, dividia-se a refeição e durante elas os crentes conversavam, rezavam e liam cartas de correligionários residentes em locais diferentes do Império Romano (século II da Era Cristã). Essa ambiente garantia peculiar apoio emocional às experiências intensamente individuais que abrigava."

(SENNET, R. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2008.)

Um motivo que explica a ambientação da prática descrita no texto encontra-se no(a):

- a) regra judaica, que pregava a superioridade espiritual dos cultos das sinagogas.
- b) moralismo da legislação, que dificultava as reuniões abertas da juventude livre.
- c) adesão do patriarcado, que subvertia o conceito original dos valores estrangeiros.
- d) decisão política, que censurava as manifestações públicas da doutrina dissidente.
- e) violência senhorial, que impunha a destruturação forçada das famílias escravas.



Anotações:

○ 50. (UFSM-2023)



Aspásia de Mileto, obra de Henry Holiday, 1888. Fonte: Aspásia de Mileto, obra de Henry Holiday, 1888. Disponível em: <<http://segundocabo.ohc.cu/2022/03/25/aspasia-de-mileto/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Aspásia de Mileto (imagem acima), esposa de Péricles, governante de Atenas no século V a.C, foi um exemplo de mulher que, mesmo com limitações, participava da vida intelectual e política da pólis. A respeito da atuação das mulheres na vida política e social na Grécia Antiga clássica, é correto afirmar que

- a) na democracia ateniense, elas eram consideradas cidadãs, participando dos debates da Ágora.
- b) elas podiam ter propriedades e não eram tuteladas pelos seus maridos ou parentes próximos.
- c) as hetairas eram mulheres com certo acesso ao conhecimento, podiam circular pelos espaços públicos e debater com os cidadãos atenienses.
- d) as mulheres, em Esparta, eram educadas para a carreira bélica e possuíam livre acesso para ingressar no exército.
- e) as mulheres, na pólis ateniense, não podiam participar das festas religiosas e das apresentações artísticas, como as peças teatrais.

○ 51. (UFSM) Espetáculos com animais selvagens faziam parte do cotidiano romano e tinham função política importante. A respeito disso, considere as afirmativas:

- I. A organização de jogos circenses era importante para os governantes romanos, pois atendiam ao propósito de pacificar as massas.
- II. A forma de os imperadores construírem prestígio frente às massas era o atendimento às suas reivindicações de terra e trabalho.
- III. A manutenção dos espetáculos com animais resultou numa intervenção ambiental para preservar os leões e os leopardos da África e Oriente Médio.
- IV. Sacrificar animais selvagens em jogos era um momento tanto de afirmação do Império quanto de atendimento das demandas populares por diversão.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas II e III.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas I, III e IV.
- e) apenas III e IV.





Aqueduto romano na Tunísia.
MOTA, M.; BRAICK, P.; História: das cavernas ao Terceiro Milênio. São Paulo: Moderna, 2002, p. 78.

A ilustração acima é uma representação da criatividade da civilização romana: a criação de um sistema de abastecimento de água para as populações urbanas. Tendo em vista a concretização dessa inventividade, que deu origem a uma vida cidadina sofisticada e influente, considere as afirmações a seguir.

I. As dimensões do território abrangido pelo Império romano estavam vinculadas à eficácia de suas legiões, caracterizadas por técnicas de combate que privilegiavam a ação coletiva em detrimento da ação individual.

II. A cultura romana caracterizou-se por especulações filosóficas e arroubos artísticos, inibindo toda e qualquer disposição mais pragmática em relação ao mundo, especialmente quanto à política e à guerra.

III. As formas de organização do trabalho e da produção romanas privilegiavam a autonomia e a inventividade dos trabalhadores, tanto nos campos quanto nas oficinas, e impediam a existência de trabalho escravo.

IV. Apesar de a ciência romana, comparada com a inventividade grega, não ter produzido grandes avanços, a aplicação do conhecimento existente foi eficaz, especialmente na área de construções.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas II e III.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) I, II, III e IV.



HABILIDADES À PROVA 2

» Mundo medieval Oriental e Ocidental: organização produtiva, imaginário e cultura

○ 1. (ENEM-2020) “Constantinopla, aquela cidade vasta e esplêndida, com toda a sua riqueza, sua ativa população de mercadores e artesãos, seus cortesãos em seus mantos civis e as grandes damas ricamente vestidas e adornadas, com seus séquito de eunucos e escravos, despertaram nos cruzados um grande desdém, mesclado a um desconfortável sentimento de inferioridade.”

(RUNCIMAN, S. A Primeira Cruzada e a fundação do Reino de Jerusalém. Rio de Janeiro: Imago, 2003 (adaptado).)

A reação dos europeus, quando defrontados com essa cidade, ocorreu em função das diferenças entre Oriente e Ocidente quanto aos(às):

- a) modos de organização e participação política.
- b) níveis de disciplina e poderio bélico do exército.
- c) representações e práticas de devoção politeístas.
- d) dinâmicas econômicas e culturais da vida urbana.
- e) formas de individualização e desenvolvimento pessoal.

○ 2. (ENEM) As imagens nas figuras a seguir ilustram organizações produtivas de duas sociedades do passado.

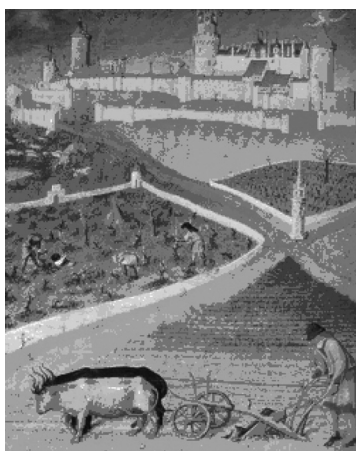


Figura 1



Figura 2

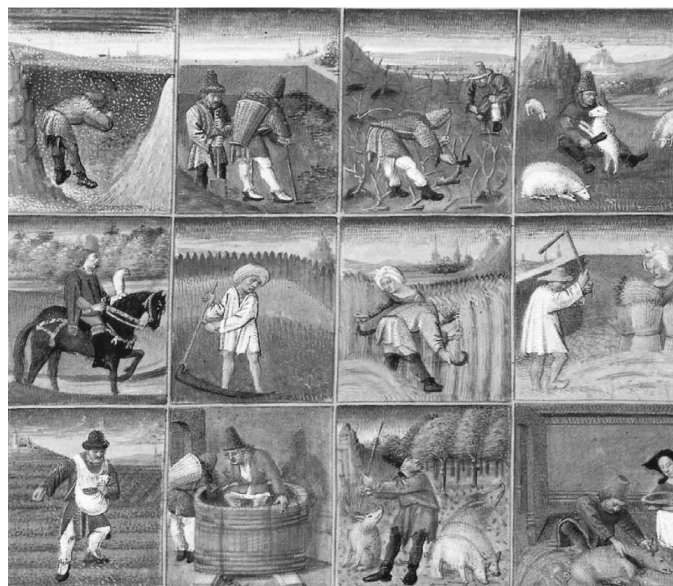
COLEÇÃO. *Grandes impérios e civilizações*. Madrid: Del Prado, 1996, p. 156.

O trabalho no campo foi, durante muito tempo, uma das atividades fundamentais para a estruturação e o desenvolvimento das sociedades, como mostram as figuras 1 e 2. Nessas figuras, as características arquitetônicas, tecnológicas e sociais retratam, respectivamente:

- a) o agrarismo romano e o escravismo grego.
- b) a pecuária romana e a agricultura escravista grega.
- c) a maquinofatura medieval e a pecuária na Antiguidade.
- d) a agricultura escravista romana e o feudalismo medieval.
- e) o feudalismo medieval e a agricultura familiar no Antigo Egito.

○ 3. (ENEM)

Calendário medieval, século XV



Disponível em: www.ac-grenoble.fr. Acesso em: 10 mai. 2012.

Os calendários são fontes históricas importantes, na medida em que expressam a concepção de tempo das sociedades. Essas imagens compõem um calendário medieval (1460-1475), e cada uma delas representa um mês, de janeiro a dezembro. Com base na análise do calendário, apreende-se uma concepção de tempo:

- a) cíclica, marcada pelo mito arcaico do eterno retorno.
- b) humanista, identificada pelo controle das horas de atividade por parte do trabalhador.
- c) escatológica, associada a uma visão religiosa sobre o trabalho.
- d) natural, expressa pelo trabalho realizado de acordo com as estações do ano.
- e) romântica, definida por uma visão bucólica da sociedade.

Anotações:



○ 4. (ENEM) A casa de Deus, que acreditam una, está, portanto, dividida em três: uns oram, outros combatem, outros, enfim, trabalham. Essas três partes que coexistem não suportam ser separadas; os serviços prestados por uma são a condição das obras das outras duas; cada uma por sua vez encarrega-se de aliviar o conjunto... Assim a lei pode triunfar e o mundo gozar da paz.

ALDALBERON DE LAON, In: SPINOSA, F. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Sá da Costa, 1981.

A ideologia apresentada por Aldalberon de Laon foi produzida durante a Idade Média. Um objetivo de tal ideologia e um processo que a ela se opôs estão indicados, respectivamente, em:

- a) Justificar a dominação estamental / revoltas camponesas.
- b) Subverter a hierarquia social / centralização monárquica.
- c) Impedir a igualdade jurídica / revoluções burguesas.
- d) Controlar a exploração econômica / unificação monetária.
- e) Questionar a ordem divina / Reforma Católica.

○ 5. (ENEM-2021) “É preciso usar de violência e rebater varonilmente os apetites dos sentidos sem atender ao que a carne quer ou não quer, mas trabalhando por sujeitá-la ao espírito, ainda que se revolte. Cumpre castigá-la e curvá-la à sujeição, a tal ponto que esteja disposta para tudo, sabendo contentar-se com pouco e deleitar-se com a simplicidade, sem resmungar por qualquer incômodo.”

(KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 2015).

Qual característica do ascetismo medieval é destacada no texto?

- a) Exaltação do ritualismo litúrgico.
- b) Afirmação do pensamento racional.
- c) Desqualificação da atividade laboral.
- d) Condenação da alimentação impura.
- e) Desvalorização da materialidade corpórea.

○ 6. (ENEM-2021) “Nem guerras, nem revoltas. Os incêndios eram o mais frequente tormento da vida urbana no Regnum Italicum. Entre 880 e 1080, as cidades estiveram constantemente entregues ao apetite das chamas. A certa altura, a documentação parece vencer pela insistência do vocabulário, levando até o leitor mais crítico a cogitar que os medievais tinham razão ao tratar aqueles acontecimentos como castigos que antecediam o julgamento final. Como um quinto cavaleiro apocalíptico, o incêndio agia ao feitio da peste ou da fome: vagando mundo afora, retornava de tempos em tempos e expurgava justos e pecadores num tormento derradeiro, como insistiam os textos do século X. O impacto acarretado sobre as relações sociais era imediato e prolongava-se para além da destruição material. As medidas proclamadas pelas autoridades faziam mais do que reparar os danos e reconstruir a paisagem: elas convertiam a devastação em uma ocasião para alterar e expandir não só a topografia urbana, mas as práticas sociais até então vigentes.”

(RUST, L. D. *Uma calamidade insaciável*. Rev. Bras. Hist., n. 72, maio-ago. 2016 (adaptado)).

De acordo com o texto, a catástrofe descrita impactava as sociedades medievais por proporcionar a:

- a) correção dos métodos preventivos e das regras sanitárias.
- b) revelação do descaso público e das degradações ambientais.
- c) transformação do imaginário popular e das crenças religiosas.
- d) remodelação dos sistemas políticos e das administrações locais.
- e) reconfiguração dos espaços ocupados e das dinâmicas comunitárias.

7. (ENEM) Ainda que a fome ocorrida na Itália em 536 tenha origem nos eventos climáticos, suas implicações são tanto políticas quanto econômicas. Nos primeiros séculos da Idade Média, o auxílio aos famintos se inscreve no domínio da gestão pública, mesmo quando a ação de seus agentes é apresentada sob o ângulo da piedade e da caridade individuais, como é o caso da Gália merovíngia. Assim, o fato de que as respostas à fome são mostradas, na Gália, como o fruto de iniciativas pessoais fundadas no imperativo da caridade deriva da natureza das fontes do século VI.

SILVA, M. C. *Os agentes públicos e a fome nos primeiros séculos da Idade Média*. *Varia Historia*, n. 60, set.-dez. 2016 (adaptado).

Na conjuntura histórica destacada no texto, o dever de agir em face da situação de crise apresentada pertencia à jurisdição

- a) da nobreza, proveniente da obrigação de proteção ao campesinato livre.
- b) da realeza, decorrente do conceito de governo subjacente à monarquia cristã.
- c) dos mosteiros, resultante do caráter fraternal afirmado nas regras monásticas.
- d) dos bispos, consequente da participação dos clérigos nos assuntos comunitários.
- e) das corporações, procedente do padrão assistencialista previsto nas normas estatutárias.

○ 8. (ENEM)

Sou uma pobre e velha mulher,
Muito ignorante, que nem sabe ler.
Mostraram-me na igreja da minha terra
Um Paraíso com harpas pintado
E o Inferno onde ferverem almas danadas,
Um enche-me de júbilo, o outro me aterra.

VILLON, F. In: GOMBRICH, E. *História da arte*. Lisboa: LTC, 1999.

Os versos do poeta francês François Villon fazem referência às imagens presentes nos templos católicos medievais. Nesse contexto, as imagens eram usadas com o objetivo de:

- a) refinar o gosto dos cristãos.
- b) incorporar ideais heréticos.
- c) educar os fiéis através do olhar.
- d) divulgar a genialidade dos artistas católicos.
- e) valorizar esteticamente os templos religiosos.

○ 9. (ENEM) Quando ninguém duvida da existência de um outro mundo, a morte é uma passagem que deve ser celebrada entre parentes e vizinhos. O homem da Idade Média tem a convicção de não desaparecer completamente, esperando a ressurreição. Pois nada se detém e tudo continua na eternidade. A perda contemporânea do sentimento religioso fez da morte uma provação aterrorizante, um trampolim para as trevas e o desconhecido.

DUBY, G. *Ano 1000 ano 2000 na pista dos nossos medos*. São Paulo: Unesp, 1998 (adaptado).

Ao comparar as maneiras com que as sociedades têm lidado com a morte, o autor considera que houve um processo de:

- a) mercantilização das crenças religiosas.
- b) transformação das representações sociais.
- c) disseminação do ateísmo nos países de maioria cristã.
- d) diminuição da distância entre saber científico e eclesiástico.
- e) amadurecimento da consciência ligada à civilização moderna.



○ **10. (ENEM)** A ausência quase completa de fantasmas na Bíblia deve ter favorecido também a vontade de rejeição dos fantasmas pela cultura cristã. Várias passagens dos Evangelhos manifestam mesmo uma grande reticência com relação a um culto dos mortos: “Deixa os mortos sepultar os mortos”, diz Jesus (Mt 8:21), ou ainda: “Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos” (Mt 22:32). Por certo, numerosos mortos são ressuscitados por Jesus (e, mais tarde, por alguns de seus discípulos), mas tal milagre — o mais notório possível segundo as classificações posteriores dos hagiógrafos medievais — não é assimilável ao retorno de um fantasma. Ele prefigura a própria ressurreição do Cristo três dias depois de sua Paixão. Antecipa também a ressurreição universal dos mortos no fim dos tempos.

SCHMITT, J.-C. Os vivos e os mortos na sociedade medieval. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

De acordo com o texto, a representação da morte ganhou novos significados nessa religião para:

- a) extinguir as formas de ritualismo funerário.
- b) evitar a expressão de antigas crenças politeístas.
- c) sacramentar a execução do exorcismo de infiéis.
- d) enfraquecer a convicção na existência de demônios.
- e) consagrar as práticas de contato mediúnico transcendental.

○ **11. (ENEM)**

Texto I

Não é possível passar das trevas da ignorância para a luz da ciência a não ser lendo, com um amor sempre mais vivo, as obras dos Antigos. Ladrem os cães, grunhem os porcos! Nem por isso deixarei de ser um seguidor dos Antigos. Para eles irão todos os meus cuidados e, todos os dias, a aurora me encontrará entregue ao seu estudo.

BLOIS, P. Apud PEDRERO SÁNCHEZ, M. G. *História da Idade Média: texto e testemunhas*. São Paulo: Unesp, 2000.

Texto II

A nossa geração tem arraigado o defeito de recusar admitir tudo o que parece vir dos modernos. Por isso, quando descubro uma ideia pessoal e quero torná-la pública, atribuo-a a outrem e declaro: – Foi fulano de tal que o disse, não sou eu. E para que acreditem totalmente nas minhas opiniões, digo: – O inventor foi fulano de tal, não sou eu.

BATH, A. Apud PEDRERO SÁNCHEZ, M. G. *História da Idade Média: texto e testemunhas*. São Paulo: Unesp, 2000.

Nos textos são apresentados pontos de vista distintos sobre as mudanças culturais ocorridas no século XII no Ocidente. Comparando os textos, os autores discutem o(a):

- a) produção do conhecimento face à manutenção dos argumentos de autoridade da Igreja.
- b) caráter dinâmico do pensamento laico frente à estagnação dos estudos religiosos.
- c) surgimento do pensamento científico em oposição à tradição teológica cristã.
- d) desenvolvimento do racionalismo crítico ao opor fé e razão.
- e) construção de um saber teológico-científico.

○ **12. (ENEM-2021)** “Desde o século XII que a cristandade ocidental era agitada pelo desafio lançado pela cultura profana – a dos romances de cavalaria, mas também a cultura folclórica dos camponeses e igualmente a dos cidadãos, de caráter mais jurídicos – à cultura eclesiástica, cujo veículo era o latim. Francisco de Assis veio alterar a situação, propondo aos seus ouvintes uma mensagem acessível a todos e, simultaneamente, enobrecendo a língua vulgar através do seu uso na religião”.

(VAUCHEZ, A. *A espiritualidade da Idade Média Ocidental*, séc. VIII-XIII. Lisboa: Estampa, 1995.)

O comportamento desse religioso demonstra uma preocupação com as características assumidas pela Igreja e com as desigualdades sociais compartilhadas no seu tempo pelos(as):

- a) senhores feudais.
- b) movimentos heréticos.
- c) integrantes das Cruzadas.
- d) corporações de ofícios.
- e) universidades medievais.

○ **13. (ENEM)** Os cruzados avançavam em silêncio, encontrando por todas as partes ossadas humanas, trapos e bandeiras.

No meio desse quadro sinistro, não puderam ver, sem estremeecer de dor, o acampamento onde Gauthier havia deixado as mulheres e crianças. Lá, os cristãos tinham sido surpreendidos pelos muçulmanos, mesmo no momento em que os sacerdotes celebravam o sacrifício da Missa. As mulheres, as crianças, os velhos, todos os que a fraqueza ou a doença conservava sob as tendas, perseguidos até os altares, tinham sido levados para a escravidão ou imolados por um inimigo cruel. A multidão dos cristãos, massacrada naquele lugar, tinha ficado sem sepultura.

J. F. Michaud. *História das cruzadas*. São Paulo: Editora das Américas, 1956 (com adaptações).

Foi, de fato, na sexta-feira 22 do tempo de Chaaban, do ano de 492 da Hégira, que os franj* se apossaram da Cidade Santa, após um sítio de 40 dias. Os exilados ainda tremem cada vez que falam nisso, seu olhar se esfria como se eles ainda tivessem diante dos olhos aqueles guerreiros louros, protegidos de armaduras, que espelham pelas ruas o sabre cortante, desembainhado, degolando homens, mulheres e crianças, pilhando as casas, saqueando as mesquitas.

*franj = cruzados.

Amin Maalouf. *As Cruzadas vistas pelos árabes*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989 (com adaptações).

Avalie as seguintes afirmações a respeito dos textos acima, que tratam das Cruzadas.

- I. Os textos referem-se ao mesmo assunto – as Cruzadas, ocorridas no período medieval –, mas apresentam visões distintas sobre a realidade dos conflitos religiosos desse período histórico.
- II. Ambos os textos narram partes de conflitos ocorridos entre cristãos e muçulmanos durante a Idade Média e revelam como a violência contra mulheres e crianças era prática comum entre adversários.
- III. Ambos narram conflitos ocorridos durante as Cruzadas medievais e revelam como as disputas dessa época, apesar de ter havido alguns confrontos militares, foram resolvidas com base na ideia do respeito e da tolerância cultural e religiosa.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) I e II.
- e) II e III.



○ **14. (ENEM)** Mas era sobretudo a lã que os compradores, vindos da Flandres ou da Itália, procuravam por toda a parte. Para satisfazê-los, as raças foram melhoradas através do aumento progressivo das suas dimensões. Esse crescimento prosseguiu durante todo o século XIII, e as abadias da Ordem de Cister, onde eram utilizados os métodos mais racionais de criação de gado, desempenharam certamente um papel determinante nesse aperfeiçoamento.

DUBY, G. *Economia rural e vida no campo no Ocidente medieval* Lisboa: Estampa, 1987 (adaptado).

O texto aponta para a relação entre aperfeiçoamento da atividade pastoril e avanço técnico na Europa Ocidental feudal, que resultou do(a):

- a) crescimento do trabalho escravo.
- b) desenvolvimento da vida urbana.
- c) padronização dos impostos locais.
- d) uniformização do processo produtivo.
- e) desconcentração da estrutura fundiária.

○ **15. (ENEM)** Se a mania de fechar, verdadeiro *habitus* da mentalidade medieval nascido talvez de um profundo sentimento de insegurança, estava difundida no mundo rural, estava do mesmo modo no meio urbano, pois que uma das características da cidade era de ser limitada por portas e por uma muralha.

DUBY, G. et al. "Séculos XIV-XV". In: ARIÈS, P.; DUBY, G. *História da vida privada da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990 (adaptado).

As práticas e os usos das muralhas sofreram importantes mudanças no final da Idade Média, quando elas assumiram a função de pontos de passagem ou pórticos.

Esse processo está diretamente relacionado com:

- a) o crescimento das atividades comerciais e urbanas.
- b) a migração de camponeses e artesãos.
- c) a expansão dos parques industriais e fabris.
- d) o aumento do número de castelos e feudos.
- e) a contenção das epidemias e doenças.

○ **16. (ENEM)** No início foram as cidades. O intelectual da Idade Média – no Ocidente – nasceu com elas. Foi com o desenvolvimento urbano ligado às funções comercial e industrial – digamos modestamente artesanal – que ele apareceu, como um desses homens de ofício que se instalavam nas cidades nas quais se impôs a divisão do trabalho.

Um homem cujo ofício é escrever ou ensinar, e de preferência as duas coisas a um só tempo, um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e erudito, em resumo, um intelectual – esse homem só aparecerá com as cidades.

LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

O surgimento da categoria mencionada no período em destaque no texto evidencia o(a):

- a) apoio dado pela Igreja ao trabalho abstrato.
- b) relação entre desenvolvimento urbano e divisão do trabalho.
- c) importância organizacional das corporações de ofício.
- d) progressiva expansão da educação escolar.
- e) acúmulo de trabalho dos professores e eruditos.

○ **17. (ENEM)** Veneza, emergindo obscuramente ao longo do início da Idade Média das águas às quais devia sua imunidade a ataques, era nominalmente submetida ao Império Bizantino, mas, na prática, era uma cidade-estado independente na altura do século X. Veneza era única na cristandade por ser uma comunidade comercial: "Essa gente não lavra, semeia ou colhe uvas", como um surpresa observador do século XI constatou. Comerciantes venezianos puderam negociar termos favoráveis para comerciar com Constantinopla, mas também se relacionaram com mercadores do islã.

FLETCHER, R. *A cruz e o crescente: cristianismo e islã, de Maomé à Reforma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

A expansão das atividades de trocas na Baixa Idade Média, dinamizadas por centros como Veneza, reflete o(a):

- a) importância das cidades comerciais.
- b) integração entre a cidade e o campo.
- c) dinamismo econômico da Igreja cristã.
- d) controle da atividade comercial pela nobreza feudal.
- e) ação reguladora dos imperadores durante as trocas comerciais.

○ **18. (ENEM)**

Queixume das operárias da seda

Sempre tecemos panos de seda
E nem por isso vestiremos melhor [...]

Nunca seremos capazes de ganhar tanto
Que possamos ter melhor comida [...]

Pois a obra de nossas mãos
Nenhuma de nós terá para se manter [...]

E estamos em grande miséria
Mas, com os nossos salários, enriquece aquele para quem trabalhamos

Grande parte das noites ficamos acordadas
E todo o dia para isso ganhar

Ameaçam-nos de nos moer de pancada
Os membros quando descansamos

E assim, não nos atrevemos a repousar.

CHRÉTIEN DE TROYES apud LE GOFF, J. *Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1992.

Tendo em vista as transformações socioeconômicas da Europa Ocidental durante a Baixa Idade Média, o texto apresenta a seguinte situação:

- a) Uso da coerção no mundo do trabalho artesanal.
- b) Deslocamento das trabalhadoras do campo para as cidades.
- c) Desorganização do trabalho pela introdução do assalariamento.
- d) Enfraquecimento dos laços que ligavam patrões e empregadas.
- e) Ganho das artífices pela introdução da remuneração pelo seu trabalho.

Anotações:



○ **19. (ENEM)** A cidade medieval é, antes de mais nada, uma sociedade da abundância, concentrada num pequeno espaço em meio a vastas regiões pouco povoadas. Em seguida, é um lugar de produção e de trocas, onde se articulam o artesanato e o comércio, sustentados por uma economia monetária. É também o centro de um sistema de valores particular, do qual emerge a prática laboriosa e criativa do trabalho, o gosto pelo negócio e pelo dinheiro, a inclinação para o luxo, o senso da beleza. É ainda um sistema de organização de um espaço fechado com muralhas, onde se penetra por portas e se caminha por ruas e praças e que é guarnecido por torres.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. Dicionário temático do Ocidente Medieval. Bauru: Edusc, 2006.

No texto, o espaço descrito se caracteriza pela associação entre a ampliação das atividades urbanas e a:

- a) emancipação do poder hegemônico da realeza.
- b) aceitação das práticas usurárias dos religiosos.
- c) independência da produção alimentar dos campos.
- d) superação do ordenamento corporativo dos ofícios.
- e) permanência dos elementos arquitetônicos de proteção.

○ **20. (ENEM)** A Peste Negra dizimou boa parte da população europeia, com efeitos sobre o crescimento das cidades. O conhecimento médico da época não foi suficiente para conter a epidemia. Na cidade de Siena, Agnolo di Tura escreveu:

“As pessoas morriam às centenas, de dia e de noite, e todas eram jogadas em fossas cobertas com terra e, assim que essas fossas ficavam cheias, cavavam-se mais. E eu enterrei meus cinco filhos com minhas próprias mãos [...] E morreram tantos que todos achavam que era o fim do mundo.”

Agnolo di Tura. The Plague in Siena: An Italian Chronicle. In: William M. Bowsky. The Black Death: a turning point in history? New York: HRW, 1971 (com adaptações).

O testemunho de Agnolo di Tura, um sobrevivente da Peste Negra, que assolou a Europa durante parte do século XIV, sugere que:

- a) o flagelo da Peste Negra foi associado ao fim dos tempos.
- b) a Igreja buscou conter o medo da morte, disseminando o saber médico.
- c) a impressão causada pelo número de mortos não foi tão forte, porque as vítimas eram poucas e identificáveis.
- d) houve substancial queda demográfica na Europa no período anterior à Peste.
- e) o drama vivido pelos sobreviventes era causado pelo fato de os cadáveres não serem enterrados.

○ **21. (ENEM)** No império africano do Mali, no século XIV, Tombuctu foi centro de um comércio internacional onde tudo era negociado – sal, escravos, marfim etc. Havia também um grande comércio de livros de história, medicina, astronomia e matemática, além de grande concentração de estudantes. A importância cultural de Tombuctu pode ser percebida por meio de um velho provérbio: “O sal vem do norte, o ouro vem do sul, mas as palavras de Deus e os tesouros da sabedoria vêm de Tombuctu”.

ASSUMPCÃO, J. E. África: uma história a ser reescrita. In: MACEDO, J. R. (Org.). *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: UFRGS, 2008 (adaptado).

Uma explicação para o dinamismo dessa cidade e sua importância histórica no período mencionado era o(a):

- a) isolamento geográfico do Saara ocidental.
- b) exploração intensiva de recursos naturais.
- c) posição relativa nas redes de circulação.
- d) tráfico transatlântico de mão de obra servil.
- e) competição econômica dos reinos da região.

○ **22. (UFSM)** Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das alternativas a seguir sobre a Idade Média.

() O Império Bizantino, além de sobreviver em um milênio à queda do Império Romano do Ocidente, tinha em sua capital, Constantinopla, um dos principais centros comerciais e culturais do mundo medieval.

() O Império Carolíngio destacou-se por adotar e defender a religião cristã na Alta Idade Média europeia e teve em Carlos Magno o seu mais importante rei que, embora guerreiro, incentivou a atividade intelectual do denominado “Renascimento Carolíngio”.

() O feudalismo foi um sistema de organização política, social e econômica caracterizado pela centralização do poder na pessoa do rei, pela sociedade cada vez mais concentrada nos núcleos urbanos denominados burgos e por uma classe burguesa em crescente ascensão.

() A expansão do Islã não afetou a vida da Europa cristã porque, durante dois séculos, os papas promoveram as Cruzadas, guerras para combater os muçulmanos e mantê-los longe das fronteiras europeias.

A sequência correta é

- a) F - V - F - V.
- b) F - F - V - F.
- c) V - V - F - V.
- d) V - F - V - F.
- e) V - V - F - F.

○ **23. (UFSM)** Sobre a sociedade feudal ocidental, é possível destacar:

a) Estava dividida em quatro classes sociais: nobres, clero, servos e vilões. Os nobres guerreavam, os clérigos rezavam e justificavam a dominação feudal, os servos trabalhavam, e os vilões faziam comércio nas vilas.

b) Devido ao caráter patriarcal, a mulher era submetida às ordens do pai e, após casar, às do esposo, contribuindo para a reprodução da espécie e realizando as tarefas dentro de sua casa.

c) A posição social do indivíduo estava naturalmente determinada pelo nascimento, embora um servo pudesse ascender a uma posição social melhor, desde que demonstrasse grandes méritos nas tarefas militares ou religiosas, ou seja, ele podia compor o alto clero.

d) Não havia diferença alguma entre os servos e os escravos, pois ambos estavam ligados à terra, permaneciam no feudo e eram propriedade do senhor feudal.

e) Os senhores feudais ligavam-se entre si através das relações servis de suserania e vassalagem, investidura e capitação. Essas relações garantiam os laços de dependência socioeconômica e política.



○ 24. (UFSM-2023) Sobre o papel social das mulheres na sociedade feudal europeia, no que diz respeito às atividades produtivas, às relações de trabalho, à produção do conhecimento e ao acesso a ele, é correto afirmar que

a) eram subalternas ao poder masculino, limitadas ao acesso e, mais ainda, à produção do conhecimento. Cabia a muitas mulheres o trabalho doméstico, bem como as funções de camponesas e artesãs.

b) atuavam como copistas nos mosteiros medievais, sendo responsáveis por registrar e produzir o conhecimento e preservar o legado da cultura ocidental.

c) em uma sociedade teocêntrica, as mulheres eram responsáveis pela organização dos templos e cultos, bem como pela formação educacional dos monges.

d) por terem acesso ao conhecimento das tecnologias de guerra e de formas de luta, as mulheres da nobreza eram inestimáveis guerreiras e cavaleiras.

e) as mulheres consideradas hereges, críticas aos princípios e valores da Igreja Católica, eram tratadas com benevolência e respeito às diferenças de opinião.

○ 25. (UFSM) “Aquele que jura fidelidade ao seu senhor, deve ter sempre presente na memória seis palavras: incólume*, seguro, honesto, útil, fácil e possível. (...) O seu senhor deve também retribuir da mesma maneira todas estas coisas ao seu fiel.”

Bispo francês no texto do ano de 1020 - citado por Jônatas Batista Neto.
*Livre de dano ou perigo.

Nesse texto, o bispo francês explica o contrato vassálico que dominou a sociedade feudal. Sobre esse contrato, é correto afirmar

a) Nos primeiros tempos, o mais importante era o vínculo entre os guerreiros, mas, com o tempo, a concessão do feudo passou a ser o centro desse contrato.

b) Impunha obrigações para as duas partes, senhor e vassalo, e, depois de ser firmado, poderia ser quebrado por ambas as partes.

c) Podia ser rompido somente pelo vassalo se o suserano não se mostrasse merecedor do “feudo” recebido, o que implicaria o confisco deste.

d) A ruptura do contrato era aceita nos casos em que o vassalo abusasse dos seus direitos e exigências em relação ao suserano.

e) As duas partes, senhor e vassalo, podiam romper o contrato se uma delas não cumprisse suas obrigações, mas não era permitido o confisco do feudo.

○ 26. (UFSM) Embora não tenha ocorrido da mesma forma em toda a Europa Ocidental Medieval, o feudalismo se caracteriza pela

I. produção nos domínios de proprietários pertencentes à nobreza e ao alto clero, com base na exploração do trabalho servil (corveia).

II. ruralização da sociedade e pela ausência de atividades comerciais.

III. submissão dos camponeses à terra, garantida tanto por coação militar e jurídica, quanto por um conjunto de valores difundidos pela igreja para justificarem essa submissão.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s)

a) I apenas.

b) II apenas.

c) III apenas.

d) I e III apenas.

e) I, II e III.

○ 27. (UFSM) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) nas afirmações a respeito da tecnologia medieval.

() O extenso e populoso Império Romano legou para a Idade Média uma engenharia desenvolvida para construir e manter uma complexa rede de estradas e aquedutos, além de uma tecnologia que permitia a construção de edifícios públicos e outras obras, utilizando arcos, abóbadas e cúpulas.

() Os povos bárbaros desprezaram o legado cultural romano e, como não desenvolveram nenhuma tecnologia expressiva, foram os responsáveis pelo fato de a Europa ter atravessado o longo período de miséria, fome, doença e violência que caracterizou a “idade das trevas”.

() A tecnologia da Europa medieval desenvolveu o aproveitamento de fontes de energia, como a eólica, com os moinhos de vento, e a hidráulica, com as rodas d'água, elementos que, somados à rotação de culturas no rodízio trienal dos campos agrícolas, permitiram o aumento da produção de alimentos.

() Os mosteiros medievais, embora preservassem o conhecimento através do trabalho dos monges copistas, não desenvolveram nenhuma inovação tecnológica expressiva, por entenderem que a natureza era perfeita como criação de Deus e que só o demônio poderia querer transformá-la para destruí-la.

A sequência correta é

a) F - V - F - V.

b) F - F - V - F.

c) V - V - F - V.

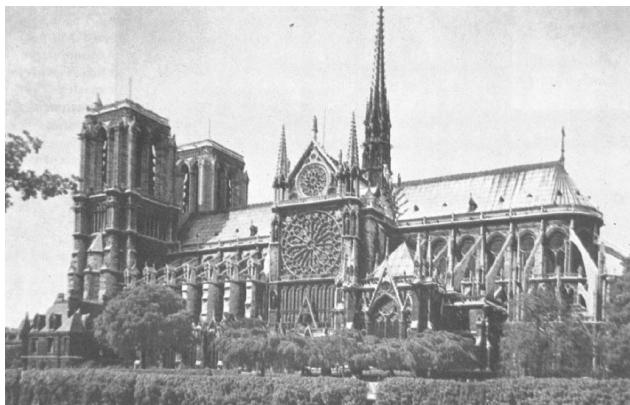
d) V - F - V - F.

e) V - V - V - F.

Anotações:



○ 28. (UFSM) As igrejas góticas - a exemplo da Catedral de Notre Dame - começaram a ser construídas no século doze e estão relacionadas com um momento histórico caracterizado pelo(a)



In: PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Ática, 2001. p. 66.

- a) declínio da tecnologia e das cidades comerciais, em decorrência da desagregação do Império Romano.
- b) papel das ordens monásticas na estagnação da cultura, da tecnologia e da economia das sociedades feudais.
- c) desenvolvimento comercial, pelo enriquecimento das cidades e pelo declínio da Igreja como elemento organizador do mundo medieval.
- d) desenvolvimento das cidades, em função da atividade comercial e pelo papel da Igreja como polo de poder político e cultural.
- e) desestruturação do mundo feudal, provocada por meio do renascimento comercial, pelo declínio das monarquias e pela decadência política e cultural da Igreja.

○ 29. (UFSM) No princípio do século XII, teve início na Europa uma economia fundada no comércio, e o centro da vida social deslocou-se do campo para as cidades, surgindo uma nova classe social: a burguesia urbana. Também resultado desse processo, a arte românica passou a ser abandonada em favor de um novo estilo, a arte gótica, a qual apresentava as seguintes características arquitetônicas:

- a) colunas jônicas, capitéis e relicários.
- b) contrastes de luz e sombras, abóbadas e tetos altos.
- c) vitrais coloridos, muito espaço interno e paredes maciças.
- d) fachadas pesadas, pouco espaço interno e rosáceas.
- e) arcobotantes, arcos ogivais e vitrais.

○ 30. (UFSM) A partir do século XI, ocorrem inovações técnicas na Europa Ocidental, como o aprimoramento do arado e a drenagem de pântanos. Com isso,

- I. expandem-se áreas de cultivo e aumenta a produção na área industrial.
- II. intensificam-se as intervenções humanas na paisagem rural, alterando o ritmo das chuvas e provocando crises agrícolas periódicas.
- III. acentuam-se os limites da ordem feudal, o isolamento dos feudos, a severa estratificação social e a pesada tributação dos senhores.
- IV. consolida-se o sistema feudal, garantindo a toda população alimentação abundante e diminuição dos tributos pagos aos senhores.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I e II.
- b) apenas II e III.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas III.
- e) apenas IV.

○ 31. (UFSM)

ASSERTÇÃO

O processo de transição do feudalismo para o capitalismo envolveu, entre outros fatores, a modificação substancial das relações entre as pessoas e o seu meio ambiente, tanto na zona rural como no mundo urbano.

RAZÃO

a sociedade, que se estruturava política, social e economicamente a partir de seus vínculos com a terra, foi substituída por outra em crescente processo de urbanização no qual as cidades passaram a constituir os novos centros de poder.

PORQUE

Assinale a alternativa correta.

- a) Asserção correta, razão correta, e a razão justifica a asserção.
- b) Asserção correta, razão correta, mas a razão não justifica a asserção.
- c) Asserção correta, razão errada.
- d) Asserção errada, razão correta.
- e) Asserção e razão erradas.

Anotações:



32. (UFSM) Observe o mapa:

A Idade Média europeia - século V ao XV - assinala expressivos desenvolvimentos nos diversos campos do conhecimento, da tecnologia e da produção em geral. São características desse período:

I. os contínuos aprimoramentos na agricultura e nas técnicas de produção, tais como a rotação trienal dos campos, a invenção da charrua, a utilização de inovações no arreamento dos cavalos, permitindo aumentar a força de tração nos trabalhos agrícolas.

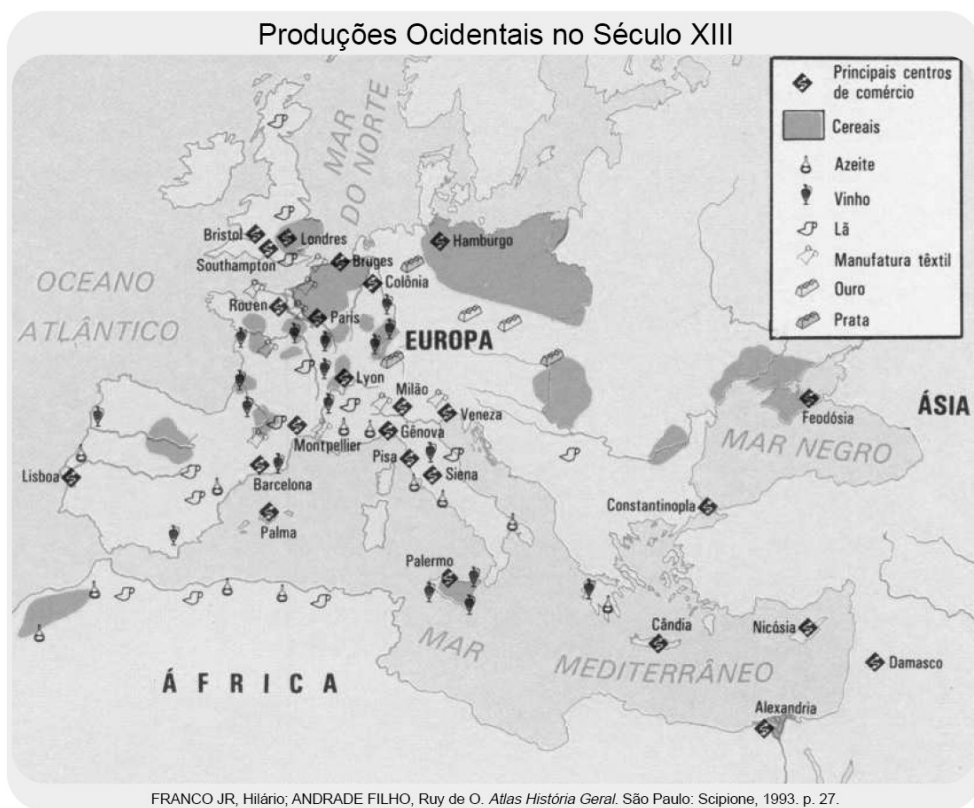
II. o crescente isolamento político, econômico e cultural entre os mundos europeu ocidental, bizantino e islâmico, marcados por permanentes hostilidades e conflitos que levaram a um clima geral de insegurança, obrigando a população a abandonar as cidades e a buscar proteção dentro dos muros dos castelos dos senhores feudais.

III. a hegemonia da igreja cristã, monopolizadora de todo o conhecimento da época, voltado apenas para o mundo espiritual e a busca da salvação, obrigando escolas e universidades a se dedicarem sobretudo à teologia, relegando a um plano secundário a filosofia, o direito, a medicina e as demais ciências.

IV. uma crescente apropriação de conhecimentos científicos e tecnológicos vindos do oriente através do mundo árabe-islâmico, como o sistema numérico com os algarismos de 0 a 9, decisivos para o desenvolvimento posterior da ciência baseada em cálculos matemáticos, além da astronomia e da cartografia.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas II e III.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) I, II, III e IV.



Anotações:





DORIGO, G., VICENTINO, C. *História para o ensino médio: História Geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2005. p. 149.

Ilustração 2 - fotografia de consumidores em Taiwan - Japão, em 2000.



MOREIRA, J. C.; SENE, E. *Geografia para o ensino médio: Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2002. p. 241.

Ilustração 1 - iluminura do século XV mostrando alguns mercadores em atividade comercial.

As duas imagens tratam das continuidades / descontinuidades das atividades comerciais dos tempos modernos e contemporâneos: da Revolução Comercial à Globalização ocorrida no final do século XX. A partir delas, é correto afirmar:

I. Apesar de as ilustrações tratarem do mesmo objeto - comércio - elas não possuem nenhum vínculo socioeconômico, já que a primeira é uma representação de mercado do século XV e a segunda, do último ano do século XX; portanto, elas estão dissociadas.

II. Ao contrário do que se possa pensar a Revolução Comercial e seus consequentes lucros oportunizaram uma série de transformações que resultou na globalização da economia contemporânea e que promoveu relações entre as diversas regiões do planeta, integrando-as. Dessa forma, ocorre um processo contínuo de mundialização da economia.

III. As duas imagens representam não só diferenças, particularidades dos seus tempos históricos específicos, mas também semelhanças e aproximações, uma vez que o modo de comercializar era semelhante tanto no período da Revolução Comercial quanto no do Capitalismo Globalizado.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 3

» Mundo Moderno I – Séculos XV e XVI: estruturação política, econômica e cultural

○ 1. (ENEM)



Charge anônima. BURKE, P. A fabricação do rei. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Na França, o rei Luís XIV teve sua imagem fabricada por um conjunto de estratégias que visavam sedimentar uma determinada noção de soberania. Nesse sentido, a charge apresentada demonstra:

- a) a humanidade do rei, pois retrata um homem comum, sem os adornos próprios à vestimenta real.
- b) a unidade entre o público e o privado, pois a figura do rei com a vestimenta real representa o público e, sem a vestimenta real, o privado.
- c) o vínculo entre monarquia e povo, pois leva ao conhecimento do público a figura de um rei desprezioso e distante do poder político.
- d) o gosto estético refinado do rei, pois evidencia a elegância dos trajes reais em relação aos de outros membros da corte.
- e) a importância da vestimenta para a constituição simbólica do rei, pois o corpo político adornado esconde os defeitos do corpo pessoal.

○ 2. (ENEM) A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Para Hobbes, antes da constituição da sociedade civil, quando dois homens desejavam o mesmo objeto, eles:

- a) entravam em conflito.
- b) recorriam aos clérigos.
- c) consultavam os anciãos.
- d) apelavam aos governantes.
- e) exerciam a solidariedade.

○ 3. (ENEM) O príncipe, portanto, não deve se incomodar com a reputação de cruel, se seu propósito é manter o povo unido e leal. De fato, com uns poucos exemplos duros poderá ser mais clemente do que outros que, por muita piedade, permitem os distúrbios que levam ao assassinio e ao roubo.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*, São Paulo: Martin Claret, 2009.

No século XVI, Maquiavel escreveu *O Príncipe*, reflexão sobre a Monarquia e a função do governante. A manutenção da ordem social, segundo esse autor, baseava-se na:

- a) inércia do julgamento de crimes polêmicos.
- b) bondade em relação ao comportamento dos mercenários.
- c) compaixão quanto à condenação de transgressões religiosas.
- d) neutralidade diante da condenação dos servos.
- e) conveniência entre o poder tirânico e a moral do príncipe.

○ 4. (ENEM-2020) “Na primeira bica abasteciam os negros, forros e cativos, os mulatos e os índios; na segunda, os moiros das galés, e os da primeira bica, quando fosse necessário; a terceira e quarta estavam reservadas aos homens e moços brancos; na quinta enchiam as mulheres pretas e na sexta, as mulheres e moças brancas. A quem infringisse esta ordem eram aplicados severos castigos — açoitamento com varaço e pregão, ao redor do Chafariz, sendo de cor; 2 000 réis de multa e três dias de cadeia, sendo branco o prevaricador.”

(CAETANO, J. O. Chafarizes de Lisboa. Lisboa: Distri, 1991.)

A organização dos consumidores nos chafarizes públicos de Lisboa no século XVI, descrita no texto, expressava a:

- a) escassez de recursos hídricos.
- b) reprodução de distinções sociais.
- c) prevenção da transmissão de doenças.
- d) obsolescência das técnicas de fornecimento.
- e) ineficiência da cobertura de serviços estatais.

○ 5. (ENEM) Outro remédio eficiente é organizar colônias, em alguns lugares, as quais virão a ser como grillhões impostos à província, porque isto é necessário que se faça ou deve-se lá ter muita força de armas. Não é muito que se gasta com as colônias, e, sem despesa excessiva, podem ser organizadas e mantidas. Os únicos que terão prejuízos com elas serão os de quem se tomam os campos e as moradias para se darem aos novos habitantes. Entretanto, os prejudicados serão a minoria da população do Estado, e dispersos e reduzidos à penúria, nenhum dano trarão ao príncipe, e os que não foram prejudicados terão, por isso, que se aquietarem, temerosos de que o mesmo lhes suceda.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Em *O príncipe*, Maquiavel apresenta conselhos para a manutenção do poder político, como o deste trecho, que tem como objeto a:

- a) transferência dos inimigos da metrópole para a colônia.
- b) substituição de leis, costumes e impostos da região dominada.
- c) implantação de um exército armado, constituído pela população subjugada.
- d) expansão do principado, com migração populacional para o território conquistado.
- e) distribuição de terras para a parcela do povo dominado, que possui maior poder político.



○ 6. (ENEM)

I

Para o filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), o estado de natureza é um estado de guerra universal e perpétua. Contrastado ao estado de natureza, entendido como estado de guerra, o estado de paz é a sociedade civilizada.

Dentre outras tendências que dialogam com as ideias de Hobbes, destaca-se a definida pelo texto abaixo.

II

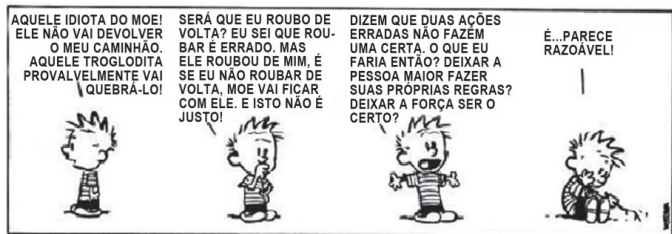
Nem todas as guerras são injustas e correlativamente, nem toda paz é justa, razão pela qual a guerra nem sempre é um desvalor, e a paz nem sempre um valor.

BOBBIO, N. MATTEUCCI, N. PASQUINO, G. *Dicionário de Política*, 5ª ed. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

Comparando as ideias de Hobbes (texto I) com a tendência citada no texto II, pode-se afirmar que:

- a) em ambos, a guerra é entendida como inevitável e injusta.
- b) para Hobbes, a paz é inerente à civilização e, segundo o texto II, ela não é um valor absoluto.
- c) de acordo com Hobbes, a guerra é um valor absoluto e, segundo o texto II, a paz é sempre melhor que a guerra.
- d) em ambos, a guerra ou a paz são boas quando o fim é justo.
- e) para Hobbes, a paz liga-se à natureza e, de acordo com o texto II, à civilização.

○ 7. (ENEM)



WATTERSON, B. *Calvin e Haroldo: O Progresso Científico deu "Til"*. São Paulo: Best News, 1991.

De acordo com algumas teorias políticas, a formação do Estado é explicada pela renúncia que os indivíduos fazem de sua liberdade natural quando, em troca da garantia de direitos individuais, transferem a um terceiro o monopólio do exercício da força. O conjunto dessas teorias é denominado de:

- a) liberalismo.
- b) despotismo.
- c) socialismo.
- d) anarquismo.
- e) contratualismo.

Anotações:

○ 8. (ENEM-2020) "Certos músicos agradavam tanto ao público da Corte por seu talento especial como virtuose ou como compositor, que sua fama se espalhava para além da Corte local onde estavam empregados, chegando aos mais altos níveis. Eram chamados para tocar nas Cortes dos poderosos, como aconteceu com Mozart; imperadores e reis exprimiam abertamente prazer com sua arte e admiração por suas realizações. Tinham permissão para jantar à mesma mesa — normalmente em troca de uma execução ao piano; muitas vezes se hospedavam em seus palácios quando viajavam e assim conheciam intimamente seu estilo de vida e seu gosto."

(ELIAS, N. Mozart, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995 (adaptado).)

Com base no caso descrito, qual elemento histórico do Antigo Regime contrasta com o trânsito de intelectuais e artistas pelas Cortes?

- a) Rigidez das estruturas sociais.
- b) Fragmentação do poder estatal.
- c) Autonomia de profissionais liberais.
- d) Harmonia das relações interindividuais.
- e) Racionalização da administração pública.

○ 9. (ENEM-2023) Do século XVI em diante, pelo menos nas classes mais altas, o garfo passou a ser usado como utensílio para comer, chegando através da Itália primeiramente à França e, em seguida, à Inglaterra e à Alemanha, depois de ter servido, durante algum tempo, apenas para retirar alimentos sólidos da travessa. Henrique III introduziu-o na França, trazendo-o provavelmente de Veneza. Seus cortesãos não foram pouco ridicularizados por essa maneira "afetada" de comer e, no princípio, não eram muito hábeis no uso do utensílio: pelo menos se dizia que metade da comida caía do garfo no caminho do prato à boca. Em data tão recente como o século XVII, o garfo era ainda basicamente artigo de luxo, geralmente feito de prata ou ouro.

(ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994)

O processo social relatado indica a formação de uma etiqueta que tem como princípio a

- a) distinção das classes sociais.
- b) valorização de hábitos de higiene.
- c) exaltação da cultura mediterrânea.
- d) consagração de tradições medievais.
- e) disseminação de produtos manufaturados.



○ **10. (ENEM-2020)** “Sempre que se evoca o tema do Renascimento, a imagem que imediatamente nos vem à mente é a dos grandes artistas plásticos e de suas obras mais famosas, amplamente reproduzidas e difundidas até os nossos dias, como a *Monalisa* e a *Última ceia*, de Leonardo da Vinci, o *Juízo final*, a *Pietà* e o *Moisés*, de Michelangelo, assim como as inúmeras e suaves *Madonas*, de Rafael, que permanecem ainda como modelo mais frequente de representação da mãe de Cristo. Como veremos, de fato, as artes plásticas acabaram se convertendo num centro de convergência de todas as principais tendências da cultura renascentista.”

(SEVCENKO, N. *O Renascimento*. Campinas: Atual, 1988 (adaptado).)

Esse movimento cultural, inserido no processo de transição da modernidade europeia, caracterizou-se pela:

- a) validação da teoria geocêntrica.
- b) valorização da integração religiosa.
- c) afirmação dos princípios humanistas.
- d) legitimação das tradições aristocráticas.
- e) incorporação das representações góticas.

○ **11. (ENEM)** Acompanhando a intenção da burguesia renascentista de ampliar seu domínio sobre a natureza e da invenção tecnológica, os cientistas também iriam se atirar nessa aventura, tentando conquistar a forma, o movimento, o espaço, a luz, a cor e mesmo a expressão e o sentimento.

(SEVCENKO, N. *O Renascimento*. Campinas: Unicamp, 1984.

O texto apresenta um espírito de época que afetou também a produção artística, marcada pela constante relação entre:

- a) fé e misticismo.
- b) ciência e arte.
- c) cultura e comércio.
- d) política e economia.
- e) astronomia e religião.

○ **12. (ENEM)** A cultura ocidental acentuadamente antropocêntrica foi marcada por processos convergentes de desenvolvimento técnico-científico e acumulação de riquezas, propiciados pela expansão colonial, que resultaram na revolução industrial, no fortalecimento da ideia de progresso e no processo de ocidentalização do mundo.

(FERREIRA, L. C. *Dilemas do século XX: ideias para uma sociologia da questão ecológica*. In: SILVA, J. P. (Org.) *Por uma Sociologia do século XX*. São Paulo: Annablume, 2007 (adaptado).

Esse processo de acumulação de riquezas no Ocidente, por longos séculos, se fez à custa da degradação do meio natural. Do ponto de vista da cultura e do imaginário ocidental moderno, isso se deveu à:

- a) ideologia revolucionária burguesa, que pregava a repartição igualitária do direito de acesso aos recursos naturais e agrícolas.
- b) ideia de Renascimento, que representava os benefícios técnicos de transformação da natureza como salutares para a preservação de ecossistemas.
- c) concepção sacralizada de que a natureza, enquanto obra da criação de Deus, devia servir à contemplação estética e religiosa.
- d) perspectiva desenvolvimentista, que atrelava o progresso ao meio ambiente e difundia amplamente um entendimento da relação harmoniosa entre sociedade e natureza.
- e) crença nos poderes da ciência e do desenvolvimento tecnológico, que contribuiu para tratar a natureza como objeto de quantificação, manipulação e dominação.

○ **13. (ENEM)** [...] Depois de longas investigações, convenci-me por fim de que o Sol é uma estrela fixa rodeada de planetas que giram em volta dela e de que ela é o centro e a chama. Que, além dos planetas principais, há outros de segunda ordem que circulam primeiro como satélites em redor dos planetas principais e com estes em redor do Sol. [...] Não duvido de que os matemáticos sejam da minha opinião, se quiserem dar-se ao trabalho de tomar conhecimento, não superficialmente mas duma maneira aprofundada, das demonstrações que darei nesta obra. Se alguns homens ligeiros e ignorantes quiserem cometer contra mim o abuso de invocar alguns passos da Escritura (sagrada), a que torçam o sentido, desprezarei os seus ataques: as verdades matemáticas não devem ser julgadas senão por matemáticos.

(COPÉRNICO, N. *De Revolutionibus orbium caelestium*.

Aqueles que se entregam à prática sem ciência são como o navegador que embarca em um navio sem leme nem bússola.

Sempre a prática deve fundamentar-se em boa teoria. Antes de fazer de um caso uma regra geral, experimente-o duas ou três vezes e verifique se as experiências produzem os mesmos efeitos. Nenhuma investigação humana pode se considerar verdadeira ciência se não passa por demonstrações matemáticas.

(VINCI, Leonardo da. *Carnets*.

O aspecto a ser ressaltado em ambos os textos para exemplificar o racionalismo moderno é:

- a) a fé como guia das descobertas.
- b) o senso crítico para se chegar a Deus.
- c) a limitação da ciência pelos princípios bíblicos.
- d) a importância da experiência e da observação.
- e) o princípio da autoridade e da tradição.

○ **14. (ENEM)** A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles, vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.

(GALILEI, G. *O ensaiador. Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

No contexto da Revolução Científica do século XVII, assumir a posição de Galileu significava defender a:

- a) continuidade do vínculo entre ciência e fé dominante na Idade Média.
- b) necessidade de o estudo linguístico ser acompanhado do exame matemático.
- c) oposição da nova física quantitativa aos pressupostos da filosofia escolástica.
- d) importância da independência da investigação científica pretendida pela Igreja.
- e) inadequação da matemática para elaborar uma explicação racional da natureza.

Anotações:



○ 15. (ENEM)

Texto I

O Heliocentrismo não é o “meu sistema”, mas a Ordem de Deus.

COPÉRNICO, N. *As revoluções dos orbes celestes* [1543]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

Texto II

Não vejo nenhum motivo para que as ideias expostas neste livro (*A origem das espécies*) se choquem com as ideias religiosas.

DARWIN, C. *A origem das espécies* [1859]. São Paulo: Escala, 2009.

Os textos expressam a visão de dois pensadores – Copérnico e Darwin – sobre a questão religiosa e suas relações com a ciência, no contexto histórico de construção e consolidação da Modernidade. A comparação entre essas visões expressa, respectivamente:

- a) Articulação entre ciência e fé – pensamento científico independente.
- b) Poder secular acima do poder religioso – defesa dos dogmas católicos.
- c) Ciência como área autônoma do saber – razão humana submetida à fé.
- d) Moral católica acima da protestante – subordinação da ciência à religião.
- e) Autonomia do pensamento religioso – fomento à fé por meio da ciência.

○ 16. (ENEM) O texto foi extraído da peça *Tróilo e Créssida* de William Shakespeare, escrita, provavelmente, em 1601.

“Os próprios céus, os planetas, e este centro reconhecem graus, prioridade, classe, constância, marcha, distância, estação, forma, função e regularidade, sempre iguais; eis porque o glorioso astro Sol está em nobre eminência entronizado e centralizado no meio dos outros, e o seu olhar benfazejo corrige os maus aspectos dos planetas malfazejos, e, qual rei que comanda, ordena sem entraves aos bons e aos maus.”

Personagem Ulysses, Ato I, cena III. SHAKESPEARE, W. *Tróilo e Créssida*: Porto: Lello & Irmão, 1948.

A descrição feita pelo dramaturgo renascentista inglês se aproxima da teoria:

- a) geocêntrica do grego Claudius Ptolomeu.
- b) da reflexão da luz do árabe Alhazen.
- c) heliocêntrica do polonês Nicolau Copérnico.
- d) da rotação terrestre do italiano Galileu Galilei.
- e) da gravitação universal do inglês Isaac Newton.

Anotações:

○ 17. (ENEM) O franciscano Roger Bacon foi condenado, entre 1277 e 1279, por dirigir ataques aos teólogos, por uma suposta crença na alquimia, na astrologia e no método experimental, e também por introduzir, no ensino, as ideias de Aristóteles. Em 1260, Roger Bacon escreveu:

“Pode ser que se fabriquem máquinas graças às quais os maiores navios, dirigidos por um único homem, se desloquem mais depressa do que se fossem cheios de remadores; que se construam carros que avancem a uma velocidade incrível sem a ajuda de animais; que se fabriquem máquinas voadoras nas quais um homem [...] bata o ar com asas como um pássaro. [...] Máquinas que permitam ir ao fundo dos mares e dos rios.”

Apud. BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, vol. 3.

Considerando a dinâmica do processo histórico, pode-se afirmar que as ideias de Roger Bacon:

- a) inseriam-se plenamente no espírito da Idade Média ao privilegiarem a crença em Deus como o principal meio para antecipar as descobertas da humanidade.
- b) estavam em atraso com relação ao seu tempo ao desconsiderarem os instrumentos intelectuais oferecidos pela Igreja para o avanço científico da humanidade.
- c) opunham-se ao desencadeamento da Primeira Revolução Industrial, ao rejeitarem a aplicação da matemática e do método experimental nas invenções industriais.
- d) eram fundamentalmente voltadas para o passado, pois não apenas seguiam Aristóteles, como também baseavam-se na tradição e na teologia.
- e) inseriam-se em um movimento que convergiria mais tarde para o Renascimento, ao contemplarem a possibilidade de o ser humano controlar a natureza por meio das invenções.

○ 18. (ENEM) Assentado, portanto, que a Escritura, em muitas passagens, não apenas admite, mas necessita de exposições diferentes do significado aparente das palavras, parece-me que, nas discussões naturais, deveria ser deixada em último lugar.

GALILEI, G. Carta a Dom Benedetto Castelli. In: *Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia*. São Paulo: Unesp, 2009 (adaptado).

O texto, extraído da carta escrita por Galileu (1564-1642) cerca de trinta anos antes de sua condenação pelo Tribunal do Santo Ofício, discute a relação entre ciência e fé, problemática cara no século XVII.

A declaração de Galileu defende que:

- a) a bíblia, por registrar literalmente a palavra divina, apresenta a verdade dos fatos naturais, tornando-se guia para a ciência.
- b) o significado aparente daquilo que é lido acerca da natureza na bíblia constitui uma referência primeira.
- c) as diferentes exposições quanto ao significado das palavras bíblicas devem evitar confrontos com os dogmas da Igreja.
- d) a bíblia deve receber uma interpretação literal porque, desse modo, não será desviada a verdade natural.
- e) os intérpretes precisam propor, para as passagens bíblicas, sentidos que ultrapassem o significado imediato das palavras.



○ **19. (ENEM-2020)** “Dois grandes eventos históricos tornaram possível um caso como o de Menocchio: a invenção da imprensa e a Reforma. A imprensa lhe permitiu confrontar os livros com a tradição oral em que havia crescido e lhe forneceu as palavras que nele conviviam. A Reforma lhe deu audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores — mesmo não tendo conseguido dizer tudo diante do papa, dos cardeais e dos príncipes, como queria.”

(GINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.)

Os acontecimentos históricos citados ajudaram esse indivíduo, no século XVI, a repensar a visão católica do mundo ao possibilitarem a:

- a) consulta pública das bibliotecas reais.
- b) sofisticação barroca do ritual litúrgico.
- c) aceitação popular da educação secular.
- d) interpretação autônoma dos textos bíblicos.
- e) correção doutrinária das heresias medievais.



○ **20. (ENEM-2020)** “No início do século XVI, as relíquias continuavam protegendo edifícios e cidades, promovendo curas milagrosas, sendo levadas em solenes procissões pelas ruas, sacralizando altares de igrejas por toda a Europa, em uma notável continuidade em relação ao papel que haviam desempenhado havia mais de mil anos no continente. Mas, em meados daquele século, essa situação tinha se transformado. O culto às relíquias foi fortemente repudiado pelos reformadores protestantes, que pregavam uma igreja invisível.”

(CYMBALISTA, R. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna. Anais do Museu Paulista, n. 2, jul.-dez. 2006.)

A nova abordagem sobre a prática indicada no texto fundamentava-se no(a):

- a) abandono de objetos mediadores.
- b) instituição do ascetismo monástico.
- c) desprezo do proselitismo religioso.
- d) revalorização dos ritos sacramentais.
- e) consagração de preceitos populares.

○ **21. (ENEM-2020)** “Desde o mundo antigo e sua filosofia, que o trabalho tem sido compreendido como expressão de vida e de gradação, criação e infelicidade, atividade vital e escravidão, felicidade social e servidão. Trabalho e fadiga. Na Modernidade, sob o comando do mundo da mercadoria e do dinheiro, a prevalência do negócio (negar o ócio) veio sepultar o império do repouso, da folga e da preguiça, criando uma ética positiva de trabalho.”

(ANTUNES, R. O século XX e a era da degradação do trabalho. In: SILVA, J.P. (Org.). Por uma sociologia do século XX. São Paulo: Annablume, 2007 (adaptado).)

O processo de ressignificação do trabalho nas sociedades modernas teve início a partir do surgimento de uma nova mentalidade, influenciada pela:

- a) reforma higienista, que combateu o caráter excessivo e insalubre do trabalho fabril.
- b) Reforma Protestante, que expressou a importância das atividades laborais no mundo secularizado.
- c) força do sindicalismo, que emergiu no esteio do anarquismo reivindicando direitos trabalhistas.
- d) participação das mulheres em movimentos sociais, defendendo o direito ao trabalho.
- e) visão do catolicismo, que, desde a Idade Média, defendia a dignidade do trabalho e do lucro.



○ **22. (ENEM)** O cristianismo incorporou antigas práticas relativas ao fogo para criar uma festa sincrética. A igreja retomou a distância de seis meses entre os nascimentos de Jesus Cristo e João Batista e instituiu a data de comemoração a este último de tal maneira que as festas do solstício de verão europeu com suas tradicionais fogueiras se tornaram “fogueiras de São João”. A festa do fogo e da luz, no entanto, não foi imediatamente associada a São João Batista. Na Baixa Idade Média, algumas práticas tradicionais da festa (como banhos, danças e cantos) foram perseguidas por monges e bispos. A partir do Concílio de Trento (1545-1563), a Igreja resolveu adotar celebrações em torno do fogo e associá-las à doutrina cristã.

CHIANCA, L. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. Revista Antropológicas, n. 18, 2007 (adaptado).

Com o objetivo de se fortalecer, a instituição mencionada no texto adotou as práticas descritas, que consistem em:

- a) promoção de atos ecumênicos.
- b) fomento de orientações bíblicas.
- c) apropriação de cerimônias seculares.
- d) retomada de ensinamentos apostólicos.
- e) ressignificação de rituais fundamentalistas.

○ **23. (ENEM)**

TEXTO I

Manda o Santo Ofício da Inquisição que ninguém, seja qual for seu estado, idade ou condição, pare com carroça, caleça ou montaria nem atralhe com mesas ou cadeiras o centro das ruas, que vão da Inquisição a São Domingos, nem atravesse a procissão em ponto algum da ida ou da volta, amanhã, 19 do corrente, em que se celebrará auto de fé. E também que nem nesse dia nem nos dos açoites ouse alguém atirar nos réus maças, pedras, laranjas nem outra coisa qualquer.

PALMA, R. Anais da Inquisição de Lima. São Paulo: Edusp; Giordano, 1992 (adaptado).

TEXTO II

Como acontece em todos os ritos, o sentido do auto da fé é conferido pela sequência dos atos que o compõem. Os lugares, as posturas, os gestos, as palavras são fixados previamente em toda a sua complexidade. Por isso, o auto da fé apresenta momentos fortes — durante a preparação, a encenação, o ato e a recepção — que convém seguir em seus pormenores.

BETHENCOURT, F. História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália — séculos XV-XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

O rito mencionado nos textos demonstra a capacidade da Igreja em

- a) abrandar cerimônias de punição.
- b) favorecer anseios de violência.
- c) criticar políticas de disciplina.
- d) produzir padrões de conduta.
- e) ordenar cultos de heresia.

○ **24. (UFMS)** Figuras heroicas forjadas a partir de personagens reais ou criadas por artistas têm função semelhante. Joana d'Arc, na Guerra dos Cem Anos, serviu para

- a) reerguer a França abatida pela desaceleração econômica.
- b) apoiar o rei da França e fortalecer o seu reino.
- c) expulsar os invasores pagãos do território francês.
- d) consolidar o predomínio do papa na Europa.
- e) dar um herdeiro ao trono francês.



○ 25. (UFSM) Quando Deus deixava lentamente o lugar de onde tinha dirigido o universo e sua ordem de valores, separado o bem do mal e dado um sentido a cada coisa, Dom Quixote saiu de sua casa e não teve mais condições de reconhecer o mundo. Este, na ausência do Juiz supremo, surgiu subitamente numa temível ambiguidade; a única Verdade divina se decompôs em centenas de verdades relativas que os homens dividiram entre si. Assim, o mundo dos Tempos Modernos nasceu e, com ele, o romance, sua imagem e modelo.

KUNDERA, M. A arte do romance. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 12.

A partir do texto, é possível afirmar:

I. Os Tempos Modernos estão relacionados à consolidação da Igreja Católica como eixo central do pensamento e da organização sociopolítica da Europa.

II. O desenvolvimento do romance, com sua ênfase no indivíduo e na subjetividade, expressa uma possibilidade de reorganização do homem moderno com a sua realidade.

III. Com os Tempos Modernos, as bases filosóficas da Civilização Ocidental entram numa crise irremediável, sem que se ergam novos valores capazes de organizar o mundo.

IV. Dom Quixote é um símbolo das incertezas do homem moderno, e sua trajetória pelo mundo é o esforço de construir uma nova ordem de valores.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas II e III.
- d) apenas III e IV.
- e) apenas II e IV.

○ 26. (UFSM) Nos séculos XV e XVI, ocorreu, na Itália, um extraordinário desenvolvimento cultural, conhecido como "Renascimento". Sobre esse movimento, é correto afirmar:

- a) Foi fruto de uma inquietação intelectual surgida devido às novas condições socioeconômicas da Europa, no período de transição do feudalismo para o capitalismo.
- b) O traço característico do renascimento foi a preocupação com a figura humana; no entanto, a influência da igreja impediu a valorização do nu humano.
- c) Não interferiu nas estruturas curriculares das universidades que continuaram voltadas para as disciplinas teológicas.
- d) A ênfase na cultura e nas artes levou à depreciação de ciências, como anatomia, física, astronomia.
- e) A atuação dos mecenas (burgueses ricos que protegiam e financiavam artistas) impediu o desenvolvimento de novas técnicas, cores, perspectivas e noções de equilíbrio.

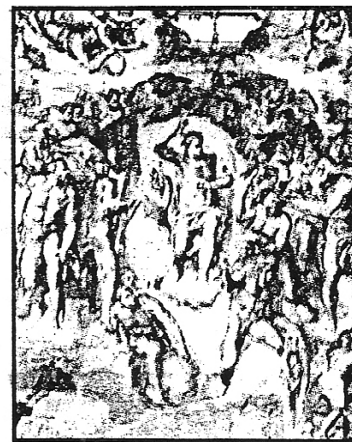
○ 27. (UFSM)

Laocoonte e seus filhos



In: ARRUDA, J. A. e PILETTI, N. *Toda a História*. São Paulo: Ática, 2003. p. 56.

Juízo Final



In: PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2001. p. 103.

A estátua "Laocoonte e seus filhos", produto do helenismo, foi desenterrada em Roma, em 1506, impressionou Michelangelo (1475-1564) e influenciou seu trabalho artístico em "Juízo Final".

Com base no trabalho de Michelangelo, pode-se considerar correta a seguinte afirmação:

- a) Sua arte restaura os valores da polis grega: a exaltação da razão, a morte dos deuses, a hegemonia da assembleia popular.
- b) Sua obra rompe com o naturalismo e inaugura as formas da arte moderna: a ênfase no abstrato.
- c) Seu modo de representar a figura humana se opõe ao hedonismo e à glorificação do natural.
- d) Seu trabalho glorifica o divino e o extraterreno em oposição ao humano e natural.
- e) Sua elaboração artística se insere no movimento intelectual que forma os valores modernos: naturalismo e individualismo.

Anotações:





"Madona e criança", de Berlinghiero (séc. XIII)



"Madona da pêra" de Giovanni Bellini (séc. XV)



"A virgem castigando o menino", de Max Ernest (séc. XX)

Na ilustração, há três formas de representar a figura feminina através do tema "Maria e o Menino Jesus". Essas representações se vinculam a diferentes momentos históricos. Observe as gravuras e analise as afirmativas a seguir, assinalando verdadeira (V) ou falsa (F).

- () "Madona e criança" se vincula ao ideal feminino estabelecido pela sociedade burguesa.
- () "Madona da pera" corresponde ao momento histórico de afirmação do projeto católico de descaracterização da figura feminina.
- () "A virgem castigando o menino" é expressão de uma sociedade onde a mulher se insere na vida pública e deixa de ser idealizada.
- () "Madona da pera" é produto cultural marcado pelo naturalismo inspirado no ideário greco-romano.
- () "A virgem castigando o menino" expressa o ideal da mulher dócil, adequada à estrutura familiar patriarcal.

A sequência correta é

- a) F - F - V - V - F.
- b) V - F - V - V - V.
- c) F - V - F - F - F.
- d) V - V - V - F - F.
- e) V - F - F - V - V.



GABARITO

• Habilidades à prova

Unidade 1

1. C	18. D	35. B
2. B	19. D	36. C
3. D	20. B	37. B
4. D	21. A	38. C
5. C	22. D	39. C
6. B	23. A	40. E
7. B	24. E	41. E
8. D	25. C	42. E
9. B	26. D	43. B
10. A	27. E	44. C
11. A	28. C	45. E
12. E	29. B	46. E
13. C	30. C	47. D
14. B	31. A	48. D
15. C	32. C	49. C
16. C	33. A	50. C
17. A	34. E	51. C

Unidade 2

1. D	17. A	33. E
2. E	18. A	
3. D	19. E	
4. A	20. A	
5. E	21. C	
6. E	22. E	
7. B	23. B	
8. C	24. A	
9. B	25. A	
10. B	26. D	
11. A	27. D	
12. B	28. D	
13. D	29. E	
14. B	30. D	
15. A	31. A	
16. B	32. C	

Unidade 3

1. E	13. D	25. E
2. A	14. C	26. A
3. E	15. A	27. E
4. B	16. C	28. A
5. D	17. E	
6. B	18. E	
7. E	19. D	
8. A	20. A	
9. A	21. B	
10. C	22. C	
11. B	23. D	
12. E	24. B	

Anotações:



HISTÓRIA DO BRASIL

HABILIDADES À PROVA 1

» Patrimônio cultural brasileiro, ocupação do continente americano e povos nativos da América

○ 1. (ENEM) A Unesco condenou a destruição da antiga capital assíria de Nimrod, no Iraque, pelo Estado Islâmico, com a agência da ONU considerando o ato como um crime de guerra. O grupo iniciou um processo de demolição em vários sítios arqueológicos em uma área reconhecida como um dos berços da civilização. Unesco e especialistas condenam destruição de cidade assíria pelo Estado Islâmico.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com>. Acesso em: 30 mar. 2015 (adaptado).

O tipo de atentado descrito no texto tem como consequência para as populações de países como o Iraque a desestruturação do(a):

- a) homogeneidade cultural.
- b) patrimônio histórico.
- c) controle ocidental.
- d) unidade étnica.
- e) religião oficial.

○ 2. (ENEM) As primeiras ações acerca do patrimônio histórico no Brasil datam da década de 1930, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937. Nesse período, o conceito que norteou a política de patrimônio limitou-se aos monumentos arquitetônicos relacionados ao passado brasileiro e vinculava-se aos ideais modernistas de conhecer, compreender e recriar o Brasil por meio da valorização da tradição.

SANTOS, G. Poder e patrimônio histórico: possibilidades de diálogo entre educação histórica e educação patrimonial no ensino médio. *EntreVer*, n. 2, jan.-jun. 2012.

Considerando o contexto mencionado, a criação dessa política patrimonial objetivou a:

- a) consolidação da historiografia oficial.
- b) definição do mercado cultural.
- c) afirmação da identidade nacional.
- d) divulgação de sítios arqueológicos.
- e) universalização de saberes museológicos.

○ 3. (ENEM)



A Estátua do Laçador, tombada como patrimônio em 2001, é um monumento de Porto Alegre/RS, que representa o gaúcho (em trajes típicos).

Disponível em: www.portoalegre.tur.br. Acesso em: 3 ago. 2012 (adaptado)

O monumento identifica um(a):

- a) exemplo de bem imaterial.
- b) forma de exposição da individualidade.
- c) modo de enaltecer os ideais de liberdade.
- d) manifestação histórico-cultural de uma população.
- e) maneira de propor mudanças nos costumes.

Anotações:



○ 4. (ENEM)

Queijo de Minas vira patrimônio cultural brasileiro

O modo artesanal da fabricação do queijo em Minas Gerais foi registrado nesta quinta-feira (15) como patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O veredicto foi dado em reunião do conselho realizada no Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte. O presidente do Iphan e do conselho ressaltou que a técnica de fabricação artesanal do queijo está "inserida na cultura do que é ser mineiro".

Folha de S. Paulo, 15 maio 2008.

Entre os bens que compõem o patrimônio nacional, o que pertence à mesma categoria citada no texto está representado em:



Mosteiro de São Bento (RJ)



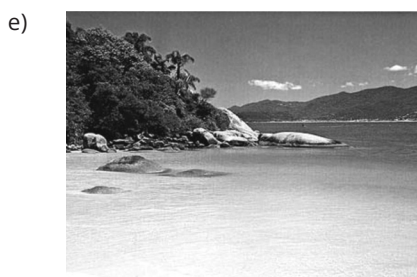
Tiradentes espartilhado (1893), de Pedro Américo



Ofício das panelleiras de Goiabeiras (ES)



Conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Ouro Preto (MG)



Sítio arqueológico e paisagístico da Ilha do Campeche (SC)

○ 5. (ENEM) Nas últimas décadas, a capoeira está cada vez mais presente no ambiente escolar, seja por intermédio de estudantes que a praticam nos intervalos das aulas, seja como parte das propostas curriculares de diversas instituições de ensino.

Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br> (adaptado).

Cada vez mais reconhecida, a capoeira é considerada a 14ª expressão artística do país, registrada como patrimônio imaterial pelo IPHAN. Sua prática representa nas escolas um(a):

- a) atividade que proporciona diálogo e inclusão para os praticantes.
- b) alternativa que contraria o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).
- c) meio didático desvinculado da cultura popular.
- d) movimento teórico e intelectual sem práxis coletiva.
- e) prática sem vínculo identitário e cultural.

Anotações:



○ **6. (ENEM)** Penso, pois, que o Carnaval põe o Brasil de ponta-cabeça. Num país onde a liberdade é privilégio de uns poucos e é sempre lida por seu lado legal e cívico, a festa abre nossa vida a uma liberdade sensual, nisso que o mundo burguês chama de libertinagem. Dando livre passagem ao corpo, o Carnaval destitui posicionamentos sociais fixos e rígidos, permitindo a “fantasia”, que inventa novas identidades e dá uma enorme elasticidade a todos os papéis sociais reguladores.

DAMATTA, R. *O que o Carnaval diz do Brasil*. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com>. Acesso em: 29 fev. 2012.

Ressaltando seus aspectos simbólicos, a abordagem apresentada associa o Carnaval ao(à):

- inversão de regras e rotinas estabelecidas.
- reprodução das hierarquias de poder existentes.
- submissão das classes populares ao poder das elites.
- proibição da expressão coletiva dos anseios de cada grupo.
- consagração dos aspectos autoritários da sociedade brasileira.

○ **7. (ENEM)**

Texto I



Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 6 abr. 2016.

Texto II

A eleição dos novos bens, ou melhor, de novas formas de se conceber a condição do patrimônio cultural nacional, também permite que diferentes grupos sociais, utilizando as leis do Estado e o apoio de especialistas, revejam as imagens e alegorias do seu passado, do que querem guardar e definir como próprio e identitário.

ABREU, M.; SOIHET, R.; GONTIJO, R. (Org.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

O texto chama a atenção para a importância da proteção de bens que, como aquele apresentado na imagem, se identificam como:

- Artefatos sagrados.
- Heranças materiais.
- Objetos arqueológicos.
- Peças comercializáveis.
- Conhecimentos tradicionais.

○ **8. (ENEM)** O que o projeto governamental tem em vista é poupar à nação o prejuízo irreparável do perecimento e da evasão do que há de mais precioso no seu patrimônio. Grande parte das obras de arte até mais valiosas e dos bens de maior interesse histórico, de que a coletividade brasileira era depositária, têm desaparecido ou se arruinado irremediavelmente. As obras de arte típicas e as relíquias da história de cada país não constituem seu patrimônio privado, e sim um patrimônio comum de todos os povos.

ANDRADE, R. M. F. Defesa do patrimônio artístico e histórico. *O Jornal*, 30 out. 1936. In: ALVES FILHO, I. *Brasil, 500 anos em documentos*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999 (adaptado).

A criação no Brasil do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN), em 1937, foi orientada por ideias como as descritas no texto, que visavam:

- submeter a memória e o patrimônio nacional ao controle dos órgãos públicos, de acordo com a tendência autoritária do Estado Novo.
- transferir para a iniciativa privada a responsabilidade de preservação do patrimônio nacional, por meio de leis de incentivo fiscal.
- definir os fatos e os personagens históricos a serem cultuados pela sociedade brasileira, de acordo com o interesse público.
- resguardar da destruição as obras representativas da cultura nacional, por meio de políticas públicas preservacionistas.
- determinar as responsabilidades pela destruição do patrimônio nacional, de acordo com a legislação brasileira.

○ **9. (ENEM)** O Ofício das Baianas de Acarajé constitui um bem cultural de natureza imaterial, inscrito no Livro dos Saberes em 2005, que consiste em uma prática tradicional de produção e venda, em tabuleiro, das chamadas comidas de baiana, feitas com azeite de dendê e ligadas ao culto dos orixás, amplamente disseminadas na cidade de Salvador, Bahia.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 29 fev. 2012 (adaptado).

O texto contém a descrição de um bem cultural que foi reconhecido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) como patrimônio imaterial, pois representa:

- uma técnica culinária com valor comercial e atratividade turística.
- um símbolo da vitalidade dessas mulheres e de suas comunidades.
- uma manifestação artística antiga e de abrangência nacional.
- um modo de fazer e viver ligado a uma identidade étnica e regional.
- uma fusão de ritos das diferentes heranças e tradições religiosas do país.

○ **10. (ENEM)** A recuperação da herança cultural africana deve levar em conta o que é próprio do processo cultural: seu movimento, pluralidade e complexidade. Não se trata, portanto, do resgate ingênuo do passado nem do seu cultivo nostálgico, mas de procurar perceber o próprio rosto cultural brasileiro. O que se quer é captar seu movimento para melhor compreendê-lo historicamente.

MINAS GERAIS: Cadernos do Arquivo 1: *Escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1988.

Com base no texto, a análise de manifestações culturais de origem africana, como a capoeira ou o candomblé, deve considerar que elas:

- permanecem como reprodução dos valores e costumes africanos.
- perderam a relação com seu passado histórico.
- derivam da interação entre valores africanos e a experiência histórica brasileira.
- contribuem para o distanciamento cultural entre negros e brancos no Brasil atual.
- demonstram a maior complexidade cultural dos africanos em relação aos europeus.



○ **11. (ENEM)** Desde 2002, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) tem registrado certos bens imateriais como patrimônio cultural do país. Entre as manifestações que já ganharam esse status está o ofício das baianas do acarajé. Enfatize-se: o ofício das baianas, não a receita do acarajé. Quando uma baiana prepara o acarajé, há uma série de códigos imperceptíveis para quem olha de fora. A cor da roupa, a amarra dos panos e os adereços mudam de acordo com o santo e com a hierarquia dela no candomblé. O Iphan conta que, registrando o ofício, “esse e outros mundos ligados ao preparo do acarajé podem ser descortinados”.

KAZ, R. *A diferença entre o acarajé e o sanduíche de Bauru*. Revista de História da Biblioteca Nacional, n. 13, out. 2006 (adaptado).

De acordo com o autor, o Iphan evidencia a necessidade de se protegerem certas manifestações históricas para que continuem existindo, destacando-se nesse caso a:

- mistura de tradições africanas, indígenas e portuguesas no preparo do alimento por parte das cozinheiras baianas.
- relação com o sagrado no ato de preparar o alimento, sobresaindo-se o uso de símbolos e insígnias pelas cozinheiras.
- utilização de certos ingredientes que se mostram cada vez mais raros de encontrar, com as mudanças nos hábitos alimentares.
- necessidade de preservação dos locais tradicionais de preparo do acarajé, ameaçados com as transformações urbanas no país.
- importância de se treinarem as cozinheiras baianas a fim de resgatar o modo tradicional de preparo do acarajé, que remonta à escravidão.

○ **12. (ENEM)** Ao final do Ano da França no Brasil, aconteceu na Bahia um encontro único entre a bossa nova brasileira e a música francesa, no show do cantor e compositor baiano radicado na França, Paulo Costa. O show se chama “Toulouse em Bossa” por conta da versão da música *Toulouse*, de Claude Nougaro, que é uma espécie de hino deles, tal como é para nós *Garota de Ipanema*, explica Paulo Costa. Nougaro é famoso na França e conhecido por suas versões de músicas brasileiras, como *O Que Será que Será* e *Berimbau*.

Disponível em: <http://anodafrancanobrasil.cultura.gov.br>. Acesso em: 27 abr. 2010. (adaptado).

O que representam encontros como o ocorrido na Bahia em 2009 para o patrimônio cultural das sociedades brasileira e francesa?

- Ocasão para identificar qual das duas culturas é mais cosmopolita e deve ser difundida entre os demais países.
- Oportunidade de se apreciar a riqueza da diversidade cultural e a possibilidade de fazer dialogar culturas diferentes.
- Mostra das diferenças entre as duas culturas e o desconhecimento dos brasileiros em relação à cultura francesa.
- Demonstração da heterogeneidade das composições e da distância cultural entre os dois países.
- Tentativa de se evidenciar a semelhança linguística do francês e do português, com o intuito de unir as diferentes sociedades.

○ **13. (ENEM)** A abordagem do patrimônio cultural, centrada nos aspectos técnicos da conservação e da restauração, tende a ocultar a ideia de que sua preservação é uma prática social que implica um processo de interpretação da cultura, não apenas material como simbólica, portadora de referência à identidade, à ação e à memória dos grupos formadores da sociedade.

FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 (adaptado).

A defesa do patrimônio histórico busca valorizar os bens que representam a nossa identidade. Nesse sentido, ha manifestações culturais cuja preservação demanda seu reconhecimento como patrimônio imaterial.

Essa concepção de patrimônio expressa-se:

- no conjunto de bens culturais classificados segundo a sua natureza: arqueológica, histórica e etnográfica.
- no tombamento dos bens imóveis, como grupos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos.
- na preservação e na proteção de monumentos históricos e bens culturais de diversas regiões brasileiras.
- no conhecimento transmitido entre gerações e recriado pelas comunidades, gerando um sentimento de pertencimento.
- no arquivamento da produção intelectual como os livros e a conservação de pinturas e esculturas.

○ **14. (ENEM)** O frevo é uma forma de expressão musical, coreográfica e poética, enraizada no Recife e em Olinda, no estado de Pernambuco. O frevo é formado pela grande mescla de gêneros musicais, danças, capoeira e artesanato. É uma das mais ricas expressões da inventividade e capacidade de realização popular na cultura brasileira. Possui a capacidade de promover a criatividade humana e também o respeito à diversidade cultural. No ano de 2012, a Unesco proclamou o frevo como Patrimônio Imaterial da Humanidade.

PORTAL BRASIL. Disponível em: www.brasil.gov.br. Acesso em: 10 fev. 2013.

A característica da manifestação cultural descrita que justifica a sua condição de Patrimônio Imaterial da Humanidade é a:

- conversão dos festejos em produto da elite.
- expressão de sentidos construídos coletivamente.
- dominação ideológica de um grupo étnico sobre outros.
- disseminação turística internacional dos eventos festivos.
- identificação de simbologias presentes nos monumentos artísticos.

Anotações:



○ 15. (ENEM)



Disponível em: www.cultura.ba.gov.br. Acesso em: 15 jan. 2014.

A imagem retrata uma prática cultural brasileira cuja raiz histórica está associada à:

- a) liberdade religiosa.
- b) migração forçada.
- c) devoção ecumênica.
- d) atividade missionária.
- e) mobilização política.

○ 16. (ENEM) O povo Kambeba é o povo das águas. Os mais velhos costumam contar que o povo nasceu de uma gota-d'água que caiu do céu em uma grande chuva. Nessa gota estavam duas gotículas: o homem e a mulher. "Por essa narrativa e cosmologia indígena de que nós somos o povo das águas é que o rio nos tem fundamental importância", diz Márcia Wayna Kambeba, mestre em Geografia e escritora. Todos os dias, ela ia com o pai observar o rio. Ia em silêncio e, antes que tomasse para si a palavra, era interrompida. "Ouça o rio", o pai dizia. Depois de cerca de duas horas a ouvir as águas do Solimões, ela mergulhava. "Confie no rio e aprenda com ele". "Fui entender mais tarde, com meus estudos e vivências, que meu pai estava me apresentando à sabedoria milenar do rio".

Rios amazônicos influenciam no agro e em reservatórios do Sudeste.
Disponível em: www.uol.com.br. Acesso em: 14 out. 2021.

Pelo descrito no texto, o povo Kambeba tem o rio como um(a)

- a) objeto tombado e museográfico.
- b) herança religiosa e sacralizada.
- c) cenário bucólico e paisagístico.
- d) riqueza individual e efêmera.
- e) patrimônio cultural e afetivo.

Anotações:

○ 17. (ENEM) Em Vitória (ES), no bairro Goiabeiras, encontramos as paneleiras, mulheres que são conhecidas pelos saberes/fazeres das tradicionais panelas de barro, ícones da culinária capixaba. A tradição passada de mãe para filha é de origem indígena e sofreu influência de outras etnias, como a afro e a luso. Dessa mistura, acredita-se que a fabricação das panelas de barro já tenha 400 anos. A fabricação das panelas de barro se dá em várias etapas, desde a obtenção de matéria-prima à confecção das panelas. As matérias-primas tradicionalmente utilizadas são provenientes do meio natural, como: argila, retirada do barreiro no Vale do Mulembá; madeira, atualmente proveniente das sobras da construção civil; e tinta, extraída da casca do manguezal, o popular mangue-vermelho.

TRISTÃO, M. A educação ambiental e o pós-colonialismo.
Revista de Educação, n. 53, ago. 2014.

Uma característica de práticas tradicionais como a exemplificada no texto é a vinculação entre os recursos do mundo natural e a

- a) manutenção dos modos de vida.
- b) conservação dos plantios da roça.
- c) atualização do modelo de gestão.
- d) participação na sociedade de consumo.
- e) especialização nas etapas de produção.

○ 18. (ENEM-2021) "Um dos resquícios franceses na dança são os comandos proferidos pelo marcador da quadrilha. Seu papel é anunciar os próximos passos da coreografia. O abrambramento de termos franceses deu origem, por exemplo, ao saruê (*soirée* — reunião social noturna, ordem para todos se juntarem no centro do salão), anariê (*en arrière* — para trás) e anavã (*en avant* — para frente)."

(Disponível em: www.ebc.com.br. Acesso em: 6 jul. 2015.)

A característica apresentada dessa manifestação popular resulta do seguinte processo socio-histórico:

- a) Massificação da arte erudita.
- b) Rejeição de hábitos elitistas.
- c) Laicização dos rituais religiosos.
- d) Restauração dos costumes antigos.
- e) Apropriação de práticas estrangeiras.

○ 19. (ENEM) Ações de educação patrimonial são realizadas em diferentes contextos e localidades e têm mostrado resultados surpreendentes ao trazer à tona a autoestima das comunidades. Em alguns casos, promovem o desenvolvimento local e indicam soluções inovadoras de reconhecimento e de salvaguarda do patrimônio cultural para muitas populações.

PELEGRINI, S. C. A.; PINHEIRO, A. P. (Orgs.). *Tempo, memória e patrimônio cultural*. Piauí: Dupi, 2010.

A valorização dos bens mencionados encontra-se correlacionada a ações educativas que promovem a(s):

- a) evolução de atividades artesanais herdadas do passado.
- b) representações sociais formadoras de identidades coletivas.
- c) mobilizações políticas criadoras de tradições culturais urbanas.
- d) hierarquização de festas folclóricas praticadas por grupos locais.
- e) formação escolar dos jovens para o trabalho realizado nas comunidades.



○ **20. (ENEM)** O Baile Charme, uma das mais conhecidas manifestações culturais do povo carioca, fica cadastrado como bem cultural de natureza imaterial da cidade. O decreto considera o Baile Charme uma genuína invenção carioca e destaca a riqueza de sua origem na musicalidade africana, que abriga ritmos como o *soul*, o *funk* e o *rythim'n blues*, da fonte norte-americana, e o choro, o samba e a bossa-nova, criações nascidas no Rio. O Baile Charme é cultuado, principalmente na Zona Norte da cidade, seja em clubes, agremiações recreativas e espaços públicos como a área do Viaduto de Madureira.

Disponível em: www.jb.com.br. Acesso em: 2 mar. 2013 (adaptado).

Segundo o texto, o cadastramento do Baile Charme como bem imaterial da cidade do Rio de Janeiro ocorreu porque essa manifestação cultural:

- a) possui um grande apelo de público.
- b) simboliza uma região de relevância social.
- c) contém uma pluralidade de gêneros musicais.
- d) reflete um gosto fonográfico de camadas pobres.
- e) representa uma diversidade de costumes populares.

○ **21. (ENEM)** No dia 1º de julho de 2012, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se a primeira do mundo a receber o título da Unesco de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural. A candidatura, apresentada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), foi aprovada durante a 36ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial. O presidente do IPHAN explicou que “a paisagem carioca é a imagem mais explícita do que podemos chamar de civilização brasileira, com sua originalidade, desafios, contradições e possibilidades”. A partir de agora, os locais da cidade valorizados com o título da Unesco serão alvo de ações integradas visando à preservação da sua paisagem cultural.

Disponível em: www.cultura.gov.br. Acesso em: 7 mar. 2013 (adaptado).

O reconhecimento da paisagem em questão como patrimônio mundial deriva da:

- a) presença do corpo artístico local.
- b) imagem internacional da metrópole.
- c) herança de prédios da ex-capital do país.
- d) diversidade de culturas presente na cidade.
- e) relação sociedade-natureza de caráter singular.

Anotações:

○ **22. (ENEM)** A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” São exemplos de bens registrados como Patrimônio Imaterial no Brasil: o Círio de Nazaré no Pará, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, o Ofício das Baianas de Acarajé, o Jongo no Sudeste, entre outros.

Disponível em: <http://www.portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 29 jul. 2010 (adaptado).

É bastante recente no Brasil o registro de determinadas manifestações culturais como integrantes de seu Patrimônio Cultural Imaterial. O objetivo de se realizar e divulgar este tipo de registro é:

- a) reconhecer o valor da cultura popular para torná-la equivalente à cultura erudita.
- b) recuperar as características originais das manifestações culturais dos povos nativos do Brasil.
- c) promover o respeito à diversidade cultural por meio da valorização das manifestações populares.
- d) possibilitar a absorção das manifestações culturais populares pela cultura nacional brasileira.
- e) inserir as manifestações populares no mercado, proporcionando retorno financeiro a seus produtores.

○ **23. (ENEM)** No final do século XIX, as Grandes Sociedades carnavalescas alcançaram ampla popularidade entre os foliões cariocas. Tais sociedades cultivavam um pretensioso objetivo em relação à comemoração carnavalesca em si mesma: com seus desfiles de carros enfeitados pelas principais ruas da cidade, pretendiam abolir o entrudo (brincadeira que consistia em jogar água nos foliões) e outras práticas difundidas entre a população desde os tempos coloniais, substituindo-os por formas de diversão que consideravam mais civilizadas, inspiradas nos carnavais de Veneza. Contudo, ninguém parecia disposto a abrir mão de suas diversões para assistir ao carnaval das sociedades. O entrudo, na visão dos seus animados praticantes, poderia coexistir perfeitamente com os desfiles.

PEREIRA, C. S. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, M. C. P. *Carnavais e outras frestas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Unicamp; Cecult, 2002 (adaptado).

Manifestações culturais como o carnaval também têm sua própria história, sendo constantemente reinventadas ao longo do tempo. A atuação das Grandes Sociedades, descrita no texto, mostra que o carnaval representava um momento em que as:

- a) distinções sociais eram deixadas de lado em nome da celebração.
- b) aspirações cosmopolitas da elite impediam a realização da festa fora dos clubes.
- c) liberdades individuais eram extintas pelas regras das autoridades públicas.
- d) tradições populares se transformavam em matéria de disputas sociais.
- e) perseguições policiais tinham caráter xenófobo por repudiar tradições estrangeiras.



○ **24. (ENEM-2023)** A Cavalgada de Sant'Ana é uma expressão da devoção dos vaqueiros à padroeira de Caicó (RN). Nas décadas de 1950 a 1970, esse evento, então denominado Cavalaria, era celebrado pelas pessoas que residiam na zona rural do município de Caicó. Essas pessoas usavam os animais (jegues, mulas e cavalos) como único meio de transporte, sobretudo para se dirigirem à cidade nos dias de feiras, trazendo seus produtos para comercializarem. Estando em Caicó no período da Festa de Sant'Ana, esses agricultores se organizavam em cavalgada até o pátio da Catedral de Sant'Ana para louvar a santa e receber bênção para seus animais. Por volta da década de 1970, com a chegada do automóvel à zona rural do município, essa expressão cultural foi extinta. O meio de transporte utilizando os animais passou a ser substituído por carros, sobretudo caminhonetes e caminhões, que transportavam os camponeses para a cidade em dias de feiras e festas. Desde 2002, um grupo de caicoenses retomou essa expressão cultural e, em conjunto com a associação dos vaqueiros, realiza no primeiro domingo da Festa a Cavalgada de Sant'Ana. O evento, além de contar com a participação dos cavaleiros que residem nas zonas rurais, atrai também pessoas que residem em Caicó, cidades vizinhas e amantes das vaquejadas.

FESTA DE SANT'ANA. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 12 out. 2021 (adaptado).

As mudanças culturais mencionadas no texto caracterizam-se pela presença de

- a) elementos tradicionais e modernos em torno de uma crença religiosa.
- b) argumentos teológicos e históricos em consequência de uma ordem papal.
- c) fundamentos estéticos e etnográficos em função de uma cerimônia clerical.
- d) práticas corporais e esportivas em decorrência de uma imposição eclesiástica.
- e) discursos filosóficos e antropológicos em resultado de uma determinação paroquial.

○ **25. (ENEM)** Lembro, a propósito, uma cerimônia religiosa a que assisti na noite de Santo Antônio de 1975 quando presente a uma festa em honra do padroeiro. Ia a coisa assim bonita e simples, até que, recitadas as cinco dezenas de ave-marias e os seus padre-nossos, chegou a hora do remate com o canto da salve-rainha. O capelão começou a entoar nesse instante hino à Virgem, em latim "Salve Regina, mater misericordiae", e, o que eu estranhei, foi seguido de pronto sem qualquer hesitação pelos presentes. Depois veio o espantoso para mim: a reza, também entoada, de toda a extensa ladainha de Nossa Senhora igualmente em latim. Eu olhava e não acabava de crer: aqueles caboclos que eu via mourejando de serventes nas obras do bairro estavam agora ali acaipirando lindamente a poesia medieval do responso.

BOSI, A. Dialética da colonização. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

O estranhamento do autor diante da cerimônia relaciona-se ao encontro de temporalidades que:

- a) questionam ritos católicos.
- b) evidenciam práticas ecumênicas.
- c) elitizam manifestações populares.
- d) valorizam conhecimentos escolares.
- e) revelam permanências culturais.

○ **26. (ENEM)** Hoje sou um ser inanimado, mas já tive vida pulsante em seivas vegetais, fui um ser vivo; é bem verdade que do reino vegetal, mas isso não me tirou a percepção de vida vivida como tamborete. Guardo apreço pelos meus criadores, as mãos que me fizeram, me venderam, e pelas mulheres que me usaram para suas vendas e de tantas outras maneiras. Essas pessoas, sim, tiveram suas subjetividades, singularidades e pluralidades, que estão incorporadas a mim. É preciso considerar que a nossa história, de móveis de museus, está para além da mera vinculação aos estilos e à patrimonialização que recebemos como bem material vinculado ao patrimônio imaterial. A nossa história está ligada aos dons individuais das pessoas e suas práticas sociais. Alguns indivíduos consagravam-se por terem determinados requisitos, tais como o conhecimento de modelos clássicos ou destreza nos desenhos.

FREITAS, J. M.; OLIVEIRA, L. R. Memórias de um tamborete de baiana: as muitas vozes em um objeto de museu. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biógrfica, n. 14, maio-ago. 2020 (adaptado)

Ao descrever-se como patrimônio museológico, o objeto abordado no texto associa a sua história às

- a) habilidades artísticas e culturais dos sujeitos.
- b) vocações religiosas e pedagógicas dos mestres.
- c) naturezas antropológica e etnográfica dos expositores.
- d) preservações arquitetônica e visual dos conservatórios.
- e) competências econômica e financeira dos comerciantes.

○ **27. (ENEM)**



Pintura rupestre da Toca do Pajáú.

A pintura rupestre acima, que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa:

- a) o conflito entre os povos indígenas e os europeus durante o processo de colonização do Brasil.
- b) a organização social e política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
- c) aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram durante a chamada pré-história do Brasil.
- d) os rituais que envolvem sacrifícios de grandes dinossauros atualmente extintos.
- e) a constante guerra entre diferentes grupos paleoíndios da América durante o período colonial.



○ **28. (ENEM)** Segundo a explicação mais difundida sobre o povoamento da América, grupos asiáticos teriam chegado a esse continente pelo Estreito de Bering, há 18 mil anos. A partir dessa região, localizada no extremo noroeste do continente americano, esses grupos e seus descendentes teriam migrado, pouco a pouco, para outras áreas, chegando até a porção sul do continente. Entretanto, por meio de estudos arqueológicos realizados no Parque Nacional da Serra da Capivara (Piauí), foram descobertos vestígios da presença humana que teriam até 50 mil anos de idade.

Validadas, as provas materiais encontradas pelos arqueólogos no Piauí:

- a) comprovam que grupos de origem africana cruzaram o Oceano Atlântico até o Piauí há 18 mil anos.
- b) confirmam que o homem surgiu primeiramente na América do Norte e, depois, povoou os outros continentes.
- c) contestam a teoria de que o homem americano surgiu primeiro na América do Sul e, depois, cruzou o Estreito de Bering.
- d) confirmam que grupos de origem asiática cruzaram o Estreito de Bering há 18 mil anos.
- e) contestam a teoria de que o povoamento da América teria iniciado há 18 mil anos.

○ **29. (ENEM)** Os Yanomami constituem uma sociedade indígena do norte da Amazônia e formam um amplo conjunto linguístico e cultural. Para os Yanomami, *urihi*, a “terrafloresta”, não é um mero cenário inerte, objeto de exploração econômica, e sim uma entidade viva, animada por uma dinâmica de trocas entre os diversos seres que a povoam. A floresta possui um sopro vital, *wixia*, que é muito longo. Se não a desmatarmos, ela não morrerá. Ela não se decompõe, isto é, não se desfaz. É graças ao seu sopro úmido que as plantas crescem. A floresta não está morta, pois, se fosse assim, as florestas não teriam folhas. Tampouco se veria água. Segundo os Yanomami, se os brancos os fizerem desaparecer para desmatá-la e morar no seu lugar, ficarão pobres e acabarão tendo fome e sede.

ALBERT, B. *Yanomami, o espírito da floresta*. Almanaque Brasil Socioambiental. São Paulo: ISA, 2007 (adaptado).

De acordo com o texto, os Yanomami acreditam que:

- a) a floresta não possui organismos decompositores.
- b) o potencial econômico da floresta deve ser explorado.
- c) o homem branco convive harmonicamente com *urihi*.
- d) as folhas e a água são menos importantes para a floresta que seu sopro vital.
- e) *Wixia* é a capacidade que tem a floresta de se sustentar por meio de processos vitais.

○ **30. (ENEM)** Um jornal de circulação nacional publicou a seguinte notícia:

Choveu torrencialmente na madrugada de ontem em Roraima, horas depois de os pajés caiapós Mantii e Kucrit, levados de Mato Grosso pela Funai, terem participado do ritual da dança da chuva, em Boa Vista. A chuva durou três horas em todo o estado, e as previsões indicam que continuará pelo menos até amanhã. Com isso, será possível acabar de vez com o incêndio que ontem completou 63 dias e devastou parte das florestas do estado.

Jornal do Brasil, abr./1998 (com adaptações).

Considerando a situação descrita, avalie as afirmativas seguintes.

- I. No ritual indígena, a dança da chuva, mais que constituir uma manifestação artística, tem a função de intervir no ciclo da água.
- II. A existência da dança da chuva em algumas culturas está relacionada à importância do ciclo da água para a vida.
- III. Uma das informações do texto pode ser expressa em linguagem científica da seguinte forma: a dança da chuva seria efetiva se provocasse a precipitação das gotículas de água das nuvens.

É correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Anotações:

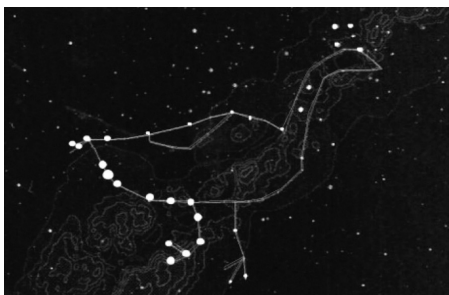


○ 31. (ENEM) Leia o texto e observe as imagens a seguir.

A Ema

O surgimento da figura da Ema no céu, ao leste, no anoitecer, na segunda quinzena de junho, indica o início do inverno para os índios do sul do Brasil e o começo da estação seca para os do norte. É limitada pelas constelações de Escorpião e do Cruzeiro do Sul, ou *Cut'uxu*. Segundo o mito guarani, o *Cut'uxu* segura a cabeça da ave para garantir a vida na Terra, porque, se ela se soltar, beberá toda a água do nosso planeta. Os tupis-guaranis utilizam o *Cut'uxu* para se orientar e determinar a duração das noites e as estações do ano.

A ilustração a seguir é uma representação dos corpos celestes que constituem a constelação da Ema, na percepção indígena.



Almanaque Brasil, maio/2007 (com adaptações).

A próxima figura mostra, em campo de visão ampliado, como povos de culturas não indígenas percebem o espaço estelar em que a Ema é vista.



geocities.yahoo.com.br (com adaptações).

Considerando a diversidade cultural focalizada no texto e nas figuras acima, avalie as seguintes afirmativas.

- I. A mitologia guarani relaciona a presença da Ema no firmamento às mudanças das estações do ano.
- II. Em culturas indígenas e não indígenas, o Cruzeiro do Sul, ou *Cut'uxu*, funciona como parâmetro de orientação espacial.
- III. Na mitologia guarani, o *Cut'uxu* tem a importante função de segurar a Ema para que seja preservada a água da Terra.
- IV. As três Marias, estrelas da constelação de Órion, compõem a figura da Ema.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) I, II e IV.

○ 32. (ENEM) Os vestígios dos povos Tupi-guarani encontram-se desde as Missões e o Rio da Prata, ao sul, até o Nordeste, com algumas ocorrências ainda mal conhecidas no sul da Amazônia. A leste, ocupavam toda a faixa litorânea, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão. A oeste, aparecem (no Rio da Prata) no Paraguai e nas terras baixas da Bolívia. Evitam as terras inundáveis do Pantanal e marcam sua presença discretamente nos cerrados do Brasil central. De fato, ocuparam, de preferência, as regiões de floresta tropical e subtropical.

PROUS, A. *O Brasil antes dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 2005.

Os povos indígenas citados possuíam tradições culturais específicas que os distinguiam de outras sociedades indígenas e dos colonizadores europeus. Entre as tradições tupi-guarani, destacava-se:

- a) a organização em aldeias politicamente independentes, dirigidas por um chefe, eleito pelos indivíduos mais velhos da tribo.
- b) a ritualização da guerra entre as tribos e o caráter semissedentário de sua organização social.
- c) a conquista de terras mediante operações militares, o que permitiu seu domínio sobre vasto território.
- d) o caráter pastoril de sua economia, que prescindia da agricultura para investir na criação de animais.
- e) o desprezo pelos rituais antropofágicos praticados em outras sociedades indígenas.

○ 33. (ENEM) A imagem de uma floresta intocada durante milhares de anos não resiste às evidências de que as ações humanas tiveram grande influência sobre os ecossistemas amazônicos. Estudos recentes vêm mostrando que a influência do homem sobre a cobertura vegetal da Amazônia, além de intensa, teve início com a chegada dos primeiros grupos de caçadores-coletores há 11 mil anos. As evidências botânicas dessa influência são concentrações de castanhais com árvores alinhadas, associados ao cacau selvagem, cujas árvores mais antigas chegam a mais de 500 anos de idade, além da grande heterogeneidade de plantas úteis cercadas por sítios arqueológicos.

A presença humana é também evidenciada pela presença de geóglifos, que são estruturas geométricas de terra desenhadas por trincheiras escavadas no solo argiloso. Eles ocupam vastas regiões desde a fronteira com a Bolívia até a várzea amazônica. Pesquisas revelaram impressionantes paisagens construídas na Amazônia boliviana, compostas de campos elevados para agricultura e canais em zigue-zague, com lagos e reservatórios, para a criação de peixes.

Scientific American Brasil, Especial Amazônia, 2008 (com adaptações).

A partir do texto, é correto inferir que os povos précolombianos amazônicos tinham conhecimento de:

- a) como utilizar os geóglifos para cultivar a terra.
- b) ecologia e, por isso, não causavam impacto no seu meio ambiente.
- c) muitas espécies úteis, mas pouco sabiam sobre a melhor forma de utilizá-las.
- d) seu meio ambiente em um nível muito mais elevado do que supõe o senso comum.
- e) seu meio ambiente de forma precária, e só aprenderam a cultivar a terra com a chegada do europeu.



○ **34. (ENEM)** Os textos referem-se à integração do índio à chamada civilização brasileira.

I. “Mais uma vez, nós, os povos indígenas, somos vítimas de um pensamento que separa e que tenta nos eliminar cultural, social e até fisicamente. A justificativa é a de que somos apenas 250 mil pessoas e o Brasil não pode suportar esse ônus. [...] É preciso congelar essas ideias colonizadoras, porque elas são irreais e hipócritas e também genocidas. [...] Nós, índios, queremos falar, mas queremos ser escutados na nossa língua, nos nossos costumes.”

Marcos Terena, presidente do Comitê Intertribal Articulador dos Direitos Indígenas na ONU e fundador das Nações Indígenas. Folha de S. Paulo, 31 de agosto de 1994.

II. “O Brasil não terá índios no final do século XXI [...] E por que isso? Pela razão muito simples que consiste no fato de o índio brasileiro não ser distinto das demais comunidades primitivas que existiram no mundo. A história não é outra coisa senão um processo civilizatório, que conduz o homem, por conta própria ou por difusão da cultura, a passar do paleolítico ao neolítico e do neolítico a um estágio civilizatório.”

Hélio Jaguaribe, cientista político. Folha de S. Paulo, 2 de setembro de 1994.

Pode-se afirmar, segundo os textos, que:

a) tanto Terena quanto Jaguaribe propõem ideias inadequadas, pois o primeiro deseja a aculturação feita pela “civilização branca”, e o segundo, o confinamento de tribos.

b) Terena quer transformar o Brasil em uma terra só de índios, pois pretende mudar até mesmo a língua do país, enquanto a ideia de Jaguaribe é anticonstitucional, pois fere o direito à identidade cultural dos índios.

c) Terena compreende que a melhor solução é que os brancos aprendam a língua tupi para entender melhor o que dizem os índios. Jaguaribe é de opinião que, até o final do século XXI, seja feita uma limpeza étnica no Brasil.

d) Terena defende que a sociedade brasileira deve respeitar a cultura dos índios, e Jaguaribe acredita na inevitabilidade do processo de aculturação dos índios e de sua incorporação à sociedade brasileira.

e) Terena propõe que a integração indígena deve ser lenta, gradativa e progressiva, e Jaguaribe propõe que essa integração resulte de decisão autônoma das comunidades indígenas.

○ **35. (ENEM)** Planejada ainda na Ditadura, a hidrelétrica de Belo Monte, que será a terceira maior do mundo, virou um retrato do dilema a respeito do futuro do Brasil. Para crescer, gerar empregos e reduzir a alarmante desigualdade social, o país precisará de energia em abundância. O que vezes respeitadas perguntam, porém, é se uma grande usina no meio da Amazônia é a melhor saída.

SIQUEIRA, A. *Carta Capital*. Ano XV, nº 593, 2010 (adaptado).

Os impactos decorrentes da construção da hidrelétrica de Belo Monte sobre os diversos atores que vivem na região onde se pretende construí-la estão relacionados com:

a) a promoção do desenvolvimento das atividades tradicionais possibilitada pela disponibilidade de energia.

b) a ampliação das oportunidades de emprego, que absorve as populações que são prejudicadas por sua construção.

c) os riscos de deterioração das atividades tradicionais, causados pelas transformações no território.

d) os prejuízos econômicos, que serão superados pelos benefícios trazidos para a população local.

e) as transformações sociais, que são necessárias em qualquer processo de desenvolvimento.

○ **36. (ENEM)** No primeiro semestre do ano de 2009, o Supremo Tribunal Federal (STF), a mais alta corte judicial brasileira, prolatou decisão referente ao polêmico caso envolvendo a demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol, onde habitam aproximadamente dezenove mil índios aldeados nas tribos Macuxi, Wapixana, Taurepang, Ingarikó e Paramona – em julgamento paradigmático que estabeleceu uma série de conceitos e diretrizes válidas não só para o caso em questão, mas para todas as reservas indígenas demarcadas ou em processo de demarcação no Brasil.

SALLES, D. J. P. C. Disponível em: www.ambito-juridico.com.br. Acesso em: 30 jul. 2013 (adaptado).

A demarcação de terras indígenas, conforme o texto, evidencia a:

a) ampliação da população indígena na região.

b) função do Direito na organização da sociedade.

c) mobilização da sociedade civil pela causa indígena.

d) diminuição do preconceito contra os índios no Brasil.

e) pressão de organismos internacionais em defesa dos índios brasileiros.

○ **37. (ENEM)** Coube aos Xavante e aos Timbira, povos indígenas do Cerrado, um recente e marcante gesto simbólico: a realização de sua tradicional corrida de toras (de buriti) em plena Avenida Paulista (SP), para denunciar o cerco de suas terras e a degradação de seus entornos pelo avanço do agronegócio.

RICARDO, B.; RICARDO, F. *Povos indígenas do Brasil: 2001- 2005*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006 (adaptado).

A questão indígena contemporânea no Brasil evidencia a relação dos usos socioculturais da terra com os atuais problemas socioambientais, caracterizados pelas tensões entre:

a) a expansão territorial do agronegócio, em especial nas regiões Centro-Oeste e Norte, e as leis de proteção indígena e ambiental.

b) os grileiros articuladores do agronegócio e os povos indígenas pouco organizados no Cerrado.

c) as leis mais brandas sobre o uso tradicional do meio ambiente e as severas leis sobre o uso capitalista do meio ambiente.

d) os povos indígenas do Cerrado e os polos econômicos representados pelas elites industriais paulistas.

e) o campo e a cidade no Cerrado, que faz com que as terras indígenas dali sejam alvo de invasões urbanas.

○ **38. (ENEM)** Pude entender o discurso do cacique Aniceto, na assembleia dos bispos, padres e missionários, em que exigia nada mais, nada menos que os índios fossem batizados. Contestava a pastoral da Igreja, de não interferir nos costumes tribais, evitando missas e batizados. Para Aniceto, o batismo aparecia como sinal do branco, que dava reconhecimento de cristão, isto é, de humano, ao índio.

MARTINS, J. S. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993 (adaptado).

O objetivo do posicionamento do cacique xavante em relação ao sistema religioso externo às tribos era:

a) flexibilizar a crença católica e seus rituais como forma de evolução cultural.

b) acatar a cosmologia cristã e suas divindades como orientação ideológica legítima.

c) incorporar a religiosidade dominante e seus sacramentos como estratégia de aceitação social.

d) prevenir retaliações de grupos missionários como defesa de práticas religiosas sincréticas.

e) reorganizar os comportamentos tribais como instrumento de resistência da comunidade indígena.



○ 39. (ENEM) Quando surgiram as primeiras notícias sobre a presença de seres estranhos, chegados em barcos grandes como montanhas, que montavam numa espécie de veados enormes, tinham cães grandes e ferozes e possuíam instrumentos lançadores de fogo, Montezuma e seus conselheiros ficaram pensando: de um lado, talvez Quetzalcóatl houvesse regressado, mas, de outro, não tinham essa confirmação.

PINSKY, J. et al. *História da América através de textos*. São Paulo: Contexto, 2007 (adaptado).

A dúvida apresentada inseria-se no contexto da chegada dos primeiros europeus à América, e sua origem estava relacionada ao:

- domínio da religião e do mito.
- exercício do poder e da política.
- controle da guerra e da conquista.
- nascimento da filosofia e da razão.
- desenvolvimento da ciência e da técnica.

○ 40. (ENEM) O Império Inca, que corresponde principalmente aos territórios da Bolívia e do Peru, chegou a englobar enorme contingente populacional. Cuzco, a cidade sagrada, era o centro administrativo, com uma sociedade fortemente estratificada e composta por imperadores, nobres, sacerdotes, funcionários do governo, artesãos, camponeses, escravos e soldados. A religião contava com vários deuses, e a base da economia era a agricultura, principalmente o cultivo da batata e do milho.

A principal característica da sociedade inca era a:

- ditadura teocrática, que igualava a todos.
- existência da igualdade social e da coletivização da terra.
- estrutura social desigual compensada pela coletivização de todos os bens.
- existência de mobilidade social, o que levou à composição da elite pelo mérito.
- impossibilidade de se mudar de extrato social e a existência de uma aristocracia hereditária.

○ 41. (ENEM) Quando os espanhóis chegaram à América, estava em seu apogeu o império teocrático dos Incas, que estendia seu poder sobre o que hoje chamamos Peru, Bolívia e Equador, abarcava parte da Colômbia e do Chile e alcançava até o norte argentino e a selva brasileira; a confederação dos Astecas tinha conquistado um alto nível de eficiência no vale do México, e no Yucatán, na América Central, a esplêndida civilização dos Maias persistia nos povos herdeiros, organizados para o trabalho e para a guerra. Os Maias tinham sido grandes astrônomos, mediram o tempo e o espaço com assombrosa precisão, e tinham descoberto o valor do número zero antes de qualquer povo da história. No museu de Lima, podem ser vistos centenas de crânios que receberam placas de ouro e prata por parte dos cirurgiões Incas.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

As sociedades mencionadas deixaram como legado uma diversidade de

- bens religiosos inspirados na matriz cristã.
- materiais bélicos pilhados em batalhas coloniais.
- heranças culturais constituídas em saberes próprios.
- costumes laborais moldados em estilos estrangeiros.
- práticas medicinais alicerçadas no conhecimento científico

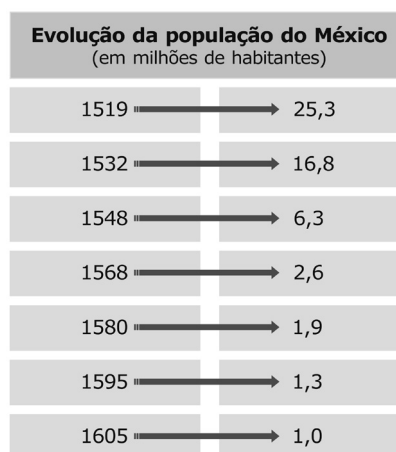
○ 42. (ENEM-2023) Tahuantinsuyu — nome do Império Inca em quéchuá — era dividido em quatro partes ou suyus: Chinchaysuyu (noroeste do Peru e Equador), Antisuyu (parte amazônica do império), Collasuyu (atual Bolívia) e Condesuyu (costa do Oceano Pacífico) e tinha Cuzco, no atual Peru, como sua capital imperial. Oficialmente, todas as etnias dominadas pelos incas deveriam adotar a língua quéchuá, adorar o Sapa Inca e o Sol e pagar taxas em forma de horas de trabalhos periódicos. No entanto, pode-se dizer que o Império Inca era como um mosaico cultural em que vários e diferentes grupos étnicos adoravam o Sapa Inca e o Sol mas, simultaneamente, continuavam a adorar seus deuses locais e também a falar em suas línguas nativas.

MARTINS, C. *Os incas e os tahuantinsuyu: apresentação*. Disponível em: <http://antigo.anphlac.org>. Acesso em: 6 out. 2021 (adaptado).

Ao comparar, no texto, a vertente da dominação territorial com os aspectos culturais, os incas tinham uma postura

- aceitável no que alude aos direitos humanos.
- admissível no que remete às crenças coloniais.
- tolerável no que se refere aos regimes tributários.
- flexível no que diz respeito aos costumes religiosos.
- compreensível no que concerne às normas laborais.

○ 43. (UFSM) Analise o quadro:



Fonte: VINCENT, Bernard. 1492: Descoberta ou Invasão? RJ: Jorge Zahar, 1992. p.119. (adaptado).

O acentuado declínio populacional dos astecas do México, no século XVI, está relacionado, entre outros, com os seguintes fatores:

- a utilização de armas de fogo altamente destrutivas durante os processos da conquista militar.
- as epidemias letais trazidas pelos conquistadores, como a gripe, a varíola, o sarampo.
- a intensificação da escravidão indígena e do tráfico de escravos índios para a metrópole.
- a violência colonial e a alta mortalidade devido ao agravamento das condições de vida dos índios.

Está(ão) correta(s)

- apenas I.
- apenas II.
- apenas III e IV.
- apenas I, II e IV.
- I, II, III e IV



○ **44. (UFSM)** Em pleno século XXI, as comunidades indígenas brasileiras ainda não tiveram o efetivo reconhecimento dos seus direitos. Em 2008, as discussões e os conflitos em torno da demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, demonstram que

a) o Estado brasileiro e os seus poderes constituídos estão tornando efetivos os princípios da Declaração de Direitos dos Povos Indígenas, aprovada na ONU em 2007.

b) há o reconhecimento nacional de que os indígenas preservam o meio ambiente diante da devastação predatória promovida pelo latifúndio e pelo agronegócio.

c) a ocupação privada e indiscriminada de terras para aumentar a produção agrícola e pecuária pode justificar as restrições aos direitos dos povos indígenas e a predação ambiental.

d) inexistem desconfianças quanto ao fato de os indígenas serem reconhecidos como brasileiros que defendem a soberania nacional, mesmo ocupando vastas regiões de fronteiras.

e) a atual Constituição brasileira não garante o reconhecimento aos índios de sua organização social, costumes e tradições, deixando aos antropólogos a tarefa de atestarem o caráter de povos originários.

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 2

» Expansão marítima, colonização e administração europeia nos primeiros anos da conquista

○ 1. (ENEM) Todo homem de bom juízo, depois que tiver realizado sua viagem, reconhecerá que é um milagre manifesto ter podido escapar de todos os perigos que se apresentam em sua peregrinação; tanto mais que há tantos outros acidentes que diariamente podem aí ocorrer que seria coisa pavorosa àqueles que aí navegam querer pô-los todos diante dos olhos quando querem emprender suas viagens.

J. P. T. Histoire de plusieurs voyages aventureux. 1600. In: DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009 (adaptado).

Esse relato, associado ao imaginário das viagens marítimas da época moderna, expressa um sentimento de:

- a) gosto pela aventura.
- b) fascínio pelo fantástico.
- c) temor do desconhecido.
- d) interesse pela natureza.
- e) purgação dos pecados.

○ 2. (ENEM-2023) Os séculos XV e XVI, quando se vão desmoronando as estruturas socioeconômicas da Idade Média perante os novos imperativos da Época moderna, constituem um momento-chave na história florestal de toda a Europa Ocidental. Abre-se, genericamente, um longo período de “crise florestal”, que se manifesta com acuidade nos países onde mais se desenvolvem as atividades industriais e comerciais. As necessidades em produtos lenhosos aumentam drasticamente com o crescimento do consumo nos mercados urbanos e nas regiões onde progridem a metalurgia e a construção naval, além da sua utilização na vida quotidiana de toda a população.

DEVY-VARETA, N. Para uma geografia histórica da floresta portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras — Geografia*, n. 1, 1986 (adaptado).

Qual acontecimento do período contribuiu diretamente para o agravamento da situação descrita?

- a) O processo de expansão marítima.
- b) A eclosão do renascimento cultural.
- c) A concretização da centralização política.
- d) O movimento de reformas religiosas.
- e) A manutenção do sistema feudal.

○ 3. (ENEM) Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito. Eram pardos, todos nus. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros. Os cabelos seus são corredios.

CAMINHA, P. V. Carta. RIBEIRO, D. et al. *Viagem pela história do Brasil: documentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (adaptado).

O texto é parte da famosa *Carta* de Pero Vaz de Caminha, documento fundamental para a formação de identidade brasileira. Tratando da relação que, desde esse primeiro contato, se estabeleceu entre portugueses e indígenas, esse trecho da carta revela a:

- a) preocupação em garantir a integridade do colonizador diante da resistência dos índios à ocupação da terra.
- b) postura etnocêntrica do europeu diante das características físicas e práticas culturais do indígena.
- c) orientação da política da Coroa Portuguesa quanto à utilização dos nativos como mão de obra para colonizar a nova terra.
- d) oposição de interesses entre portugueses e índios, que dificultava o trabalho catequético e exigia amplos recursos para a defesa da posse da nova terra.
- e) abundância da terra descoberta, o que possibilitou a sua incorporação aos interesses mercantis portugueses, por meio da exploração econômica dos índios.

○ 4. (ENEM) De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares [...]. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente.

Carta de Pero Vaz de Caminha. In: MARQUES, A.; BERUTTI, F.; FÁRIA, R. *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 2001.

A carta de Pero Vaz de Caminha permite entender o projeto colonizador para a nova terra. Nesse trecho, o relato enfatiza o seguinte objetivo:

- a) Valorizar a catequese a ser realizada sobre os povos nativos.
- b) Descrever a cultura local para enaltecer a prosperidade portuguesa.
- c) Transmitir o conhecimento dos indígenas sobre o potencial econômico existente.
- d) Realçar a pobreza dos habitantes nativos para demarcar a superioridade europeia.
- e) Criticar o modo de vida dos povos autóctones para evidenciar a ausência de trabalho.



○ 5. (ENEM) À primeira vista que encontrei as ilhas, dei o nome de San Salvador, em homenagem à Sua Alta Majestade, que maravilhosamente deu-me tudo isso. Os índios chamam esta ilha de Guanaani. À segunda ilha dei o nome de Santa Maria de Concepção, à terceira, Fernandina, à quarta, Isabela, à quinta, Juana, e assim a cada uma delas dei um novo nome.

Cristóvão Colombo. Carta a Santangel, 1493. In: TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

O processo de nomeação e renomeação realizado pelos europeus no contexto da conquista da América expressa:

- a) a valorização da natureza americana, uma vez que ela era considerada por europeus o prêmio pela conquista e colonização.
- b) o desejo de estabelecer comunicação com os indígenas, uma vez que a busca pelo ouro dependia do contato com os nativos.
- c) a tomada de posse do Novo Mundo, uma vez que renomear era impor aos povos indígenas os signos culturais europeus.
- d) o caráter sagrado da América, uma vez que fora considerada pelos europeus o paraíso terrestre em virtude da bondade dos nativos.
- e) a necessidade de orientação geográfica, uma vez que o ato de nomear permitia criar mapas para futuras viagens na América.

○ 6. (ENEM)

Brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata virgem
– Sois cristão?
– Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fornalha
Tomou a palavra e respondeu
– Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval

Oswald de Andrade.

Esse texto apresenta uma versão humorística da formação do Brasil, mostrando-a como uma junção de elementos diferentes. Considerando-se esse aspecto, é correto afirmar que a visão apresentada pelo texto é:

- a) ambígua, pois tanto aponta o caráter desconjuntado da formação nacional quanto parece sugerir que esse processo, apesar de tudo, acaba bem.
- b) inovadora, pois mostra que as três raças formadoras – portugueses, negros e índios – pouco contribuíram para a formação da identidade brasileira.
- c) moralizante, na medida em que aponta a precariedade da formação cristã do Brasil como causa da predominância de elementos primitivos e pagãos.
- d) preconceituosa, pois critica tanto índios quanto negros, representando de modo positivo apenas o elemento europeu, vindo com as caravelas.
- e) negativa, pois retrata a formação do Brasil como incoerente e defeituosa, resultando em anarquia e falta de seriedade.

○ 7. (ENEM)

Chegança

Sou Pataxó,
Sou Xavante e Carriri,
Ianomâmi, sou Tupi
Guarani, sou Carajá.
Sou Pancaruru,
Carijó, Tupinajé,
Sou Potiguar, sou Caeté,
Ful-ni-ô, Tupinambá

Eu atraquei num porto muito seguro,
Céu azul, paz e ar puro...
Botei as pernas pro ar.
Logo sonhei que estava no paraíso,
Onde nem era preciso dormir para sonhar.

Mas de repente me acordei com a surpresa:
Uma esquadra portuguesa veio na praia atracar.
Da grande-nau
Um branco de barba escura,
Vestindo uma armadura me apontou pra me pegar.
E assustado dei um pulo da rede,
Pressenti a fome, a sede,
Eu pensei: “vão me acabar”.
Levantei-me de Borduna já na mão.
Aí, senti no coração,
O Brasil vai começar.

NÓBREGA, A.; FREIRE, W. CD *Pernambuco falando para o mundo*, 1998.

A letra da canção apresenta um tema recorrente na história da colonização brasileira, as relações de poder entre portugueses e povos nativos, e representa uma crítica à ideia presente no chamado mito

- a) da democracia racial, originado das relações cordiais estabelecidas entre portugueses e nativos no período anterior ao início da colonização brasileira.
- b) da cordialidade brasileira, advinda da forma como os povos nativos se associaram economicamente aos portugueses, participando dos negócios coloniais açucareiros.
- c) do brasileiro receptivo, oriundo da facilidade com que os nativos brasileiros aceitaram as regras impostas pelo colonizador, o que garantiu o sucesso da colonização.
- d) da natural miscigenação, resultante da forma como a metrópole incentivou a união entre colonos, ex-escravos e nativas para acelerar o povoamento da colônia.
- e) do encontro, que identifica a colonização portuguesa como pacífica em função das relações de troca estabelecidas nos primeiros contatos entre portugueses e nativos.

Anotações:



○ **8. (ENEM-2020)** “Porque todos confessamos não se poder viver sem alguns escravos, que busquem a lenha e a água, e façam cada dia o pão que se come, e outros serviços que não são possíveis poderem-se fazer pelos Irmãos Jesuítas, máxime sendo tão poucos, que seria necessário deixar as confissões e tudo mais. Parece-me que a Companhia de Jesus deve ter e adquirir escravos, justamente, por meios que as Constituições permitem, quando puder para nossos colégios e casas de meninos.”

(LEITE, S. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938 (adaptado).)

O texto explicita premissas da expansão ultramarina portuguesa ao buscar justificar a:

- a) propagação do ideário cristão.
- b) valorização do trabalho braçal.
- c) adoção do cativo na Colônia.
- d) adesão ao ascetismo contemplativo.
- e) alfabetização dos indígenas nas Missões.



○ **9. (ENEM)** Em geral, os nossos tupinambás ficam bem admirados ao ver os franceses e os outros dos países longínquos terem tanto trabalho para buscar o seu arbotã, isto é, pau-brasil. Houve uma vez um ancião da tribo que me fez esta pergunta: “Por que vindes vós outros, mairs e perós (franceses e portugueses), buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra?”

LÉRY, J. Viagem à Terra do Brasil. In: FERNANDES, F. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo: Difel, 1974.

O viajante francês Jean de Léry (1534-1611) reproduz um diálogo travado, em 1557, com um ancião tupinambá, o qual demonstra uma diferença entre a sociedade europeia e a indígena no sentido:

- a) do destino dado ao produto do trabalho nos seus sistemas culturais.
- b) da preocupação com a preservação dos recursos ambientais.
- c) do interesse de ambas em uma exploração comercial mais lucrativa do pau-brasil.
- d) da curiosidade, reverência e abertura cultural recíprocas.
- e) da preocupação com o armazenamento de madeira para os períodos de inverno.

○ **10. (ENEM)** A língua de que usam, por toda a costa, carece de três letras; convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e dessa maneira vivem desordenadamente, sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.

GÂNDAVO, P. M. *A primeira história do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004 (adaptado).

A observação do cronista português Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576, sobre a ausência das letras F, L e R na língua mencionada, demonstra a:

- a) simplicidade da organização social das tribos brasileiras.
- b) dominação portuguesa imposta aos índios no início da colonização.
- c) superioridade da sociedade europeia em relação à sociedade indígena.
- d) incompreensão dos valores socioculturais indígenas pelos portugueses.
- e) dificuldade experimentada pelos portugueses no aprendizado da língua nativa.

○ **11. (ENEM)** Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar.

COLOMBO, C. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

O documento destaca um aspecto cultural relevante em torno da conquista da América, que se encontra expresso em:

- a) Deslumbramento do homem branco diante do comportamento exótico das tribos autóctones.
- b) Violência militarizada do europeu diante da necessidade de imposição de regras aos ameríndios.
- c) Cruzada civilizacional frente à tarefa de educar os povos nativos pelos parâmetros ocidentais.
- d) Comportamento caridoso dos governos europeus diante da receptividade das comunidades indígenas.
- e) Compromisso dos agentes religiosos diante da necessidade de respeitar a diversidade social dos índios.

○ **12. (ENEM)** O índio era o único elemento então disponível para ajudar o colonizador como agricultor, pescador, guia, conhecedor da natureza tropical e, para tudo isso, deveria ser tratado como gente, ter reconhecidas sua inocência e alma na medida do possível. A discussão religiosa e jurídica em torno dos limites da liberdade dos índios se confundiu com uma disputa entre jesuítas e colonos. Os padres se apresentavam como defensores da liberdade, enfrentando a cobiça desenfreada dos colonos.

CALDEIRA, J. *A nação mercantilista*. São Paulo: Editora 34, 1999 (adaptado).

Entre os séculos XVI e XVIII, os jesuítas buscaram a conversão dos indígenas ao catolicismo. Essa aproximação dos jesuítas em relação ao mundo indígena foi mediada pela:

- a) demarcação do território indígena.
- b) manutenção da organização familiar.
- c) valorização dos líderes religiosos indígenas.
- d) preservação do costume das moradias coletivas.
- e) comunicação pela língua geral baseada no tupi.

Anotações:



○ 13. (ENEM)

Como tratar com os índios

A experiência de trezentos anos tem feito ver que a aspereza é um meio errado para domesticar os índios; parece, pois, que brandura e afago são os meios que nos restam. Perdoar-lhes alguns excessos, de que sem dúvida seria causa a sua barbaridade e longo hábito com a falta de leis. Os habitantes da América são menos sanguinários do que os negros d'África, mais mansos, tratáveis e hospitais.

VILHENA, L. S. A *Bahia no século XVIII. Salvador: Itapua, 1969* (adaptado).

O escritor português Luís Vilhena escreve, no século XVIII, sobre um tema recorrente para os homens da sua época. Seu posicionamento emerge de um contexto em que:

- a) o índio, pela sua condição de ingenuidade, representava uma possibilidade de mão de obra nas indústrias.
- b) a abolição da escravatura abriu uma lacuna na cadeia produtiva, exigindo, dessa forma, o trabalho do nativo.
- c) o nativo indígena, estereotipado como um papel em branco, deveria adequar-se ao mundo do trabalho compulsório.
- d) a escravidão do indígena apresentou-se como alternativa de mão de obra assalariada para a lavoura açucareira.
- e) a escravidão do negro passa a ser substituída pela indígena, sob a alegação de os primeiros serem selvagens.

○ 14. (ENEM) Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) compara, nos trechos a seguir, as guerras das sociedades Tupinambá com as chamadas “guerras de religião” dos franceses que, na segunda metade do século XVI, opunham católicos e protestantes.

“[...] não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. [...] Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade [o canibalismo], mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos; e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado. [...] Podemos portanto qualificar esses povos como bárbaros em dando apenas ouvidos à inteligência, mas nunca se compararmos a nós mesmos, que os excedemos em toda sorte de barbaridades.”

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaíos*. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

De acordo com o texto, pode-se afirmar que, para Montaigne:

- a) a ideia de relativismo cultural baseia-se na hipótese da origem única do gênero humano e da sua religião.
- b) a diferença de costumes não constitui um critério válido para julgar as diferentes sociedades.
- c) os indígenas são mais bárbaros do que os europeus, pois não conhecem a virtude cristã da piedade.
- d) a barbárie é um comportamento social que pressupõe a ausência de uma cultura civilizada e racional.
- e) a ingenuidade dos indígenas equivale à racionalidade dos europeus, o que explica que seus costumes são similares.

○ 15. (ENEM)

Texto I

Documentos do século XVI algumas vezes se referem aos habitantes indígenas como “os brasis” ou “gente brasília” e, ocasionalmente no século XVII, o termo “brasileiro” era a eles aplicado, mas as referências ao status econômico e jurídico desses eram muito mais populares. Assim, os termos “negro da terra” e “índios” eram utilizados com mais frequência do que qualquer outro.

SCHWARTZ, S. B. *Gente da terra brasileira da nação. Pensando o Brasil a Construção de um povo*. In: MOTA, C. G. (Org.) *Viagem incompleta a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo Senac, 2000 (adaptado)

Texto II

Índio é um conceito construído no processo de conquista da América pelos europeus. Desinteressados pela diversidade cultural, imbuídos de forte preconceito para com o outro, o indivíduo de outras culturas, espanhóis, portugueses, franceses e anglo-saxões terminaram por denominar da mesma forma povos tão dispares quanto os tupinambas e os astecas.

SILVA, K. W.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*, São Paulo: Contexto, 2005

Ao comparar os textos, as formas de designação dos grupos nativos pelos europeus, durante o período analisado, são reveladoras da:

- a) concepção idealizada do território, entendido como geograficamente indiferenciado.
- b) percepção corrente de uma ancestralidade comum às populações ameríndias.
- c) compreensão etnocêntrica acerca das populações dos territórios conquistados.
- d) transposição direta das Categorias originadas no imaginário medieval.
- e) visão utópica configurada a partir de fantasias de riqueza.

○ 16. (ENEM-2021) “A originalidade do Absolutismo português talvez esteja no fato de ter sido o regime político europeu que melhor sintetizou a ideia do patrimonialismo estatal: os recursos materiais da nação se confundindo com os bens pessoais do monarca.”

(LOPES, M. A. *O Absolutismo: política e sociedade na Europa moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1996 (adaptado).)

Na colonização do Brasil, o patrimonialismo da Coroa portuguesa ficou evidente:

- a) nas capitânicas hereditárias.
- b) na catequização indígena.
- c) no sistema de *plantation*.
- d) nas reduções jesuítas.
- e) no tráfico de escravos.

Anotações:



○ **17. (ENEM)** Os pesquisadores que trabalham com sociedades indígenas centram sua atenção em documentos do tipo jurídico-administrativo (visitas, testamentos, processos) ou em relações e informes e têm deixado em segundo plano as crônicas. Quando as utilizam, dão maior importância àquelas que foram escritas primeiro e que têm caráter menos teórico e intelectualizado, por acharem que estas podem oferecer informações menos deformadas. Contrariamos esse posicionamento, pois as crônicas são importantes fontes etnográficas, independentemente de serem contemporâneas ao momento da conquista ou de terem sido redigidas em período posterior. O fato de seus autores serem verdadeiros humanistas ou pouco letrados não desvaloriza o conteúdo dessas crônicas.

PORTUGAL, A. R. O ayllu andino nas crônicas quincentistas: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

As fontes valorizadas no texto são relevantes para a reconstrução da história das sociedades pré-colombianas porque:

- a) sintetizam os ensinamentos da catequese.
- b) enfatizam os esforços de colonização.
- c) tipificam os sítios arqueológicos.
- d) relativizam os registros oficiais.
- e) substituem as narrativas orais.

○ **18. (ENEM)** Mas uma coisa ousou afirmar, porque há muitos testemunhos, e é que vi nesta terra de Veragua [Panamá] maiores indícios de ouro nos dois primeiros dias do que na Hispaniola em quatro anos, e que as terras da região não podem ser mais bonitas nem mais bem lavradas. Ali, se quiserem podem mandar extrair à vontade.

Carta de Colombo aos reis da Espanha, julho de 1503. Apud AMADO, J.; FIGUEIREDO, L. C. *Colombo e a América: quinhentos anos depois*. São Paulo: Atual, 1991 (adaptado).

O documento permite identificar um interesse econômico espanhol na colonização da América a partir do século XV. A implicação desse interesse na ocupação do espaço americano está indicada na:

- a) expulsão dos indígenas para fortalecer o clero católico.
- b) promoção das guerras justas para conquistar o território.
- c) imposição da catequese para explorar o trabalho africano.
- d) opção pela policultura para garantir o povoamento ibérico.
- e) fundação de cidades para controlar a circulação de riquezas.

○ **19. (ENEM)**

O canto triste dos conquistados: os últimos dias de Tenochtitlán

Nos caminhos jazem dardos quebrados;
os cabelos estão espalhados.
Destelhadas estão as casas.

Vermelhas estão as águas, os rios, como se alguém as tivesse tingido,

Nos escudos esteve nosso resguardo, mas os escudos não detêm a desolação...

PINSKY, J. et. al. *História da América através de textos*. São Paulo: Contexto, 2007 (fragmento).

O texto é um registro asteca, cujo sentido está relacionado ao(à):

- a) tragédia causada pela destruição da cultura desse povo.
- b) tentativa frustrada de resistência a um poder considerado superior.
- c) extermínio das populações indígenas pelo Exército espanhol.
- d) dissolução da memória sobre os feitos de seus antepassados.
- e) profetização das consequências da colonização da América.

○ **20. (ENEM)** Na América espanhola colonial, a primeira prioridade dos invasores foi extrair riquezas dos conquistados. Essa extração foi realizada mediante a apreensão direta de excedentes previamente acumulados de metais ou pedras preciosas. Isso tomou a forma de saques e pilhagens, uma maneira oficialmente aceita de pagar soldados ou expedicionários voluntários.

MACLEOD, Murdo J. Aspectos da economia interna da América espanhola colonial. In: BETHELL, Leslie. *História da América*. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 1999, v. II, p. 219-220.

Tendo em vista as características citadas, conclui-se que a América espanhola colonial começou como uma sociedade:

- a) escolhida para representar o espírito da modernidade europeia na América.
- b) engajada no comércio do qual provinham especiarias para serem distribuídas na Europa.
- c) centrada na extração e no beneficiamento mineral de recursos como ouro, prata e pedras preciosas, ali encontrados.
- d) fundada na lógica da conquista, ao se fazer uso da violência contra a população indígena para a apropriação de riquezas.
- e) voltada para o cultivo da cana-de-açúcar, produto bastante valorizado, tal como se verificou nas colônias portuguesas.

○ **21. (ENEM)** Na América inglesa, não houve nenhum processo sistemático de catequese e de conversão dos índios ao cristianismo, apesar de algumas iniciativas nesse sentido. Brancos e índios confrontaram-se muitas vezes e mantiveram-se separados. Na América portuguesa, a catequese dos índios começou com o próprio processo de colonização, e a mestiçagem teve dimensões significativas. Tanto na América inglesa quanto na portuguesa, as populações indígenas foram muito sacrificadas. Os índios não tinham defesas contra as doenças trazidas pelos brancos, foram derrotados pelas armas de fogo destes últimos e, muitas vezes, escravizados.

No processo de colonização das Américas, as populações indígenas da América portuguesa:

- a) foram submetidas a um processo de doutrinação religiosa que não ocorreu com os indígenas da América inglesa.
- b) mantiveram sua cultura tão intacta quanto a dos indígenas da América inglesa.
- c) passaram pelo processo de mestiçagem, que ocorreu amplamente com os indígenas da América inglesa.
- d) diferenciaram-se dos indígenas da América inglesa por terem suas terras devolvidas.
- e) resistiram, como os indígenas da América inglesa, às doenças trazidas pelos brancos.

○ **22. (UFSM)** No Império Romano, o sal era um dos fundamentos tradicionais da vida e da cultura. Esse hábito permaneceu entre os europeus e, apesar de ser conhecido nos vários continentes, o sal não era usual na dieta dos povos africanos ou indígenas até o contato mais sistemático com os brancos, ocorrido a partir do século XVI. Qual das situações históricas a seguir NÃO influenciou no processo de difusão da cultura europeia no período?

- a) Expansão marítima da Era Moderna.
- b) Tráfico de escravos da África para a América.
- c) Estabelecimento de missões e reduções pela Companhia de Jesus.
- d) Revolução Gloriosa.
- e) Fundação de fortes lusitanos na Guiné e na Costa do Marfim.



○ 23. (UFSM) Considere as afirmativas a seguir, observando as condições alimentares europeias na Idade Moderna.

I. As especiarias eram itens culinários muito caros e utilizados, especialmente, para refinar os pratos consumidos pelos que tinham maior condição financeira.

II. Na falta de outras maneiras para que os alimentos ficassem preservados por mais tempo, o mais usual era a salga, a seca e a defumação.

III. As especiarias eram produtos onerosos, porque provinham de regiões distantes, como o norte da América.

IV. O contato dos europeus com os nativos da América possibilitou a inclusão de novos produtos na dieta do Velho Mundo.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas I, II e IV.
- e) I, II, III e IV.

○ 24. (UFSM) No século XVI, diversos chefes de Estado europeus valeram-se de um conjunto de práticas denominado "mercantilismo", que tinha como princípio(s) básico(s):

I. O que mede a riqueza de um país é sua abundância de ouro e prata.

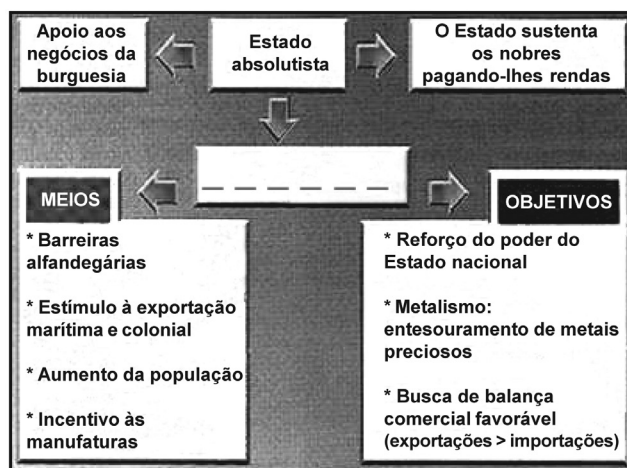
II. O desenvolvimento do comércio é o principal meio de conseguir recursos para uma nação.

III. As colônias só podem comercializar com a metrópole, ficando-lhes vedado o direito de produzir manufaturas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) I, II e III.

○ 25. (UFSM)



www.colegiosaofrancisco.com.br (adaptado)

No contexto da Europa do Antigo Regime, a palavra ou expressão que preenche corretamente a lacuna do gráfico é

- a) Mercantilismo.
- b) Revolução Industrial.
- c) Liberalismo.
- d) Capitalismo concorrencial.
- e) Nacionalismo.

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 3

» *Brasil colônia: estruturas econômicas, sociedade e invasões estrangeiras entre os séculos XVI e XVIII*

○ **1. (ENEM)** Após as três primeiras décadas, marcadas pelo esforço de garantir a posse da nova terra, a colonização começou a tomar forma. A política da metrópole portuguesa consistirá no incentivo à empresa comercial com base em uns poucos produtos exportáveis em grande escala, assentada na grande propriedade. Essa diretriz deveria atender aos interesses de acumulação de riqueza na metrópole lusa, em mãos dos grandes comerciantes, da Coroa e de seus afilhados.

FAUSTO, B. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2002 (adaptado).

Para concretizar as aspirações expansionistas e mercantis estabelecidas pela Coroa Portuguesa para a América, a estratégia lusa se constituiu em:

- a) disseminar o modelo de colonização já utilizado com sucesso pela Grã-Bretanha nas suas treze colônias na América do Norte.
- b) apostar na agricultura tropical em grandes propriedades e no domínio da Colônia pelo monopólio comercial e pelo povoamento.
- c) intensificar a pecuária como a principal cultura capaz de forçar a penetração do homem branco no interior do continente.
- d) acelerar a desocupação da terra e transferi-la para mãos familiarizadas ao trabalho agrícola de culturas tropicais.
- e) desestimular a escravização do indígena e incentivar sua integração na sociedade colonial por meio da atividade comercial.

○ **2. (ENEM)** O açúcar e suas técnicas de produção foram levados à Europa pelos árabes no século VIII, durante a Idade Média, mas foi principalmente a partir das Cruzadas (séculos XI e XIII) que a sua procura foi aumentando. Nessa época passou a ser importado do Oriente Médio e produzido em pequena escala no sul da Itália, mas continuou a ser um produto de luxo, extremamente caro, chegando a figurar nos dotes de princesas casadoiras.

CAMPOS, R. *Grandeza do Brasil no tempo de Antonil* (1681-1716). São Paulo: Atual, 1996.

Considerando o conceito do Antigo Sistema Colonial, o açúcar foi o produto escolhido por Portugal para dar início à colonização brasileira, em virtude de:

- a) o lucro obtido com o seu comércio ser muito vantajoso.
- b) os árabes serem aliados históricos dos portugueses.
- c) a mão de obra necessária para o cultivo ser insuficiente.
- d) as feitorias africanas facilitarem a comercialização desse produto.
- e) os nativos da América dominarem uma técnica de cultivo semelhante.

Anotações:

○ **3. (ENEM)** Áreas em estabelecimento de atividades econômicas sempre se colocaram como grande chamariz. Foi assim no litoral nordestino, no início da colonização, com o pau-brasil, a cana-de-açúcar, o fumo, as produções de alimentos e o comércio. O enriquecimento rápido exacerbou o espírito de aventura do homem moderno.

FARIA, S. C. *A Colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (adaptado).

O processo descrito no texto trouxe como efeito o(a):

- a) acumulação de capitais na Colônia, propiciando a criação de um ambiente intelectual efervescente.
- b) surgimento de grandes cidades coloniais, voltadas para o comércio e com grande concentração monetária.
- c) concentração da população na região litorânea, pela facilidade de escoamento da produção.
- d) favorecimento dos naturais da Colônia na concessão de títulos de nobreza e fidalguia pela Monarquia.
- e) construção de relações de trabalho menos desiguais que as da Metrópole, inspiradas pelo empreendedorismo.

○ **4. (ENEM)** Sabe-se o que era a mata do Nordeste, antes da monocultura da cana: um arvoredado tanto e tamanho e tão basto e de tantas prumagens que não podia homem dar conta. O canavial desvirginou todo esse mato grosso do modo mais cru: pela queimada. A fogo é que foram se abrindo no mato virgem os claros por onde se estendeu o canavial civilizador, mas ao mesmo tempo devastador.

FREYRE, G. *Nordeste*. São Paulo: Global, 2004 (adaptado).

Analisando os desdobramentos da atividade canavieira sobre o meio físico, o autor salienta um paradoxo, caracterizado pelo(a):

- a) demanda de trabalho, que favorecia a escravidão.
- b) modelo civilizatório, que acarretou danos ambientais.
- c) rudimento das técnicas produtivas, que eram ineficientes.
- d) natureza da atividade econômica, que concentrou riqueza.
- e) predomínio da monocultura, que era voltada para exportação.

○ **5. (ENEM)** Dos senhores dependem os lavradores que têm partidos arrendados em terras do mesmo engenho; e quanto os senhores são mais possantes e bem aparelhados de todo o necessário, afáveis e verdadeiros, tanto mais são procurados, ainda dos que não têm a cana cativa, ou por antiga obrigação, ou por preço que para isso receberam.

ANTONIL, J. A. *Cultura e opulência do Brasil* [1711]. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967 (adaptado).

Segundo o texto, a produção açucareira no Brasil colonial era:

- a) baseada no arrendamento de terras para a obtenção da cana a ser moída nos engenhos centrais.
- b) caracterizada pelo funcionamento da economia de livre mercado em relação à compra e venda de cana.
- c) dependente de insumos importados da Europa nas frotas que chegavam aos portos em busca do açúcar.
- d) marcada pela interdependência econômica entre os senhores de engenho e os lavradores de cana.
- e) sustentada no trabalho escravo desempenhado pelos lavradores de cana em terras arrendadas.



○ **6. (ENEM)** Quando Deus confundiu as línguas na torre de Babel, ponderou Filo Hebreu que todos ficaram mudos e surdos, porque, ainda que todos falassem e todos ouvissem, nenhum entendia o outro. Na antiga Babel, houve setenta e duas línguas; na Babel do rio das Amazonas, já se conhecem mais de cento e cinquenta. E assim, quando lá chegamos, todos nós somos mudos, e todos eles, surdos. Vede agora quanto estudo e quanto trabalho serão necessários para que esses mudos falem e esses surdos ouçam.

VIEIRA, A. Sermões pregados no Brasil. In: RODRIGUES, J. H. *História viva*. São Paulo: Global, 1985 (adaptado).

No decorrer da colonização portuguesa na América, as tentativas de resolução do problema apontado pelo padre Antônio Vieira resultaram na:

- a) ampliação da violência nas guerras intertribais.
- b) desistência da evangelização dos povos nativos.
- c) indiferença dos jesuítas em relação à diversidade de línguas americanas.
- d) pressão da Metrópole pelo abandono da catequese nas regiões de difícil acesso.
- e) sistematização das línguas nativas numa estrutura gramatical facilitadora da catequese.

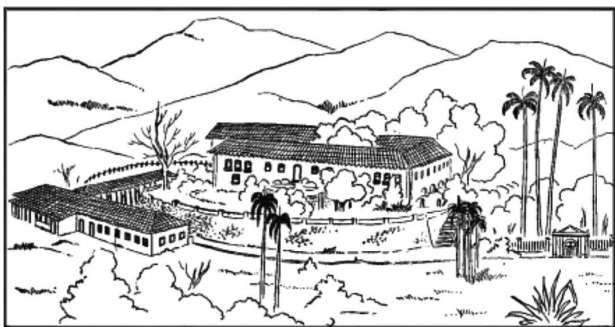
○ **7. (ENEM)** Em teoria, as pessoas livres da Colônia foram enquadradas em uma hierarquia característica do Antigo Regime. A transferência desse modelo, de sociedade de privilégios, vigente em Portugal, teve pouco efeito prático no Brasil. Os títulos de nobreza eram ambicionados. Os fidalgos eram raros, e muita gente comum tinha pretensões à nobreza.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp; Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995 (adaptado).

Ao reelaborarem a lógica social vigente na metrópole, os sujeitos do mundo colonial construíram uma distinção que ordenava a vida cotidiana a partir da:

- a) concessão de títulos nobiliárquicos por parte da Igreja Católica.
- b) afirmação de diferenças fundadas na posse de terras e de escravos.
- c) imagem do Rei e de sua Corte como modelo a ser seguido.
- d) miscigenação associada a profissões de elevada qualificação.
- e) definição do trabalho como princípio ético da vida em sociedade.

○ **8. (ENEM)**



FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

O desenho retrata a fazenda de São Joaquim da Gramma com a casa-grande, a senzala e outros edifícios representativos de uma estrutura arquitetônica característica do período escravocrata no Brasil. Essa organização do espaço representa uma:

- a) estratégia econômica e espacial para manter os escravos próximos do plantio.
- b) tática preventiva para evitar roubos e agressões por escravos fugidos.
- c) forma de organização social que fomentou o patriarcalismo e a miscigenação.
- d) maneira de evitar o contato direto entre os escravos e seus senhores.
- e) particularidade das fazendas de café das regiões Sul e Sudeste do país.

○ **9. (ENEM-2020)** “Associados a atividades importantes e variadas na evolução das sociedades americanas modernas, os africanos conseguiram impor sua marca nas línguas, culturas, economias, além de participar, quase invariavelmente, na composição étnica das comunidades do Novo Mundo. A sua influência alcançou mais fortemente as regiões do latifúndio agrícola, em comunidades cujo desenvolvimento ocorreu às margens do Atlântico e do mar das Antilhas, do sudeste dos Estados Unidos até a porção nordeste do Brasil, e ao longo das costas do Pacífico, na Colômbia, no Equador e no Peru.”

(KNIGHT, F. W. A diáspora africana. In: AJAYI, J. F. A. (Org.). *História geral da África: África do século XIX à década de 1880*. Brasília: Unesco, 2010 (adaptado).)

Uma das contribuições da diáspora descrita no texto para o continente americano foi o(a):

- a) fim da escravidão indígena.
- b) declínio de monoculturas locais.
- c) introdução de técnicas produtivas.
- d) formação de sociedades estamentais.
- e) desvalorização das capitânias hereditárias.

○ **10. (ENEM)** Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.

VIEIRA, A. *Sermões*. Tomo XI. Porto: Lello & Irmão, 1951 (adaptado).

O trecho do sermão do Padre Antônio Vieira estabelece uma relação entre a Paixão de Cristo e:

- a) a atividade dos comerciantes de açúcar nos portos brasileiros.
- b) a função dos mestres de açúcar durante a safra de cana.
- c) o sofrimento dos jesuítas na conversão dos ameríndios.
- d) o papel dos senhores na administração dos engenhos.
- e) o trabalho dos escravos na produção de açúcar.



○ **11. (ENEM)** Para os Impérios Coloniais, o problema das doenças que atingiam os escravos era algo com que cotidianamente deparavam os senhores. Em vista disso, uma série de obras dedicadas à administração de escravos foi publicada com vista a implementar uma moderna gestão da mão de obra escravista em convergência com o Iluminismo. Nesse contexto, o saber médico adquiria um papel extremamente relevante. Este era encarado como um instrumento fundamental ao desenvolvimento colonial, dada a percepção do impacto que as doenças tropicais causavam na população branca e nos povos escravizados.

ABREU, J. L. N. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das "luzes" e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, n. 3, jul.-set. 2007 (adaptado).

De acordo com o texto, a importância da medicina se justifica no âmbito dos objetivos

- econômicos das elites.
- naturalistas dos viajantes.
- aboliconistas dos letrados.
- tradicionalistas dos nativos.
- emancipadores das metrópoles.

○ **12. (ENEM-2020)** "Ao longo de uma evolução iniciada nos meados do século XIV, o tráfico lusitano se desenvolve na periferia da economia metropolitana e das trocas africanas. Em seguida, o negócio se apresenta como uma fonte de receita para a Coroa e responde à demanda escravista de outras regiões europeias. Por fim, os africanos são usados para consolidar a produção ultramarina."

(ALENCASTRO, L. F. O trato dos viventes. São Paulo: Cia. das Letras, 2000 (adaptado).)

A atividade econômica destacada no texto é um dos elementos do processo que levou o reino português a:

- utilizar o clero jesuíta para garantir a manutenção da emancipação indígena.
- dinamizar o setor fabril para absorver os lucros dos investimentos senhoriais.
- aceitar a tutela papal para reivindicar a exclusividade das rotas transoceânicas.
- fortalecer os estabelecimentos bancários para financiar a expansão da exploração mineradora.
- implementar a agromanufatura açucareira para viabilizar a continuidade da empreitada colonial.

○ **13. (ENEM)**

Texto I



Imagem de São Benedito. Disponível em: <http://acervo.bn.digital.bn.br>. Acesso em: 6 jan. 2016 (adaptado)

Texto II

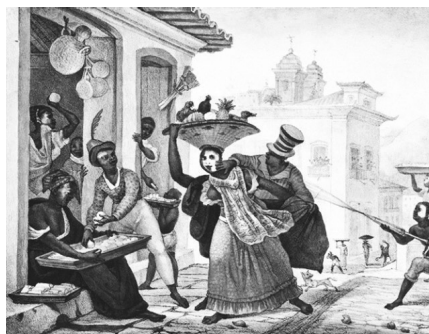
Os santos tornaram-se grandes aliados da Igreja para atrair novos devotos, pois eram obedientes a Deus e ao poder clerical. Contando e estimulando o conhecimento sobre a vida dos santos, a Igreja transmitia aos fiéis os ensinamentos que julgava corretos e que deviam ser imitados por escravos que, em geral, traziam outras crenças de suas terras de origem, muito diferentes das que preconizava a fé católica.

OLIVEIRA, A. J. *Negra devoção*. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, n. 20, maio 2007 (adaptado)

Posteriormente ressignificados no interior de certas irmandades e no contato com outra matriz religiosa, o ícone e a prática mencionada no texto estiveram desde o século XVII relacionados a um esforço da Igreja Católica para:

- reduzir o poder das confrarias.
- cristianizar a população afro-brasileira.
- espoliar recursos materiais dos cativos.
- recrutar libertos para seu corpo eclesiástico.
- atender a demanda popular por padroeiros locais.

○ **14. (ENEM)**



Jean-Baptiste Debret. *Entrudo*, 1834.

Na obra *Entrudo*, de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), apresentada acima:

- registram-se cenas da vida íntima dos senhores de engenho e suas relações com os escravos.
- identifica-se a presença de traços marcantes do movimento artístico denominado Cubismo.
- identificam-se, nas fisionomias, sentimentos de angústia e inquietações que revelam as relações conflituosas entre senhores e escravos.
- observa-se a composição harmoniosa e destacam-se as imagens que representam figuras humanas.
- constata-se que o artista utilizava a técnica do óleo sobre tela, com pinceladas breves e manchas, sem delinear as figuras ou as fisionomias.

Anotações:



○ **15. (ENEM)** Torna-se claro que quem descobriu a África no Brasil, muito antes dos europeus, foram os próprios africanos trazidos como escravos. E essa descoberta não se restringia apenas ao reino linguístico, estendia-se também a outras áreas culturais, inclusive à da religião. Há razões para pensar que os africanos, quando misturados e transportados ao Brasil, não demoraram em perceber a existência entre si de elos culturais mais profundos.

SLENES, R. *Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil*. Revista USP, n° 12, dez./jan./fev. 1991-92 (adaptado).

Com base no texto, ao favorecer o contato de indivíduos de diferentes partes da África, a experiência da escravidão no Brasil tornou possível a:

- formação de uma identidade cultural afro-brasileira.
- superação de aspectos culturais africanos por antigas tradições europeias.
- reprodução de conflitos entre grupos étnicos africanos.
- manutenção das características culturais específicas de cada etnia.
- resistência à incorporação de elementos culturais indígenas.

○ **16. (ENEM)** As convicções religiosas dos escravos eram entretanto colocadas a duras provas quando de sua chegada ao Novo Mundo, onde eram batizados obrigatoriamente “para a salvação de sua alma” e deviam curvar-se às doutrinas religiosas de seus mestres. Iemanjá, mãe de numerosos outros orixás, foi sincretizada com Nossa Senhora da Conceição, e Nanã Buruku, a mais idosa das divindades das águas, foi comparada a Sant’Ana, mãe da Virgem Maria.

VERGER, P. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio, 1981.

O sincretismo religioso no Brasil colônia foi uma estratégia utilizada pelos negros escravizados para:

- compreender o papel do sagrado para a cultura europeia.
- garantir a aceitação pelas comunidades dos convertidos.
- preservar as crenças e sua relação com o sagrado.
- integrar as distintas culturas no Novo Mundo.
- possibilitar a adoração de santos católicos.

○ **17. (ENEM)** Feijoada é um ,prato que consiste num guisado de feijão com carne. E um prato com origem no Norte de Portugal, e que hoje em dia constitui um dos pratos mais típicos da cozinha brasileira. Em Portugal, cozinha-se com feijão branco no noroeste (Minho e Douro Litoral) ou feijão vermelho no nordeste (Tras-os-montes), e geralmente inclui também outros vegetais (tomate, cenouras ou couve) juntamente com a carne de porco ou de vaca, as quais se podem juntar chourigo, morcela ou farinheira. No Brasil, os negros faziam uma mistura de feijões pretos e de vários tipos de carne de porco e de boi. Atualmente, o prato chega à mesa acompanhado de farofa, arroz branco, couve refogada e laranja fatiada, entre outros ingredientes.

CASCUDO, L. C. *Histeria da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1983.

A criação da feijoada na culinária brasileira está relacionada, no texto, à atividade:

- mercantil, exercida pelos homens que transportavam mercadoria e gado.
- agropecuária, exercida pelos homens que trabalhavam no campo.
- mineradora, exercida pelos homens que extraíam o ouro.
- culinária, exercida na senzala com as sobras da cozinha dos senhores.
- comercial, exercida pelos cavaleiros do Sul do Brasil.

○ **18. (ENEM)** Parecer CNE/CP nº 3/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Procura-se oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas. Propõe a divulgação e a produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos igualmente tenham seus direitos garantidos.

BRASIL. *Conselho Nacional de Educação*. Disponível em: www.imesp.org.br. Acesso em: 21 nov. 2013 (adaptado).

A orientação adotada por esse parecer fundamenta uma política pública e associa o princípio da inclusão social a:

- práticas de valorização identitária.
- medidas de compensação econômica.
- dispositivos de liberdade de expressão.
- estratégias de qualificação profissional.
- instrumentos de modernização jurídica.

○ **19. (ENEM)** A Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, inclui no currículo dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e determina que o conteúdo programático incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, além de instituir, no calendário escolar, o dia 20 de novembro como data comemorativa do “Dia da Consciência Negra”.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 jul. 2010 (adaptado).

A referida lei representa um avanço não só para a educação nacional, mas também para a sociedade brasileira, porque:

- legitima o ensino das ciências humanas nas escolas.
- divulga conhecimentos para a população afro-brasileira.
- reforça a concepção etnocêntrica sobre a África e sua cultura.
- garante aos afrodescendentes a igualdade no acesso à educação.
- impulsiona o reconhecimento da pluralidade étnico-racial do país.

○ **20. (ENEM)** A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

A alteração legal no Brasil contemporâneo descrita no texto é resultado do processo de:

- aumento da renda nacional.
- mobilização do movimento negro.
- melhoria da infraestrutura escolar.
- ampliação das disciplinas obrigatórias.
- politização das universidades públicas.



○ **21. (ENEM)** O Movimento Negro Unificado (MNU) distingue-se do Teatro Experimental do Negro (TEN) por sua crítica ao discurso nacional hegemônico. Isto é, enquanto o TEN defende a plena integração simbólica dos negros na identidade nacional “híbrida”, o MNU condena qualquer tipo de assimilação, fazendo do combate à ideologia da democracia racial uma das suas principais bandeiras de luta, visto que, aos olhos desse movimento, a igualdade formal assegurada pela lei entre negros e brancos e a difusão do mito de que a sociedade brasileira não é racista teriam servido para sustentar, ideologicamente, a opressão racial.

COSTA, S. *Dois Atlânticos*: teoria social, antirracismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: UFMG, 2006 (adaptado).

No texto, são comparadas duas organizações do movimento negro brasileiro, criadas em diferentes contextos históricos: o TEN, em 1944, e o MNU, em 1978. Ao assumir uma postura divergente da do TEN, o MNU pretendia:

- pressionar o governo brasileiro a decretar a igualdade racial.
- denunciar a permanência do racismo nas relações sociais.
- contestar a necessidade da igualdade entre negros e brancos.
- defender a assimilação do negro por meios não democráticos.
- divulgar a ideia da miscigenação como marca da nacionalidade.

○ **22. (ENEM)**

Ô ô, com tanto pau no mato
Embaúba* é coroné
Com tanto pau no mato, ê ê
Com tanto pau no mato
Embaúba é coroné

*Embaúba: árvore comum e inútil por ser podre por dentro, segundo o historiador Stanley Stein.

STEIN, S. J. *Vassouras*: um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 (adaptado).

Os versos fazem parte de um jongo, gênero poético-musical cantado por escravos e seus descendentes no Brasil no século XIX, e procuram expressar a:

- exploração rural.
- bravura senhorial.
- resistência cultural.
- violência escravista.
- ideologia paternalista.

○ **23. (ENEM)** Na antiga Vila de São José del Rei, a atual cidade de Tiradentes (MG), na primeira metade do século XVIII, mais de cinco mil escravos trabalhavam na mineração aurífera. Construíram sua capela, dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Na fachada, colocaram um oratório com a imagem de São Benedito. A comunidade do século XVIII era organizada mediante a cor, por isso cada grupo tinha sua irmandade: a dos brancos, dos crioulos, dos mulatos, dos pardos. Em cada localidade se construía uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Com a decadência da mineração, a população negra foi levada para arraiais com atividades lucrativas diversas. Eles se foram e ficou a igreja. Mas, hoje, está sendo resgatada a festa do Rosário e o Terno de Congado.

CRUZ, L. *Fé e identidade cultural*. Disponível em: www.revistadehistoria.com.br. Acesso em: 4 jul. 2012.

Na lógica analisada, as duas festividades retomadas recentemente, na cidade mineira de Tiradentes, têm como propósito:

- valorizar a cultura afrodescendente e suas tradições religiosas.
- retomar a veneração católica aos valores do passado colonial.
- reunir os elementos constitutivos da história econômica regional.

d) combater o preconceito contra os adeptos do catolicismo popular.

e) produzir eventos turísticos voltados a religiões de origem africana.

○ **24. (ENEM)** A comunidade de Mumbuca, em Minas Gerais, tem uma organização coletiva de tal forma expressiva que coopera para o abastecimento de mantimentos da cidade do Jequitinhonha, o que pode ser atestado pela feira aos sábados. Em Campinho da Independência, no Rio de Janeiro, o artesanato local encanta os frequentadores do litoral sul do estado, além do ressurto quilombola que atende aos turistas.

ALMEIDA, A. W. B. (Org.). *Cadernos de debates nova cartografia social: Territórios quilombolas e conflitos*. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2010 (adaptado).

No texto, as estratégias territoriais dos grupos de remanescentes de quilombo visam garantir:

- Perdão de dívidas fiscais.
- Reserva de mercado local.
- Inserção econômica regional.
- Protecionismo comercial tarifário.
- Benefícios assistenciais públicos.

○ **25. (ENEM-2020)** “Em escala, o negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca. A forma desse racismo no Brasil decorre de uma situação em que a mestiçagem não é punida, mas louvada. Com efeito, as uniões inter-raciais, aqui, nunca foram tidas como crime ou pecado. Nós surgimos, efetivamente, do cruzamento de uns poucos brancos com multidões de mulheres índias e negras.”

(RIBEIRO, D. O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2004 (adaptado).)

Considerando o argumento apresentado, a discriminação racial no Brasil tem como origem:

- identidades regionais.
- segregação oficial.
- vínculos matrimoniais.
- traços fenotípicos.
- status ocupacional.

○ **26. (ENEM-2023)** Superar a história da escravidão como principal marca da trajetória do negro no país tem sido uma tônica daqueles que se dedicam a pesquisar as heranças de origem afro à cultura brasileira. A esse esforço de reconstrução da própria história do país, alia-se agora a criação da plataforma digital Ancestralidades. “A história do negro no Brasil vai continuar sendo contada, e cada passo que a gente dá para trás é um passo que a gente avança”, diz Márcio Black, idealizador da plataforma, sobre o estudo de figuras ainda encobertas pela perspectiva histórica imposta pelos colonizadores da América.

FIORATI, G. Projeto joga luz sobre negros e revê perspectiva histórica. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 10 nov. 2021 (adaptado).

Em relação ao conhecimento sobre a formação cultural brasileira, iniciativas como a descrita no texto favorecem o(a)

- recuperação do tradicionalismo.
- estímulo ao antropocentrismo.
- reforço do etnocentrismo.
- resgate do teocentrismo.
- crítica ao eurocentrismo.



○ **27. (ENEM)** Os holandeses desembarcaram em Pernambuco no ano de 1630, em nome da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), e foram aos poucos ocupando a costa que ia da foz do Rio São Francisco ao Maranhão, no atual Nordeste brasileiro. Eles chegaram ao ponto de destruir Olinda, antiga sede da capitania de Duarte Coelho, para erguer uma pequena Amsterdã.

NASCIMENTO, R. L. X. *A toque de caixas*. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 6, n. 70, jul. 2011.

Do ponto de vista econômico, as razões que levaram os holandeses a invadirem o nordeste da Colônia decorriam do fato de que essa região:

- a) era a mais importante área produtora de açúcar na América portuguesa.
- b) possuía as mais ricas matas de pau-brasil no litoral das Américas.
- c) contava com o porto mais estratégico para a navegação no Atlântico Sul.
- d) representava o principal entreposto de escravos africanos para as Américas.
- e) constituía um reduto de ricos comerciantes de açúcar de origem judaica.

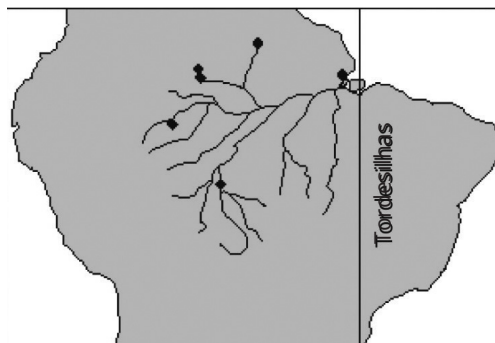
○ **28. (ENEM)** O Brasil oferece grandes lucros aos portugueses. Em relação ao nosso país, verificar-se-á que esses lucros e vantagens são maiores para nós. Os açúcares do Brasil, enviados diretamente ao nosso país, custarão bem menos do que custam agora, pois que serão libertados dos impostos que sobre eles se cobram em Portugal, e, dessa forma, destruiremos seu comércio de açúcar. Os artigos europeus, tais como tecidos, pano etc., poderão, pela mesma razão, ser fornecidos por nós ao Brasil muito mais baratos; o mesmo se dá com a madeira e o fumo.

WALBEECK, J. *Documentos Holandeses*. Disponível em: <http://www.mc.unicamp.br>.

O texto foi escrito por um conselheiro político holandês no contexto das chamadas Invasões Holandesas (1624-1654), no Nordeste da América Portuguesa, que resultaram na ocupação militar da capitania de Pernambuco. O conflito se inicia em um período em que Portugal e suas colônias, entre elas o Brasil, se encontravam sob domínio da Espanha (1580-1640). A partir do texto, qual o objetivo dos holandeses com essa medida?

- a) Construir uma rede de refino e distribuição do açúcar no Brasil, levando vantagens sobre os concorrentes portugueses.
- b) Garantir o abastecimento de açúcar no mercado europeu e oriental, ampliando as áreas produtoras de cana fora dos domínios lusos.
- c) Romper o embargo espanhol imposto aos holandeses depois da União Ibérica, ampliando os lucros obtidos com o comércio açucareiro.
- d) Incentivar a diversificação da produção do Nordeste brasileiro, aumentando a inserção dos holandeses no mercado de produtos manufaturados.
- e) Dominar uma região produtora de açúcar mais próxima da Europa do que as Antilhas Holandesas, facilitando o escoamento dessa produção.

○ **29. (ENEM)** O mapa apresenta parte do contorno da América do Sul, destacando a bacia amazônica. Os pontos assinalados representam fortificações militares instaladas no século XVIII pelos portugueses. A linha indica o Tratado de Tordesilhas revogado pelo Tratado de Madri, apenas em 1750.



Adaptado de Carlos de Meira Mattos. Geopolítica e teoria de fronteiras.

Pode-se afirmar que a construção dos fortes pelos portugueses visava, principalmente, dominar:

- a) militarmente a bacia hidrográfica do Amazonas.
- b) economicamente as grandes rotas comerciais.
- c) as fronteiras entre nações indígenas.
- d) o escoamento da produção agrícola.
- e) o potencial de pesca da região.

○ **30. (ENEM)** Os tropeiros foram figuras decisivas na formação de vilarejos e cidades do Brasil colonial. A palavra tropeiro vem de "tropa" que, no passado, se referia ao conjunto de homens que transportava gado e mercadoria. Por volta do século XVIII, muita coisa era levada de um lugar a outro no lombo de mulas. O tropeirismo acabou associado à atividade mineradora, cujo auge foi a exploração de ouro em Minas Gerais e, mais tarde, em Goiás. A extração de pedras preciosas também atraiu grandes contingentes populacionais para as novas áreas e, por isso, era cada vez mais necessário dispor de alimentos e de produtos básicos. A alimentação dos tropeiros era constituída por toucinho, feijão preto, farinha, pimenta-do-reino, café, fubá e coité (um molho de vinagre com fruto cáustico espremido). Nos pausos, os tropeiros comiam feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho, que era servido com farofa e couve picada. O feijão tropeiro é um dos pratos típicos da cozinha mineira e recebe esse nome porque era preparado pelos cozinheiros das tropas que conduziam o gado.

Disponível em <http://www.tribunadoplanalto.com.br>. Acesso em: 27 nov. 2008.

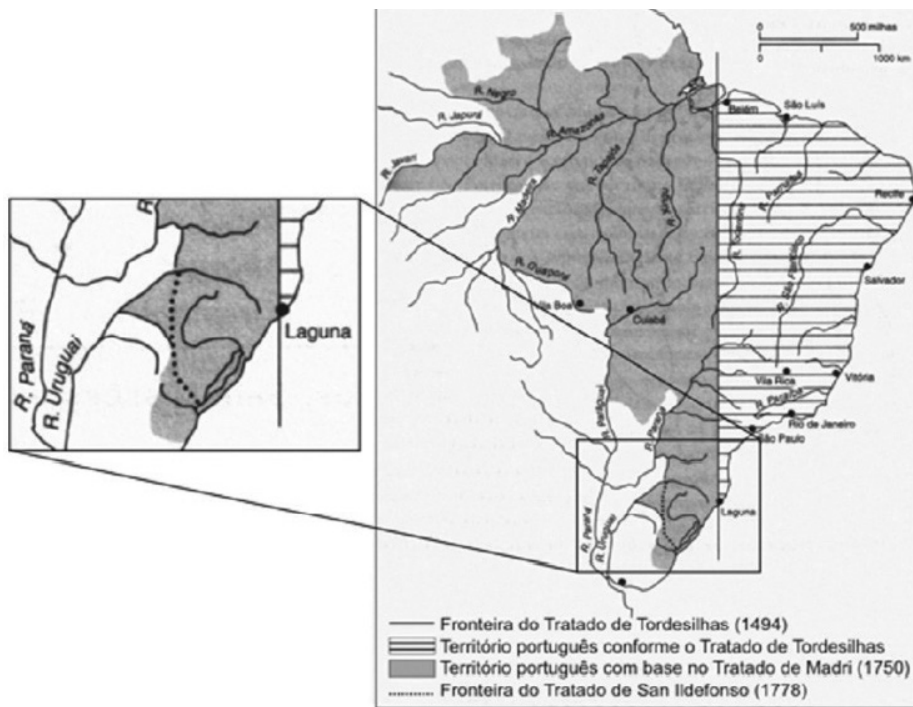
A criação do feijão tropeiro na culinária brasileira está relacionada à:

- a) atividade comercial exercida pelos homens que trabalhavam nas minas.
- b) atividade culinária exercida pelos moradores cozinheiros que viviam nas regiões das minas.
- c) atividade mercantil exercida pelos homens que transportavam gado e mercadoria.
- d) atividade agropecuária exercida pelos tropeiros que necessitavam dispor de alimentos.
- e) atividade mineradora exercida pelos tropeiros no auge da exploração do ouro.



○ **31. (ENEM)** As terras brasileiras foram divididas por meio de tratados entre Portugal e Espanha. De acordo com esses tratados, identificados no mapa, conclui-se que:

- a) Portugal, pelo Tratado de Tordesilhas, detinha o controle da foz do rio Amazonas.
- b) o Tratado de Tordesilhas utilizava os rios como limite físico da América portuguesa.
- c) o Tratado de Madri reconheceu a expansão portuguesa além da linha de Tordesilhas.
- d) Portugal, pelo Tratado de San Ildefonso, perdia territórios na América em relação ao de Tordesilhas.
- e) o Tratado de Madri criou a divisão administrativa da América Portuguesa em Vice-Reinos Oriental e Ocidental.



BETHEL, L. História da América. V. I. São Paulo: Edusp, 1997.

○ **32. (ENEM-2020)** “Uma sombra pairava sobre as tão esperadas descobertas auríferas: a multidão de aventureiros que se espalhara por serras e grotões mostrava-se criminosa e desobediente aos ditames da Coroa ou da Igreja. Carregavam consigo tantos escravos que o preço da mão de obra começara a aumentar na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Ao fim de dez anos, a tensão entre paulistas e forasteiros, entre autoridades e mineradores, só fazia aumentar.”

(DEL PRIORE, M.; VENÂNCIO, R. Uma breve história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2010.)

No contexto abordado, do início do século XVIII, a medida tomada pela Coroa lusitana visando garantir a ordem na região foi a:

- a) regulamentação da exploração do trabalho.
- b) proibição da fixação de comerciantes.
- c) fundação de núcleos de povoamento.
- d) revogação da concessão de lavras.
- e) criação das intendências das minas.

○ **33. (ENEM-2020)** “A Inglaterra não só os produzia em condições técnicas mais avançadas do que o resto dos países, como os transportava e distribuía. Tinha, pois, necessidades de mercados, e foi por isso que se esforçou, naquela etapa de sua história, para criá-los e desenvolvê-los. O Tratado de Methuen em 1703 estabelecia a compra dos tecidos ingleses por parte de Portugal, enquanto a Inglaterra se comprometia a adquirir a produção vinícola dos lusitanos.”

(SODRÉ, N. W. As razões da independência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969 (adaptado).)

No contexto político-econômico da época, esse tratado teve como consequência para os britânicos a:

- a) aplicação de práticas liberais.
- b) estagnação de superávit mercantil.
- c) obtenção de privilégios comerciais.
- d) promoção de equidade alfandegária.
- e) equiparação de reservas monetárias.



○ **34. (ENEM)** É preciso ressaltar que, de todas as capitânias brasileiras, Minas era a mais urbanizada. Não havia ali hegemonia de um ou dois grandes centros. A região era repleta de vilas e arraiais, grandes e pequenos, em cujas ruas muita gente circulava.

PAIVA, E. F. *O ouro e as transformações na sociedade colonial*. São Paulo: Atual, 1998.

As regiões da América portuguesa tiveram distintas lógicas de ocupação. Uma explicação para a especificidade da região descrita no texto está identificada na:

- a) apropriação cultural diante das influências externas.
- b) produção manufatureira diante do exclusivo comercial.
- c) insubordinação religiosa diante da hierarquia eclesiástica.
- d) fiscalização estatal diante das particularidades econômicas.
- e) autonomia administrativa diante das instituições metropolitanas.

○ **35. (ENEM)** A partir da segunda metade do século XVIII, o número de escravos recém-chegados cresce no Rio e se estabiliza na Bahia. Nenhum lugar servia tão bem à recepção de escravos quanto o Rio de Janeiro.

FRANÇA, R. *O tamanho real da escravidão*. O Globo, 5 abr. 2015 (adaptado).

Na matéria, o jornalista informa uma mudança na dinâmica do tráfico atlântico que está relacionada à seguinte atividade:

- a) Coleta de drogas do sertão.
- b) Extração de metais preciosos.
- c) Adoção da pecuária extensiva.
- d) Retirada de madeira do litoral.
- e) Exploração da lavoura de tabaco.

○ **36. (ENEM-2023)** Seda, madeiras aromáticas e têxteis, obras de arte, lã, cristais e muitas, muitas peças de porcelana chegaram ao Brasil ao longo dos séculos XVII e XVIII. A opulência proporcionada pelo ouro fez com que esses itens fossem ainda mais presentes em cidades mineiras como Ouro Preto, Mariana e Sabará. Esses objetos inspiraram a criação das chinesices, termo que designa um tipo de arte que evoca motivos chineses, presentes em várias igrejas barrocas de Minas Gerais. No Brasil, é bem provável que a inspiração para as pinturas nas igrejas barrocas com pássaros, elefantes, tigres, mandarins e pagodes tenha sido tirada de gravuras, tecidos, móveis e, principalmente, das porcelanas chinesas que circulavam livremente em uma sociedade enriquecida pelo comércio do ouro e pedras preciosas.

MARIUZZO, P. *Estudos interdisciplinares ampliam conhecimento sobre chinesice no barroco mineiro*. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em: 23 nov. 2021 (adaptado).

O desenvolvimento do processo artístico descrito no texto foi possível pelo(a)

- a) representação arquitetônica.
- b) intercâmbio transcontinental.
- c) dependência econômica.
- d) intervenção estatal.
- e) padrão estético.

○ **37. (ENEM)** Próximo da Igreja dedicada a São Gonçalo deparamo-nos com uma impressionante multidão que dançava ao som de suas violas. Tão logo viram o Vice-Rei, cercaram-no e obrigaram a dançar e pular, exercício violento e pouco apropriado tanto para sua idade quanto posição. Tivemos nós mesmos que entrar na dança, por bem ou por mal, e não deixou de ser interessante ver numa igreja padres, mulheres, frades, cavalheiros e escravos a dançar e pular misturados, e a gritar a plenos pulmões “Viva São Gonçalo do Amarante”.

Barbinais, Le Gentil. *Nouveau Voyage autour du monde*. Apud: TINHORÃO, J. R. *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. 34, 2000 (adaptado).

O viajante francês, ao descrever suas impressões sobre uma festa ocorrida em Salvador, em 1717, demonstra dificuldade em entendê-la, porque, como outras manifestações religiosas do período colonial, ela:

- a) seguia os preceitos advindos da hierarquia católica romana.
- b) demarcava a submissão do povo à autoridade constituída.
- c) definia o pertencimento dos padres às camadas populares.
- d) afirmava um sentido comunitário de partilha da devoção.
- e) harmonizava as relações sociais entre escravos e senhores.

○ **38. (ENEM-2021)** “Eu, Dom João, pela graça de Deus, faço saber a V. Mercê que me aprouve banir para essa cidade vários ciganos – homens, mulheres e crianças – devido ao seu escandaloso procedimento neste reino. Tiveram ordem de seguir em diversos navios destinados a esse porto, e, tendo eu proibido, por lei recente, o uso da sua língua habitual, ordeno a V. Mercê que cumpra essa lei sob ameaça de penalidades, não permitindo que ensinem dita língua a seus filhos, de maneira que daqui por diante o seu uso desapareça.”

(TEIXEIRA, R. C. *História dos ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.)

A ordem emanada da Coroa portuguesa para sua colônia americana, em 1718, apresentava um tratamento da identidade cultural pautado em:

- a) converter grupos infiéis à religião oficial.
- b) suprimir formas divergentes de interação social.
- c) evitar envolvimento estrangeiro à economia local.
- d) reprimir indivíduos engajados em revoltas nativistas.
- e) controlar manifestações artísticas de comunidades autóctones.

Anotações:



○ 39. (ENEM)



DEBRET, J. B.; SOUZA, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

A imagem retrata uma cena da vida cotidiana dos escravos urbanos no início do século XIX. Lembrando que as atividades desempenhadas por esses trabalhadores eram diversas, os escravos de aluguel representados na pintura:

- a) vendiam a produção da lavoura cafeeira para os moradores das cidades.
- b) trabalhavam nas casas de seus senhores e acompanhavam as donzelas na rua.
- c) realizavam trabalhos temporários em troca de pagamento para os seus senhores.
- d) eram autônomos, sendo contratados por outros senhores para realizarem atividades comerciais.
- e) aguardavam a sua própria venda após desembarcarem no porto.

○ 40. (ENEM-2020) “As pessoas do Rio de Janeiro se fazem transportar em cadeirinhas bem douradas sustentadas por negros. Esta cadeira é seguida por um ou dois negros domésticos, trajados de librés mas com os pés nus. Se é uma mulher que se transporta, ela tem frequentemente quatro ou cinco negras indumentadas com asseio; elas vão enfeitadas com muitos colares e brincos de ouro. Outras são levadas em uma rede. Os que querem andar a pé são acompanhados por um negro, que leva uma sombrinha ou guarda-chuva, como se queira chamar.”

(LARA, S. H. Fragmentos setecentistas. São Paulo: Cia. das Letras, 2007 (adaptado).)

Essas práticas, relatadas pelo capelão de um navio que ancorou na cidade do Rio de Janeiro em dezembro de 1748, simbolizavam o seguinte aspecto da sociedade colonial:

- a) A devoção de criados aos proprietários, como expressão da harmonia do elo patriarcal.
- b) A utilização de escravos bem-vestidos em atividades degradantes, como marca da hierarquia social.
- c) A mobilização de séquitos nos passeios, como evidência do medo da violência nos centros urbanos.
- d) A inserção de cativos na prestação de serviços pessoais, como fase de transição para o trabalho livre.
- e) A concessão de vestes opulentas aos agregados, como forma de amparo concedido pela elite senhorial.

○ 41. (ENEM) A experiência que tenho de lidar com aldeias de diversas nações me tem feito ver que nunca índio fez grande confiança de branco e, se isto sucede com os que estão já civilizados, como não sucederá o mesmo com esses que estão ainda brutos.

NORONHA, M. Carta a J. Caldeira Brant. 2 jan. 1751. Apud CHAIM, M. M. *Aldeamentos indígenas* (Goiás: 1749-1811). São Paulo: Nobel, Brasília: INL, 1983 (adaptado).

Em 1749, ao separar-se de São Paulo, a capitania de Goiás foi governada por D. Marcos de Noronha, que atendeu às diretrizes da política indigenista pombalina que incentivava a criação de aldeamentos em função:

- a) das constantes rebeliões indígenas contra os brancos colonizadores, que ameaçavam a produção de ouro nas regiões mineradoras.
- b) da propagação de doenças originadas do contato com os colonizadores, que dizimaram boa parte da população indígena.
- c) do empenho das ordens religiosas em proteger o indígena da exploração, o que garantiu a sua supremacia na administração colonial.
- d) da política racista da Coroa Portuguesa, contrária à miscigenação, que organizava a sociedade em uma hierarquia dominada pelos brancos.
- e) da necessidade de controle dos brancos sobre a população indígena, objetivando sua adaptação às exigências do trabalho regular.

○ 42. (ENEM) A África Ocidental é conhecida pela dinâmica das suas mulheres comerciantes, caracterizadas pela perícia, autonomia e mobilidade. A sua presença, que fora atestada por viajantes e por missionários portugueses que visitaram a costa a partir do século XV, consta também na ampla documentação sobre a região. A literatura é rica em referências às grandes mulheres como as vendedoras ambulantes, cujo jeito para o negócio, bem como a autonomia e mobilidade, é tão típico da região.

HAVIK, P. Dinâmicas e assimetrias afro-atlânticas: a agência feminina e representações em mudança na Guiné (séculos XIX e XX). In: PANTOJA, S. (Org.). *Identidades, memórias e histórias em terras africanas*. Brasília: LGE; Luanda: Nzila, 2006.

A abordagem realizada pelo autor sobre a vida social da África Ocidental pode ser relacionada a uma característica marcante das cidades no Brasil escravista nos séculos XVIII e XIX, que se observa pela:

- a) restrição à realização do comércio ambulante por africanos escravizados e seus descendentes.
- b) convivência entre homens e mulheres livres, de diversas origens, no pequeno comércio.
- c) presença de mulheres negras no comércio de rua de diversos produtos e alimentos.
- d) dissolução dos hábitos culturais trazidos do continente de origem dos escravizados.
- e) entrada de imigrantes portugueses nas atividades ligadas ao pequeno comércio urbano.

○ 43. (UFSM) Comercializavam-se alimentos produzidos na região e produtos importados [...]. Dentre os produtos produzidos na colônia, destacavam-se a farinha de mandioca, de milho e de trigo, feijão, açúcar, rapadura, aguardente, toucinho, charque e carne fresca [...] peixe seco e fresco. Dentre os produtos importados, os de maior procura eram vinagre, azeite, vinho, bacalhau, azeitonas, pimenta-do-reino, especiarias [...] e sal.

Fonte: BRAICK e MOTA. *História: das cavernas ao Terceiro Milênio*. Vol. 2. São Paulo: Moderna, 2010. p. 84.

Assim, aponte a afirmativa correta, quanto à situação brasileira no período colonial.

- a) O domínio da grande propriedade rural conviveu com a existência de produção agrícola em pequenos lotes de terras.
- b) A estrutura produtiva colonial era exclusivamente voltada para atender à demanda europeia.
- c) Devido ao caráter complementar da economia colonial, era inexistente um mercado interno na colônia.
- d) O sistema de monopólio reconfigurava a dieta dos colonos, obrigando-os a abandonar os alimentos tradicionais de Portugal.
- e) Com a incorporação do Rio Grande do Sul ao Império português, a dieta colonial incluiu maior quantidade de consumo de carne bovina.



○ 44. (UFSM)



CARNEIRO, G. ABC do Capitalismo: economia de mercado para principiantes. São Paulo: CARTGRAF, 1986, p. 101. (adaptado)

Analise a figura e assinale verdadeira (V) ou falsa (F) nas afirmativas a seguir.

- () A hegemonia de Portugal no século XVI resultou do aprimoramento da tecnologia náutica e das técnicas de navegação, bem como do êxito da empresa colonial baseada na produção açucareira em terras americanas.
- () O domínio das técnicas de refino do açúcar e o controle de importantes mercados europeus para a distribuição desse produto permitiram aos holandeses uma associação lucrativa com os lusitanos em terras americanas.
- () A constante pressão holandesa para dinamizar e modernizar a produção açucareira, substituindo, no trabalho, os escravos por trabalhadores assalariados, acelerou a decadência da colônia e facilitou a invasão espanhola no nordeste brasileiro.
- () O desenvolvimento da produção industrial no século XVIII, caracterizado pela revolução das máquinas, pelo domínio dos processos de fabricação e das forças motrizes, permitiu à Inglaterra assumir a hegemonia econômica da Europa e do mundo.

A sequência correta é

- a) V - V - F - V.
 b) V - F - F - V.
 c) F - F - V - F.
 d) F - F - V - V.
 e) V - V - V - F.

○ 45. (UFSM) Segundo João Silvério Trevisan, em "Devassos no Paraíso", a Inquisição, em Portugal e colônias, teria processado 40.000 pessoas, queimado 1.808 nas fogueiras e condenado 29.560 a outras punições. Sobre a Inquisição, é correto afirmar:

- I. Durante a primeira metade do século XVIII, ocorreu o maior número de perseguições no Brasil, época em que a extração do ouro era uma importante atividade da economia colonial.
- II. O medo da ação dos inquisidores ou o desejo de vingança levou as pessoas a confessarem ou delatarem outras pessoas.
- III. O Tribunal Inquisitorial vigiava práticas heréticas, bruxaria e costumes, como andar nu e pintar o corpo.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
 b) apenas II.
 c) apenas III.
 d) apenas II e III.
 e) I, II e III.

○ 46. (UFSM) O estudo da história das relações entre o trabalho e o meio ambiente, nos primeiros séculos de colonização portuguesa no território brasileiro, permite afirmar:

- I. A devastação da Mata Atlântica começou com a chegada dos lusitanos que, utilizando o trabalho dos índios, provocaram a derrubada de, pelo menos, dois milhões de árvores para o comércio do pau-brasil.
- II. A efetiva colonização portuguesa, baseada na *plantation* canieira, causou um imenso dano ambiental e humano ao devastar grandes extensões da Zona da Mata Nordeste, dizimar ou expulsar as populações nativas dessas áreas e aumentar o contingente de trabalhadores traficados da África.
- III. A economia da mineração caracterizou-se não só por causar quase insignificante dano ambiental, como também por permitir a diminuição da exploração do trabalhador escravo, pois a sociedade das minas se tornava mais urbana, mais permeável e menos hierarquizada.
- IV. A Igreja cristã, inspirada na tradição de São Francisco de Assis, manteve uma atitude de defesa das florestas, dos animais e dos seres humanos, não só denunciando as guerras contra os índios, como também condenando os senhores que maltratavam seus escravos.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
 b) apenas I e III.
 c) apenas I e IV.
 d) apenas II e III.
 e) apenas III e IV.

○ 47. (UFSM) Observe este trecho da música "Quilombo, o eldorado negro", composta em 1983 por Waly Salomão (letra) e Gilberto Gil (letra e música):

Existiu
 Um eldorado negro no Brasil
 Existiu
 Como o clarão que o sol da liberdade produziu
 Refletiu
 A luz da liberdade, o fogo santo de Olorum
 Reviveu
 A utopia um por todos e todos por um

A história do Quilombo de Palmares, que se desenvolveu no nordeste do Brasil colonial do século XVII, simboliza essa utopia de um verdadeiro "eldorado negro", porque



I. possuía um regime de uso comunal da terra e dos produtos obtidos através da agricultura diversificada, da caça, da pesca, do artesanato e da metalurgia.

II. formou uma sociedade que incluía todas as etnias oprimidas e marginalizadas, isto é, negros, índios, brancos e mestiços.

III. elaborou uma linguagem caracterizada por um sincretismo de elementos das línguas africanas, do português e do tupi.

IV. criou uma religião sem casta sacerdotal que fundia elementos das crenças africanas, do catolicismo popular dos portugueses e das religiões indígenas.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) I, II, III e IV.

○ 48. (UFSM)

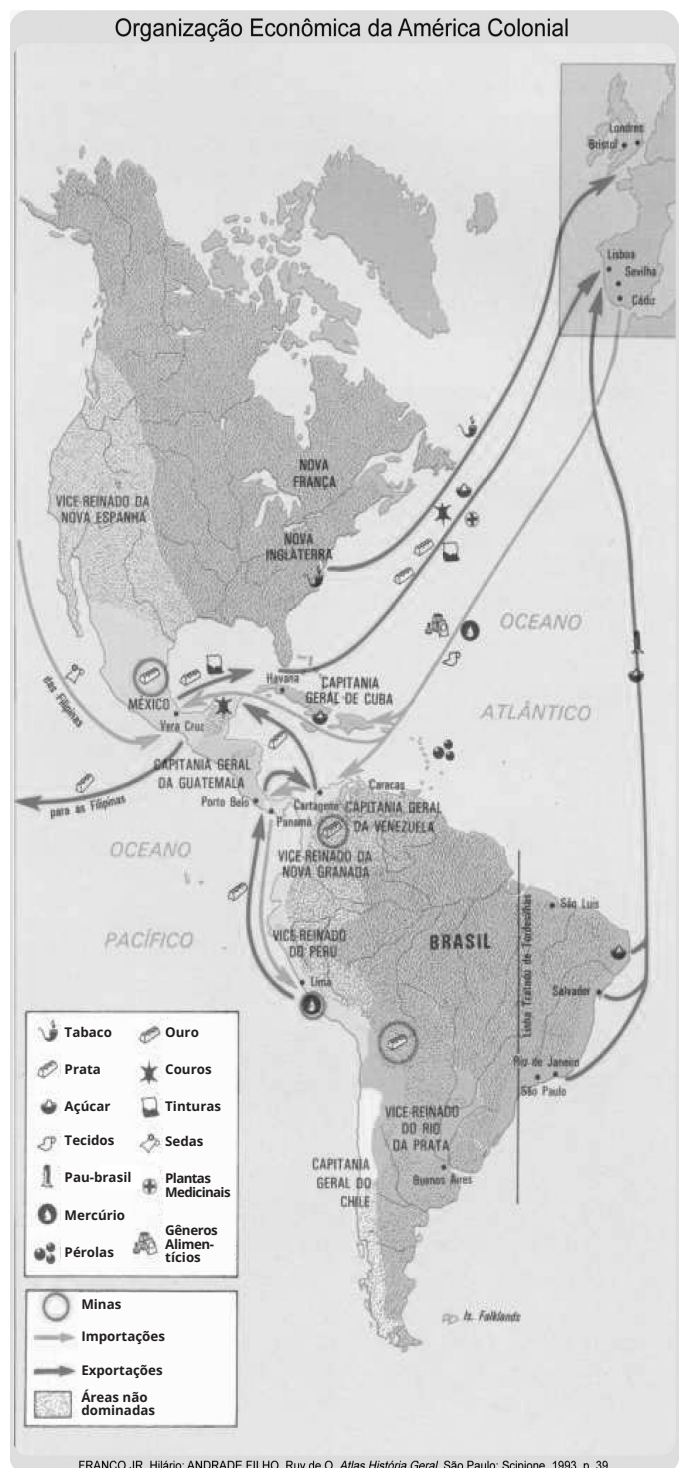


MARCOS ALVES MORATO/EDITPRA ABRIL

A igreja de São Francisco (foto), construída em Ouro Preto no século XVIII, é um marco do barroco e da arquitetura brasileira. O contexto histórico que explica a realização dessa obra é criado pelo(a)

- a) crise do sistema colonial e eclosão das revoltas regenciais.
- b) deslocamento do centro administrativo da Colônia para a cidade de Ouro Preto.
- c) exploração econômica das minas de ouro e consolidação da agricultura canieira.
- d) ciclo da mineração e decorrente diversificação do sistema produtivo.
- e) distanciamento em relação à autoridade colonial e conseqüente maior liberdade de expressão.

○ 49. (UFSM)





Analise as afirmativas a seguir.

I. Na América, o impulso do desenvolvimento tecnológico que caracterizou o humanismo renascentista influenciou a implantação de eficientes sistemas produtivos minerais e agrícolas, dotados de modernas máquinas que utilizavam escassa mão de obra escrava.

II. Na América portuguesa, a economia mineradora expandiu a colonização para o interior e envolveu trabalhadores escravos negros que, em muitos casos, possuíam experiência de metalurgia adquirida na África.

III. Na América colonial espanhola, os principais centros da economia mineradora utilizaram amplamente a mão de obra indígena, pois se localizaram nas regiões em que ocorreram a conquista e a destruição da Confederação Asteca, no altiplano mexicano, e do Império Inca, na América do Sul andina.

IV. A crise do sistema colonial afetou sobretudo o setor tecnológico, pois as modernas máquinas que as elites econômicas importaram da Revolução Industrial Inglesa não encontraram, nas áreas coloniais, mão de obra qualificada para operá-las, resultando em perdas econômicas, endividamento, crise de produção e rebeliões populares.

Estão corretas

- a) apenas I e II.
- b) apenas II e III.
- c) apenas I e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) I, II, III e IV.



GABARITO

• Habilidades à prova

Unidade 1

1. B	13. D	25. E	37. A
2. C	14. B	26. A	38. C
3. D	15. B	27. C	39. A
4. C	16. E	28. E	40. E
5. A	17. A	29. E	41. C
6. A	18. E	30. E	42. D
7. E	19. B	31. D	43. D
8. D	20. E	32. B	44. C
9. D	21. E	33. D	
10. C	22. C	34. D	
11. B	23. D	35. C	
12. B	24. A	36. B	

Unidade 2

1. C	8. C	15. C	22. D
2. A	9. A	16. A	23. D
3. B	10. D	17. D	24. E
4. A	11. C	18. E	25. A
5. C	12. E	19. B	
6. A	13. C	20. D	
7. E	14. B	21. A	

Unidade 3

1. B	15. A	29. A	43. A
2. A	16. C	30. C	44. A
3. C	17. D	31. C	45. E
4. B	18. A	32. E	46. A
5. D	19. E	33. C	47. B
6. E	20. B	34. D	48. D
7. B	21. B	35. B	49. B
8. C	22. C	36. B	
9. C	23. A	37. D	
10. E	24. C	38. B	
11. A	25. D	39. C	
12. E	26. E	40. B	
13. B	27. A	41. E	
14. D	28. C	42. C	

Anotações: